

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação
Faculdade de Educação



Dissertação

**Aspectos socioeconômicos e de (não)escolaridade dos
moradores do Paredão e da Costa Bica (Piratini, RS)**

Darlene Rosa da Silva

Pelotas, 2010

DARLENE ROSA DA SILVA

**Aspectos socioeconômicos e de (não)escolaridade dos moradores do Paredão
e da Costa Bica (Piratini, RS)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de Pelotas, como
requisito parcial à obtenção do título de Mestre
em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Peres

Pelotas, 2010

Banca examinadora:

Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle (PPGMSPC - ICH - UFPel)

Profa. Dra. Eliane Peres (UFPel) – Orientadora

Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi (UFPel)

Profa. Dra. Lúcia Maria Vaz Peres (UFPel)

*A Helena, minha mãe,
(in memorian)*

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível por ter contado com a colaboração de pessoas muito especiais, as quais fazem parte da minha história. Sem necessariamente obedecer a alguma ordem, agradeço:

Aos moradores das localidades do Paredão e da Costa do Bica, pessoas que contribuíram efetivamente para a concretização desta dissertação, agradeço pela disponibilidade e confiança e por serem, juntamente comigo, autores desta investigação. Sem essas pessoas, este trabalho não se realizaria.

A minha mãe, que sempre acreditou em mim, que lutou para a efetivação de meus sonhos, e cujos valiosos ensinamentos continuam presentes em todos os momentos de minha vida, mesmo após seu falecimento.

Ao meu pai, pelo esforço cotidiano e pelo amor a mim dedicado, por possibilitar a minha caminhada até aqui, por sempre se mostrar disposto a me servir um bom chimarrão.

Ao meu irmão Gilson e a minha cunhada Vera, que na ocasião do falecimento de minha mãe foram morar comigo e com o meu pai, cuidando de nossa casa e de nós com amor e dedicação, para que eu pudesse dedicar-me aos estudos.

A minha sobrinha e afilhada, Isabelli, alegria de nossas vidas, que sempre entendeu minhas ausências nas brincadeiras de faz de conta.

Ao Fábio, meu namorado, pelo apoio e amor que tanto me conforta. Doce presença, que, por ser companheiro e por acreditar em meus sonhos, sempre compreendeu minhas ausências e cansaços, impulsionando-me a seguir em frente.

À Profa. Dra. Eliane Peres, minha orientadora, por sua amizade, dedicação, estímulo nos diversos momentos desta caminhada, por seus conselhos, pela orientação atenciosa, instigadora, rigorosa, pelo norte em todos os momentos de tempestade, e, sobretudo, pela paciência nas revisões deste trabalho. Foram muitos aprendizados nesta caminhada.

Às Profas. Dra. Lúcia Maria Vaz Peres e Dra. Clarice Traversini e ao Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi, pela cuidadosa leitura e pelos incentivos na fase da qualificação deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle, pela disponibilidade em ler esta dissertação no momento da defesa.

Aos colegas do grupo História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – HISALES –, em especial aos colegas de Mestrado e Doutorado, orientandas e orientando da Profa. Dra. Eliane Peres, pelas discussões sempre intensas, pelo apoio, pelas valiosas contribuições e, ainda, pelos almoços regados a muitas risadas.

Às amigas Lisiane Manke, Vania Thies e Roselusia Moraes, pela importante presença em momentos difíceis que tive em minha vida.

Ao amigo Dirlei Pereira, pelas tantas conversas sobre este trabalho e pelo aprendizado que partilhamos.

A minha sogra, Iranda, e a meu sogro, Clair, pelo apoio e amizade em todos os momentos.

Ao ex-prefeito do Município de Piratini, Francisco de Assis Cardoso Luçardo, pelo interesse e colaboração na realização da pesquisa.

Aos motoristas da Prefeitura Municipal de Piratini, Robinson e Flávio, pela colaboração e estímulo nos momentos de cansaço no desenvolvimento da pesquisa de campo.

Às amigas Aline, Eloísa e Júlia, auxiliares de investigação, que me acompanharam na pesquisa de campo.

Às amigas Lisiane Funari, Karen Vaz e Cíntia Toralles, que sempre me apoiaram e entenderam minhas ausências nos jantares entre amigas.

A Deus, que colocou estas pessoas tão especiais em minha vida.

Resumo

SILVA, Darlene Rosa da. **Aspectos socioeconômicos e de (não)escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa Bica (Piratini, R/S)**. 2010, 150f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Este estudo, uma investigação quali-quantitativa, tem como objetivo apresentar as condições socioeconômicas e de (não)escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica (Piratini, R/S). O trabalho de campo desenvolveu-se nos meses de janeiro e fevereiro do ano de 2008, quando foram visitadas 114 famílias, sendo 57 na localidade do Paredão e 57 na Costa do Bica. O material de coleta de dados utilizado consistiu principalmente em entrevista estruturada. Através da entrevista estruturada, pôde-se mapear dados de 344 pessoas, sendo que as/os responsáveis pela (auto)declaração de informações desse número total foram as 114 pessoas que se disponibilizaram a responder as questões, bem como a assinar a autorização para o uso público das informações coletadas. As informações constantes na entrevista e apresentadas neste trabalho versam sobre a condição socioeconômica dos moradores do Paredão e da Costa do Bica e sobre a (não)escolaridade, foco central da dissertação. Com relação aos dados sobre a (não) escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa Bica, quatro eixos básicos foram apresentados: os que não estavam em idade escolar; os que estavam matriculados na Rede Municipal ou Estadual de Ensino; os que não frequentavam mais a escola e os que nunca frequentaram a escola. As análises, que focalizaram principalmente aqueles com idade superior a 15 anos de idade, estão apoiadas em teóricos como Ferraro (1999; 2002; 2004), Galvão (2007), Pinto (2000), Ribeiro (1997; 2004; 2006), dentre outros. Os dados coletados através da entrevista estruturada revelaram que, entre as pessoas com 15 anos ou mais, 40% são analfabetos. As análises realizadas trouxeram indícios de que o analfabetismo nas localidades citadas está relacionado a fatores sociais, históricos e educacionais. Além do analfabetismo, foi constatado, dentre outros aspectos, que as crianças em idade escolar obrigatória frequentam a instituições públicas de ensino, porém aqueles com idade superior a 14 anos, fora da obrigatoriedade, vivenciam processos de exclusão escolar, uma vez que as escolas não oportunizam meios para a permanência desses estudantes oriundos da zona rural.

Palavras-Chave: condição socioeconômica; (não)escolaridade; analfabetismo

Abstract

SILVA, Darlene Rosa da. **Social and economical aspects of non-schooling of people who live in Paredão and Costa do Bica (Piratini, RS)**. 2010. 151f. Dissertation (Master's thesis) - Education Post-Graduation Program – Education College – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

This study is a qualitative and quantitative investigation. It has the aim to show the social and economic conditions, as well as the non-schooling, of people who live in Paredão and Costa do Bica (Piratini, RS). The study was developed in the months of January and February of the year 2008, when 114 families were visited, being 57 in Paredão and 57 in Costa do Bica. The main source of data consisted in structured interviews. From the interviews it was possible to collect data from 344 people. The responsible ones for the information were the 144 people who were available to answer the questions, as well as they could sign the authorization for public use of the collected data. The constant information from interviews which are shown in this study are about the social and economical conditions of the people who live in Paredão and Costa do Bica, and it is also about the non-schooling - the main focus of the dissertation. According to the non-schooling data of the people who live in Paredão and Costa do Bica, four basic points were revealed: the ones who were not in school age; the ones who were already enrolled in the City and the State Public Schools; the ones who were not at school anymore; and ones who have never been to school. The analysis that focus mainly the ones who are more than fifteen years old, are based on Ferraro Ferraro (1999; 2002; 2004), Galvão (2007), Pinto (2000), Ribeiro (1997; 2004; 2006), theories, besides others. The collected data from the structured interviews reveal that among people who are 15 or more, 40% are illiterate. The analysis indicated that illiteracy, in the mentioned areas, is related to social, historical and educational factors. Besides illiteracy, it was noticed, among other aspects, that children in obligatory school age do attend teaching public institutions, however those ones who are more than fourteen years old, and out of the obligation to attend school, experience school exclusion processes, since the schools do not provide the students who come from rural areas, with opportunities for being kept at school.

Keywords: Social and economic conditions; non-schooling; illiteracy

Lista de Figuras

Figura 01	Mapa dos Distritos do Município de Piratini	24
Figura 02	Mapa das localidades: ênfase Paredão e Costa do Bica	25
Figura 03	Primeira residência visitada (Sr ^a . Tânia e o Sr. Ari)	32
Figura 04	Estrada principal da Costa do Bica	33
Figura 05	Continuação da estrada principal da Costa do Bica	33
Figura 06	Visualização de duas casas na Costa do Bica	34
Figura 07	Residência sustentada por madeiras para não dissipar-se pelo cerro	35
Figura 08	Possibilidades de trajeto na localidade Costa do Bica	37
Figura 09	Terras em declive	38
Figura 10	Casas localizadas no meio do cerro	39
Figura 11	Localização da escola	40
Figura 12	Percurso para chegar a uma residência	41
Figura 13	Porteira localizada na estrada principal	42
Figura 14	Algumas moradias em um corredor	43
Figura 15	Exemplo de trilha, percorrida a pé	44
Figura 16	Arroio Costa do Bica	45
Figura 17	Rio Camaquã	45
Figura 18	A estrada que seguimos a pé para chegar até as casas	48
Figura 19	Visão do local onde lanchamos	48
Figura 20	Última residência deste corredor	49
Figura 21	Subida que o motorista do carro da CEEE teve dificuldade de vencer	50

Figura 22	Senhor Joaquim	51
Figura 23	Trilha por onde passamos	52
Figura 24	Casa do Senhor Joaquim	54
Figura 25	Atravessando campos para chegar até as casas	55
Figura 26	Trajetos	55
Figura 27	Trajetos a partir da BR 392 e visualização das localidades pesquisadas	63
Figura 28	Total de moradores (344 pessoas)	68
Figura 29	Faixa etária do total das pessoas (344 pessoas)	68
Figura 30	(Auto)declaração da descendência étnica dos moradores (344 pessoas)	69
Figura 31	Profissão – gênero feminino (118 pessoas)	71
Figura 32	A prática de varrer o terreiro	72
Figura 33	Preparando a alimentação para os animais	72
Figura 34	Profissão – gênero masculino (140 pessoas)	74
Figura 35	Certidão de nascimento do Senhor Josino, na localidade do Paredão	76
Figura 36	Tempo de residência dos entrevistados (114 pessoas)	77
Figura 37	Material de construção das casas (114 famílias)	77
Figura 38	Casa de barro com cobertura de palha santa-fé	78
Figura 39	Casa de barro com reboco de cal e palha santa-fé	79
Figura 40	Estrutura das portas	80
Figura 41	Estrutura das portas e janelas	80
Figura 42	Senhora Nilza e Senhor Domingo	81
Figura 43	Desenhos pintados com argila e sobras de tinta	82
Figura 44	Banheiro no interior da casa (114 famílias)	83
Figura 45	Exemplo de vasilha adaptada para chuveiro	84

Figura 46	Banheiro construído no exterior da casa	85
Figura 47	Energia elétrica (114 casas)	85
Figura 48	Água encanada (114 casas)	86
Figura 49	Aparelho de TV (114 casas)	87
Figura 50	Antena parabólica instalada na casa do Senhor Oli	87
Figura 51	Computador sem a instalação elétrica	88
Figura 52	Rádio na residência das 114 famílias entrevistadas	89
Figura 53	Rádio antigo ainda em funcionamento, Senhor Vanderlei	89
Figura 54	Telefonia móvel (114 famílias)	90
Figura 55	Carro/moto (114 famílias)	91
Figura 56	Carreta puxada por bois	91
Figura 57	Geladeira nas 114 casas das famílias	92
Figura 58	Plantações (114 famílias)	92
Figura 59	(Não)escolaridade dos moradores do Paredão e Costa do Bica (344 pessoas)	95
Figura 60	(Não)escolaridade dos moradores do Paredão e Costa do Bica com 15 anos ou mais (282 pessoas)	98
Figura 61	Senhor Roseno	100
Figura 62	Relógio instalado na sala de estar	102
Figura 63	O casal João e Beloni em sua residência no ano 2000	103
Figura 64	O casal João e Beloni e a neta em sua residência no ano 2008	105
Figura 65	Escolaridade por gênero e faixa etária: 15 a 19 anos de idade	107
Figura 66	Escolaridade por gênero e faixa etária: 20 a 29 anos de idade	108
Figura 67	Escolaridade por gênero e faixa etária: 30 a 39 anos de idade	109
Figura 68	Escolaridade por gênero e faixa etária: 40 a 49 anos de idade	110
Figura 69	Escolaridade por gênero e faixa etária: 50 a 59 anos de idade	110

Figura 70	Escolaridade por gênero e faixa etária: 60 a 69 anos de idade	111
Figura 71	Dona Abrilina	119
Figura 72	Pessoas do gênero feminino e masculino matriculados no Ensino Fundamental (estudantes) ou que cursaram alguma série deste ensino	121
Figura 73	Realizando a entrevista	126
Figura 74	Residência do entrevistado	126
Figura 75	Bandeira do Brasil fixada na casa da família de Arizoli	133

Lista de Tabelas

Tabela 1	Evolução da taxa de analfabetismo e do número de analfabetos/as entre a população de 15 anos ou mais, segundo os censos demográficos. Brasil, 1920 a 2000	113
Tabela 2	Brasil: Pessoas de 15 anos ou mais, não-alfabetizadas, por sexo, segundo os grupos de idade – 2000	115
Tabela 3	Distribuição percentual das pessoas de 6 a 14 anos que frequentavam a escola, por idade escolar	122

Sumário

APRESENTAÇÃO: A CONDIÇÃO HUMANA VIVENTE E VIVIDA DE UMA FILHA DO MEIO RURAL – RETALHOS DE MINHA HISTÓRIA	14
1 LOCALIZANDO O ESTUDO	22
1.1 Piratini: breve história do município	22
2 A INSERÇÃO NO CAMPO DE PESQUISA, OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E A ORGANIZAÇÃO DOS DADOS	29
2.1 A pesquisa de campo	29
2.1.1 “Bandeira branca?” Não! São cordas de roupa no alto do cerro	46
2.1.2 O canto do galo me leva até a casa do Senhor Joaquim	50
2.2 O caminho metodológico	56
3 DADOS SOCIOECONÔMICOS DOS MORADORES DO PAREDÃO E DA COSTA DO BICA	66
3. 1 Dados sobre o total de pessoas investigadas	66
3.2 Condição socioeconômica dos moradores do Paredão e da Costa do Bica	76
4 DADOS SOBRE A (NÃO)ESCOLARIDADE DOS MORADORES DO PAREDÃO E DA COSTA DO BICA	94
4.1 O conjunto dos dados	94
4.2 A (não)escolaridade dos moradores com 15 anos ou mais do Paredão e da Costa do Bica	97
4.2.2 Ensino Fundamental	121
4.2.3 Dados sobre a frequência ao Ensino Médio dos moradores do Paredão e da Costa do Bica	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	140
APÊNDICES	144

APRESENTAÇÃO: A CONDIÇÃO HUMANA VIVENTE E VIVIDA DE UMA FILHA DO MEIO RURAL – RETALHOS DE MINHA HISTÓRIA

O homem [ou mulher] carrega a sua luz dentro de si, e também a sua noite. Nasceu para compreender as coisas. É por isso que a razão multiplica nele as interrogações. Esta curiosidade é mais do que um querer-saber. É um querer-compreender. Pois recusa submeter-se ao decreto dos fatos pesados e esmagadores. Interroga o mundo porque quer transformá-lo. Interroga os outros porque se propõe penetrar no mistério deles, a fim de ajudá-los a viver. Interroga a si mesmo porque tem que viver a existência que recebeu e tecê-la segundo sua própria arte [grifo meu] (CHARBONNEAU apud BRANDÃO, 2003, p.9).

A presente dissertação de Mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – FaE/UFPel, tem como objetivo apresentar as condições socioeconômicas e de (não)escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica (Piratini/RS). A minha infância e adolescência, vividas no interior do município de Piratini¹, perpassam a pesquisa e mobilizaram-me a desenvolver este estudo na zona rural, sobretudo, com relação à escolaridade.

A epígrafe deste capítulo evidencia a relação da pesquisadora com seu objeto de pesquisa. Na condição de sujeito-pesquisador, interroguei o mundo, os outros e a mim mesma, a fim de analisar, compreender e *descortinar realidades*. Sobre essa relação, Soares (1991) diz:

Vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça. De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido; ou para as cenas já representadas, e lemos o texto,

¹ O Município de Piratini, localizado na Zona Sul do Estado do Rio Grande do Sul, encontra-se a uma distância de 100 km da cidade de Pelotas e 350 km da capital, Porto Alegre.

antes ignorado. É então que se pode escrever – como faço agora – a ‘história’ [...]. Assim como se a gente, embora não conhecendo o risco do bordado, escolhesse as linhas e as cores, ou, não conhecendo o texto, escolhesse o teatro e o autor (SOARES, 1991, p.28-29).

Como forma de elucidar o meu envolvimento com esta pesquisa, apresento fragmentos da trajetória de minha vida.

Até os 09 anos de idade, morei em uma pequena propriedade agrícola, localizada no 4º Distrito do município de Piratini. Meus pais trabalhavam com agricultura e desse ofício com a terra mantinham a subsistência da nossa família, composta de seis pessoas. A produção agrícola excedente era vendida.

Aos 06 anos de idade, ingressei no mundo escolar na Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Duque de Caxias, escola multisseriada que atendia as primeiras quatro séries do Primeiro Grau. Ghiggi (2005), ao tratar sobre essas instituições, enfatiza que:

São as escolas rurais de Primeiro Grau Incompleto, atendidas por um único professor, decisivas balizas para a aquisição de *ferramentas referenciais para a vida: fazer conta de cabeça e ler a palavra escrita*. Os prédios, não pouco *muito* longe de casa, eram acessados *‘de pé no chão’* [...]. O professor merendeiro, secretário e líder comunitário, era referência moral e política importante [...] (GHIGGI, 2005, p.271).

Na escola recém referida, a professora Antônio dividia-se entre dar aula e fazer merenda no fogão a lenha. Nós, os alunos, éramos os responsáveis pelo recolhimento da lenha para o fogo. Lembro-me de que um grupo de meninas saía para o campo a juntar os gravetos, quando chegávamos à escola, saíam os meninos para cumprir a mesma tarefa. Não me recordo de momentos de recreação dirigida, talvez a atividade de juntar lenha fosse considerada como um desses momentos.

Recordo-me de que as aulas eram pela manhã e eu usava o mesmo transporte que buscava meus três irmãos, já adultos, para trabalharem. Meus irmãos estudaram somente até completarem a 4ª série do Ensino Fundamental (antigo Primeiro Grau), já que começaram a trabalhar precocemente na lavoura e, mais tarde, ao completarem os 15 anos de idade e já podendo assinar a carteira de trabalho, ingressaram em empresas de madeireiras de *pinus*, no mesmo município. A ausência de uma instituição escolar próxima à residência onde morávamos foi também um motivo para que saíssem da escola.

Em virtude de as aulas ocorrerem pela manhã, meus pais tinham dificuldade de levarem-me para a escola, pois esse é o período de mais trabalho para quem vive na zona rural. Na época, enquanto o meu pai acendia o fogo no fogão a lenha e cevava seu chimarrão costumeiro, minha mãe preparava o café para meus irmãos e arrumava-me para ir à escola. Depois que saíamos, o casal seguia os afazeres matutinos: minha mãe arrumava a casa, varria o terreiro e ainda ajudava meu pai na ordenha das vacas e na alimentação dos animais domésticos; meu pai ocupava-se apenas com aquelas tarefas consideradas *masculinas*, mais especificamente, o trabalho com a terra.

O transporte que me levava até a escola era um caminhão que não possuía as guardas externas em sua carroceria. O que me marcou e que ainda guardo na memória era a dedicação e o cuidado que meus irmãos tinham comigo, seguravam-me no colo para me protegerem do frio do inverno, além de cuidarem para que eu não me sujasse de resina² e, muito menos, estragasse o material escolar. A espera pelo início da aula, que acredito fosse de mais de uma hora, era o momento que eu usava para ler a cartilha *Alegria de Saber*³, já que não havia disponíveis livros de histórias infantis, material que conheci somente aos dez anos de idade. Esse tempo de espera era usado também para passar a matéria do dia anterior a limpo, prática que mantenho até os dias de hoje.

Perto do meio dia, saía da escola e encontrava meu pai à minha espera, um senhor analfabeto, com traços fortes de homem do campo, que abandonava a lida na lavoura para acompanhar-me na volta para casa. A cavalo, perfazíamos um total de 8 km todos os dias, para que eu pudesse estudar.

Aos 09 anos de idade, mudamo-nos para outra residência, também na zona rural, aproximadamente a 6 km de distância do perímetro urbano da cidade de Piratini, para que eu tivesse a oportunidade de prosseguir nos estudos. Meus irmãos continuaram residindo na propriedade anteriormente citada.

Mesmo próximo à cidade, as dificuldades impostas para eu estudar continuavam, principalmente quando ingressei no curso de Magistério⁴. O transporte escolar, que era pago na época, se tornava caro, e fiz essa nova etapa da escolarização deslocando-me de bicicleta. No começo, outras cinco colegas iam

² Substância viscosa produzida especialmente em pinheiros.

³ PASSOS, Lucina Maria Marinho. **Alegria de Saber**: Alfabetização. São Paulo, Scipione, 1987.

⁴ Atualmente, Curso Normal.

comigo, mas desistiram à medida que as situações adversas aumentavam: chuva, frio, calor, dentre outras. No terceiro ano do curso, restava somente eu, então nos mudamos para a cidade, pois lá teria mais oportunidades profissionais e educacionais. Após concluir o Magistério, ingressei no curso de Pedagogia pela Universidade Católica de Pelotas, extensão Piratini, o qual concluí no ano de 2005.

Com 18 anos, comecei a trabalhar na área da educação, sempre em escolas localizadas na zona rural do município de Piratini. Dentre várias escolas, tive a oportunidade de trabalhar em uma próxima à localidade do Paredão, situada na BR 392. Nessa escola, permaneci por três anos como alfabetizadora e tive alguns alunos oriundos do Paredão e da Costa do Bica, locais onde desenvolvi a pesquisa que originou a presente dissertação de Mestrado.

À medida que faço esses registros, passado e presente vão se embaralhando, dotando-se de sentidos. Face a essa afirmação, trago a contribuição de Thompson (1992, p.208), o qual diz que “recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade”.

Sou filha do meio rural, meu pai nunca frequentou uma instituição escolar e minha mãe aprendeu a ler e a escrever com uma professora particular que se instalou por um ano na residência de meus avós. Meus irmãos estudaram até a 4ª série do Ensino Fundamental. Tive uma infância permeada por brinquedos e brincadeiras improvisados com recursos oferecidos pelo meio em que vivia: animais confeccionados com espigas de milho, casinha no tronco de um imponente umbu, escolinha onde a escrita era realizada nas tábuas de um galpão, substituindo o giz pelo carvão. Minha adolescência girou em torno dos estudos e do ingresso na vida profissional como educadora. Aproprio-me das palavras de Soares (1991, p.23), para sintetizar a ousadia de contar-me, pois “assim fui criada, assim fui feita, assim me fiz”.

Essas são algumas das memórias que selecionei para estabelecer uma conexão com o trabalho, já que pesquisei duas localidades marcadas pelo estigma da pobreza e do analfabetismo: Paredão e Costa do Bica, ambas a aproximadamente 97 km de distância do perímetro urbano de Piratini e conhecidas por terem como habitantes remanescentes dos índios Guaranis.

A decisão por pesquisar essas duas localidades, embora esteja relacionada à minha infância no interior e às dificuldades que enfrentei para estudar, também

está relacionada às informações que chegaram a mim, quando criança, sobre os moradores dessas localidades.

Por morar na zona rural, sem energia elétrica, mantínhamos uma prática que se perdeu no decorrer dos anos: sentávamos à volta do fogão a lenha, iluminados à luz de velas e, enquanto minha mãe preparava o jantar, meu pai contava *causos* e histórias. Dentre tantos, por vezes surgiam histórias daquele povo do Paredão e da Costa do Bica, que se *aventurava* a ir trabalhar, em épocas de safra, nas madeireiras que ficavam próximas à nossa casa, e era em nossa residência que encontravam o aconchego. Presenciei, por várias vezes, que esses homens trabalhadores não tinham onde se hospedar e, naquela casa grande, construída de pedra, chegavam e se estabeleciam por meses. Meus pais ofereciam alimentação e uma cama para dormirem, sem nunca terem cobrado nada. No entanto, mais do que dinheiro, ganharam amizade e muitos afilhados que ainda residem nas localidades pesquisadas.

Foi no ano de 2000, porém, como aluna do Curso de Magistério, que tive a oportunidade de conhecer fragmentos do mundo das pessoas da localidade do Paredão. Isso aconteceu através de uma visita ao Museu Histórico Farroupilha de Piratini, que apresentava, na época, a exposição intitulada “Ainda Estamos Aqui”. Havia um folder da exposição que registrava:

O Museu Histórico Farroupilha foi buscar no distrito de Paredão, em Piratini, inspiração para a exposição **Ainda Estamos Aqui**, que procura mostrar às novas gerações o valor do trabalho agrícola pelos seus instrumentos mais rudimentares [...]. Cerca de 80 famílias - que resistem em manter preservada sua cultura, bem diferente e até oposta, em alguns casos, aos costumes urbanos. Considerados por alguns antropólogos como descendentes dos tupis-guaranis, do grupo dos Tapes, vivem às margens do rio Camaquã, na divisa de Piratini com Encruzilhada do Sul, num cenário natural dos mais bonitos filmes (AINDA ESTAMOS AQUI, 2000).

Essa exposição mostrou hábitos não mecanizados do cultivo da terra, conservados pelas famílias que residiam naquela localidade e, também, aspectos da preservação cultural transmitida pelos seus antepassados.

Mais tarde, como integrante do Grupo de pesquisa *História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares* - HISALES⁵, tive a oportunidade de visitar, em

⁵ Segundo Peres (2007): O HISALES inicialmente foi apresentado na FaE/UFPel como projeto de pesquisa (COCEPE Nº 7.08.04.042, 11/04/2006), com o propósito de realizar: i) estudos acerca da história e das políticas de alfabetização, dos saberes e práticas alfabetizadoras; ii) pesquisas sobre

2006, a localidade do Paredão, para verificar como estava sendo implantado o Ensino Fundamental de nove anos em uma escola municipal da região. Preliminarmente, conversando com algumas pessoas, constatei que, comparando com os aspectos apresentados na exposição, não houve grande avanço no que diz respeito à infraestrutura das casas e à condição socioeconômica das famílias.

No ano de 2007, retornei ao Paredão para desenvolver o estudo intitulado *Gênero, alfabetismo e analfabetismo entre mulheres residentes na localidade Paredão, no município de Piratini/RS*⁶, para a disciplina *Cultura escrita e gênero: alfabetismo e analfabetismo entre mulheres*, oferecida pela professora Dra. Eliane Peres e que cursei como aluna especial. Nesse estudo, verifiquei que, das 11 mulheres que responderam à entrevista estruturada⁷, com idades entre 18 e 80 anos, 05 eram analfabetas, 04 cursaram até a quarta série ou menos, 01 cursou até a quinta-série, e 01 até a oitava série. Vale ressaltar que, no momento do levantamento, em 2007, nenhuma das 11 mulheres entrevistadas estava estudando. Surgia ali o interesse por uma pesquisa mais ampla.

Prestei seleção para o curso de Mestrado ainda em 2007. No dia 07 de dezembro, saiu a lista dos aprovados na seleção do Programa de Pós-Graduação em Educação, estando eu entre as novas mestrandas. Junto à alegria, estava a preocupação, visto que, no anteprojeto, havia proposto, como um dos objetivos específicos, o mapeamento do grau de escolaridade de cada geração das mulheres de Paredão. Como eu faria esse mapeamento, tendo em vista que a localidade está a aproximadamente 97 km de distância do centro da cidade de Piratini? Após excluir algumas possibilidades, dentre as quais o uso de ônibus coletivo, tive a iniciativa, por ter vínculo profissional com a Prefeitura, de conversar com o Prefeito e solicitar seu apoio para a realização da pesquisa. Pedido que foi prontamente atendido, sendo disponibilizado um carro com motorista para que eu fosse às casas mais longínquas.

práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita; iii) investigações sobre a produção, circulação e utilização de livros escolares no Rio Grande do Sul, especialmente de cartilhas escolares. Em meados de 2006, o HISALES foi cadastrado como grupo de pesquisa no CNPq. Atualmente, reúne pesquisadores de outras instituições de ensino superior da região (FURG, UNIPAMPA, URCAMP), alunos do PPGE da FaE/UFPel (mestrado e doutorado), do curso de Especialização em Educação: Alfabetização e Letramento e da graduação, curso de Pedagogia. Esse grupo de pesquisa tem como coordenadora a Profa. Dra. Eliane Peres. Sou integrante do referido grupo desde 23/11/2006.

⁶ Para obter maiores informações ver: **Cultura escrita e gênero: alfabetismo e analfabetismo entre mulheres**, Caderno HISALES 3, Vol. 1, n.1, jul./dez. Pelotas: HISALES, FaE/UFPel, 2007.

⁷ Além da aplicação de uma entrevista estruturada com 11 mulheres, foi realizada, com 04 delas, entrevista semiestruturada.

Durante o restante do mês de dezembro de 2007, procurei realizar leituras sobre como se constitui uma pesquisa, organizando, também, os instrumentos para coleta de dados (BRANDÃO, 1982; GAMBOA, 2007; GIL, 1991). Além disso, conversei com professores que já haviam trabalhado nas escolas situadas no Paredão e na Costa do Bica e com pessoas que conheciam a região, a fim de desvelar aspectos daquelas localidades. Após essas conversas, optei pelo levantamento de dados não só com os moradores do Paredão, mas também com os da Costa do Bica, pois as pessoas que conheciam as duas localidades davam mais ênfase a situações relacionadas à Costa do Bica: os moradores enfrentavam, em suas vidas cotidianas, a pobreza e a precariedade de bens materiais, o acesso à localidade era difícil. Esse *outro* lugar, vislumbrado pelo olhar de quem vive no contexto urbano, despertou-me curiosidade. Portanto, o meu olhar de pesquisadora atentou para as duas localidades, que são próximas uma da outra, na tentativa de ver suas diferenças e/ou semelhanças. A opção por privilegiar não só os dados de mulheres, mas também os dados de todos os integrantes da família também ocorreu em função da conversa com as pessoas que conheciam a realidade dessas duas localidades.

Considerando o que foi exposto, o objetivo geral desta investigação delinhou-se da seguinte maneira: apresentar as condições socioeconômicas e de (não)escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica. Como objetivos específicos, delimitei: a) identificar a realidade socioeconômica de homens, mulheres e crianças das localidades pesquisadas; b) revelar a (não)escolaridade dos habitantes inseridos neste universo.

Os resultados desta investigação estão estruturados nesta dissertação em quatro capítulos. O primeiro capítulo consiste na localização do estudo, ou seja, por se tratar de uma pesquisa desenvolvida em uma região que tem sua formação indígena, apresento aspectos do município de Piratini com relação a esses habitantes e com relação à localização exata do Paredão e da Costa do Bica. Nesse capítulo também são abordadas as publicações que fazem referência aos lugares pesquisados. No segundo capítulo, apresento a pesquisa de campo, bem como o caminho metodológico desta investigação. Na terceira parte desta dissertação, exponho os dados quali-quantitativos referentes ao total de pessoas investigadas e à condição socioeconômica dos moradores inseridos nesse universo. No quarto

capítulo, apresento a escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica. Por fim, desenvolvo algumas considerações acerca desta investigação.

1 LOCALIZANDO O ESTUDO

1.1 Piratini: breve história do município

O Município de Piratini é reconhecido no Estado do Rio Grande do Sul como sendo a Capital Farroupilha, em razão de ter sido a primeira e a última sede do Governo Farroupilha durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845)⁸. Em documentos oficiais, consta que Piratini teve seu povoamento iniciado em 06 de julho de 1789, por quarenta e oito casais açorianos. A região, contudo, não era desabitada. Viviam ali índios guaranis.

O historiador piratiniense Davi Almeida (1997, p.13) registra que: “até meados do século XVIII a região era habitada pelos guaranis, também conhecidos por ‘Tapes’ (Guaranis aldeados pelos jesuítas)”. Porém, com a ocupação dos militares portugueses e, mais tarde, com a chegada dos açorianos, esses índios deslocaram-se para outros pontos da região. Diz Almeida:

Em 1789, por ordem da Rainha Da. Maria I, o Governo português permutou com o sesmeiro⁹ José Antônio Alves as três léguas de campos que possuía nas pontas do rio Piratinim¹⁰ por igual extensão na coxilha de São Sebastião [...] foi essa área dividida em ‘datas’ (272 hectares e 25 ares) de iguais tamanhos e concedidas a 48 casais vindos das ilhas dos Açores (ALMEIDA, 1997, p.15).

São poucos os estudos sobre o povo indígena no município de Piratini. Um dos únicos, o trabalho do historiador Davi Almeida (1997), traz em sua obra – História do município de Piratini: roteiro histórico e sentimental – as três etapas da

⁸ A Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha são os nomes pelos quais ficou conhecida a revolução ou guerra regional, de caráter republicano, contra o governo imperial do Brasil

⁹ Aquele que possui sesmaria – porção de terras que equivale a aproximadamente 13.000 hectares.

¹⁰ O nome Piratini (ou Piratinim), o mesmo nome do rio que nasce neste município, é originário do Tupi Guarani e significa *peixe barulhento* – *pira* (peixe) e *tinim* (barulho).

evolução piratiniense: o século XVII e os índios; o século XVIII e os açorianos; e o século XIX e os farrapos.

Em seu estudo, Almeida (1997, p.24) diz que “a população da Freguesia crescia sucessivamente e dentro de pouco tempo, mais precisamente, em 1814, continha 3.673 habitantes” distribuídos da seguinte forma:

Branços de ambos os sexos	1.439
Índios, idem	182
Livres de cor, idem	335
Escravos, idem	1.535
Recém-nascidos d’aquela ano	182

(ALMEIDA, 1997, p.24).

Para uma melhor leitura desse período, procurei o professor e historiador João Manuel Ferreira, com quem fiz uma entrevista semiestruturada. Segundo o entrevistado, os índios foram expulsos da vila que começava a crescer, fixando-se do outro lado do arroio Piratini. Disse o professor:

Esses remanescentes de índios, mesmo atravessando o arroio, foram sempre sendo acuados [...] e cada vez foram indo pra mais longe da civilização que ora começava, e eles acabaram ficando nas margens do rio Camaquã¹¹, até pela localização, um lugar ermo. Se hoje já é bastante difícil um acesso de quase 100 km daqui da sede do município, imagine naquela época (FERREIRA, 29/12/2007).

Esses dados apontam para a presença do povo indígena em Piratini, o qual se fixou na proximidade do rio Camaquã, permanecendo lá até os dias de hoje, mais precisamente na localidade denominada Paredão, um dos locais investigados nesta pesquisa.

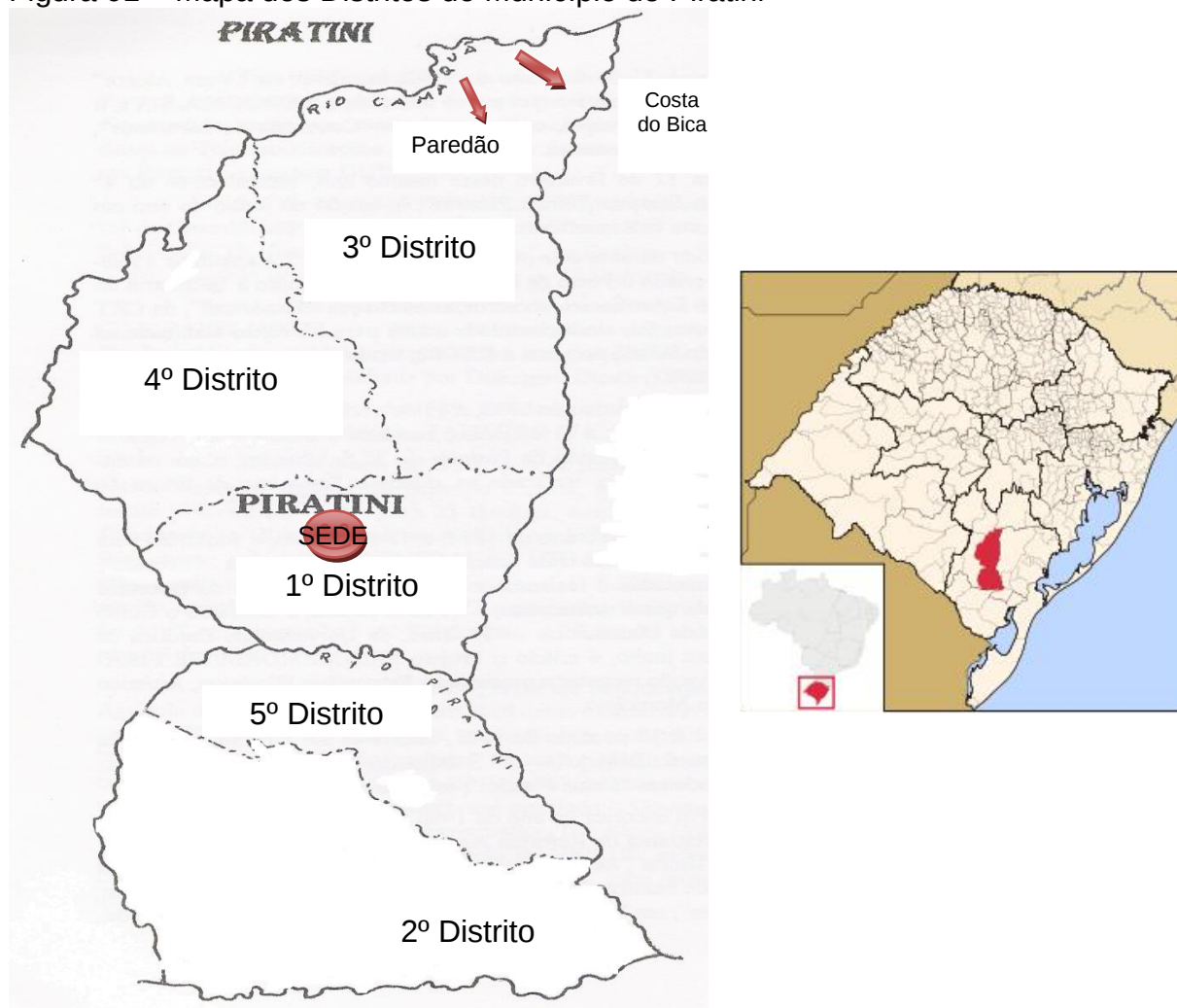
No ano de 2005, a Secretaria Municipal de Educação, juntamente com professores da rede, criou uma apostila com a história de Piratini, na qual está descrito:

Atualmente, podemos notar muitas características étnicas indígenas na população de algumas regiões do município. Esses grupos, mesmo já estando bastante miscigenados com o branco e com o negro, ainda trazem fortes características, como a cor da pele e os cabelos pretos e lisos (SMECD, 2005, p.5).

¹¹ Local hoje denominado *Paredão*.

Tendo em vista os estudos e pesquisas apresentados, é possível inferir que a região que concentra a maior parte de descendentes indígenas em sua população é o 3º Distrito, local onde estão localizados Paredão e Costa do Bica. O município de Piratini é composto por cinco Distritos, como mostra o mapa:

Figura 01 – Mapa dos Distritos do Município de Piratini



Fonte: (ALMEIDA, 1997, p.96).

Com 221 anos, a cidade de Piratini conta hoje com uma população estimada em 21.180 habitantes. A área territorial do município é de 3.561,5 km²¹². No mapa a seguir, pode-se visualizar o Paredão e a Costa do Bica, lugares pesquisados.

¹² Fonte: Estimativa da população 2009 – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 27 nov. 2010, 12h15min.

Figura 02 – Mapa das localidades: ênfase Paredão e Costa do Bica¹³



Fonte: Secretaria de Agricultura do município de Piratini, s/d.

Em relação à Fig. 2, devo esclarecer que a localidade hoje conhecida como Paredão foi designada há alguns anos de Minas do Paredão, por ter sido essa uma região mineradora muito explorada. Vergara (1997) situa que:

¹³ O mapa apresenta *Minas do Paredão* em duas localidades distintas, mas atualmente não há mais essa divisão, sendo denominada apenas de Paredão.

As atividades de exploração do mineral permitiram caracterizar esse grupo social como os moradores da mina do 'Paredão', lugar de onde se extraem estanho e outros metais, fazendo com que a localidade ficasse integrada ao desenvolvimento extrativista mineral da região (VERGARA, 1997, p.132-133).

Outra informação relevante sobre as localidades do Paredão e da Costa do Bica faz referência ao número de domicílios. O dado disponível é do ano de 2000, encontrado em pesquisa realizada no escritório do IBGE¹⁴. O levantamento acusou um total de 99 domicílios particulares na localidade Costa do Bica. Os dados do Paredão foram coletados juntamente com os da localidade Chapadão, não havendo, então, essa informação desmembrada. Cabe ressaltar que nestes dois locais – Paredão e Chapadão – foram registrados, pelo IBGE, 148 domicílios particulares.

Na tentativa de caracterizar melhor a região, apresento as pesquisas e os estudos aos quais tive acesso que abordam as localidades do Paredão e da Costa do Bica

No ano de 1997, o antropólogo Miguel Arturo Chamorro Vergara desenvolveu, na localidade do Paredão, a pesquisa etnográfica para sua dissertação de Mestrado intitulada: Cotidiano e memória na cidade histórica de Piratini – RS (Mestrado em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Interessa ressaltar que os motivos que levaram Vergara a conhecer a localidade e a desenvolver um capítulo sobre as formas de vida das pessoas do Paredão, foram os depoimentos dos moradores da zona urbana de Piratini quando se referiam ao local:

'Paredão é muito bonito, tem um rio para tomar banho, fazer pescaria, ou um churrasco na beira do Camaquã, mas esse pessoal que mora é muito pobre e ignorante, não planta, não cria nada, eles se escondem de quem vai lhes visitar, pior que bicho' (JOÃO apud VERGARA, 1997, p.121).

A partir deste excerto, é possível perceber dois posicionamentos do entrevistado, que evidencia a localidade como sendo *um lugar lindo contrastando com habitantes pobres*. Outro relato com referência a Paredão deu-se com as seguintes palavras: “se você está a fim de conhecer um lugar pobre [...] te levo a

¹⁴ A Agência do IBGE está localizada no prédio da Associação Comercial, na cidade de Pelotas, na rua Sete de Setembro, 274. A investigação foi realizada no dia 1º de setembro de 2007. Saliento que a informação de domicílios por Distrito não foi encontrada no site do IBGE; por este motivo recorri diretamente à Agência.

Paredão. Meu Deus, esse local é apavorante! O jeito que eles moram é um atraso do município” (VICTOR apud VERGARA, 1997, p.121).

Além das narrativas dos habitantes do perímetro urbano da cidade, o antropólogo evidencia relatos em que os próprios moradores da localidade nutrem certo preconceito em relação ao fato de residirem no Paredão, como é possível observar no excerto que segue:

A forte estigmatização em relação a esses moradores é declarada na evidência de reconhecer que é mais fácil e seguro dizer que mora no 3º subdistrito do que se orgulhar de falar que mora em ‘Paredão’, como nos narra um morador dessa localidade: [...]‘quando te perguntam de onde tu és, é mais fácil dizer que tu és do terceiro, porque se tu vais dizer de Paredão ficam te olhando na cidade, mas aqui em Piratini todo mundo se conhece e eles sabem que a gente é de Paredão’ (VERGARA, 1997, p.126-127).

Nesse estudo, também merece destaque a afirmação do autor sobre a escolaridade dos moradores da localidade pesquisada: “é comum que os moradores adultos de ‘Paredão’ não tenham instrução escolar” (VERGARA, 1997, p.129). O autor ainda salienta:

Uma outra precariedade em ‘*Paredão*’ são as escolas que são escassas e no geral oferecem as primeiras 5 séries do primeiro grau. São construídas distantes das casas dos moradores. As crianças devem dividir a vida agrícola com a escolar, às vezes tendo que faltar alguns dias pelas necessidades da lavoura ou afazeres domésticos (VERGARA, 1997, p.128-129).

Outro estudo que faz referência à localidade é o trabalho de Gisele Quevedo (2007), intitulado: “Levantamento histórico cultural da cidade de Piratini – RS”. Nesse estudo de conclusão do curso de Licenciatura em História, pela Universidade Federal de Pelotas, a autora desenvolveu um capítulo denominado: “A memória da comunidade do Paredão – 3º Distrito de Piratini” (QUEVEDO, 2007, p.15), com o objetivo de identificar a existência de patrimônio natural, imaterial e material existente na localidade do Paredão. De acordo com Quevedo (2007):

Paredão localiza-se [...] em um lugar fronteiro, onde o rio Camaquã divide os Municípios de Canguçu e Encruzilhada do Sul, com os quais compartilha uma formação de serra montanhosa, que impressiona a todos pela paisagem de exuberante beleza (QUEVEDO, 2007, p.15).

Além desses estudos acadêmicos, encontrei um artigo do Jornal Zero Hora (SCHAFFNER, 20 de agosto de 2000, p.42-43) que trazia como título “Mundo esquecido no coração do Rio Grande: comunidade de descendentes de índios Tupis-guaranis e Tapes vivem longe da civilização”, no qual estava destacado:

Há quase 200 anos habitando a região, os moradores da localidade do Paredão vivem em casas de barro, sustentadas por taquaras e cobertas de capim-santa-fé. As habitações são desprovidas de luz elétrica e água encanada. O piso é de chão batido, o forro inexistente e os banheiros são escassos (SCHAFFNER, 20 de agosto de 2000, p.42-43).

Essa reportagem mencionou também a Costa do Bica (único trabalho encontrado que remete à localidade), afirmando que:

Com um baixíssimo índice da alfabetização, a saúde confinada às ervas medicinais e a alimentação baseada na agricultura de subsistência, 40 famílias do lugarejo Costa do Bica, descendentes de índios tupi-guaranis e tapes, resistem ao êxodo rural clamando por empregos e incentivos à produção agropecuária.

Enquanto os jovens da Costa do Bica dividem-se entre a ansiedade em percorrer os caminhos do mundo urbano e o apego à família e à tradição local, os idosos rechaçam qualquer contato com o conturbado ambiente das cidades. (SCHAFFNER, 20 de agosto de 2000, p.42).

Tomando como referência as publicações encontradas que versam sobre as localidades do Paredão e da Costa do Bica, é possível perceber um número pouco expressivo de pesquisas realizadas nesses locais e também a inexistência de qualquer trabalho que tenha como objetivo principal investigar aspectos relacionados à educação, como, por exemplo, a escolaridade ou a não escolaridade desses habitantes.

Outro ponto que merece ser destacado, frente à conjuntura apresentada, é em relação à metodologia de pesquisa, já que nenhuma das investigações desenvolvidas no local – VERGARA, 1997 e QUEVEDO, 2007 – usou métodos quantitativos. Dessa constatação, emergiu a necessidade de desenvolver uma pesquisa que contribuía com a discussão em torno da (não)escolaridade e das condições socioeconômicas desses sujeitos.

A seguir, faço uma explanação a respeito de como se deu a inserção no campo de pesquisa, apresento os procedimentos metodológicos adotados, bem como a organização dos dados coletados.

2 A INSERÇÃO NO CAMPO DE PESQUISA, OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E A ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

2.1 A pesquisa de campo

*Como é que se escreve a emoção?
A própria emoção eu digo. Não a teoria que
analisa a dos outros.*

(BRANDÃO, 1982, p.11).

Começo a escrita deste capítulo com uma epígrafe extraída de Carlos Rodrigues Brandão, por acreditar que ela expressa os sentimentos que afloraram em mim ao ingressar no *locus* da pesquisa. Como descrever o que eu estava sentindo e vendo naquele janeiro de 2008? A beleza daquele lugar, o medo de não conseguir fazer o mapeamento de todas as residências, a angústia por conseguir fazer apenas uma ou duas casas por turno, devido à distância entre uma e outra, a coragem de caminhar horas por dentro do mato sem saber o que me esperava pela frente, a insegurança enquanto visitava as primeiras famílias. Confesso que, todos os dias, ao iniciar a pesquisa de campo, eu ficava apreensiva; mas, depois de ser bem recebida por aquelas pessoas, seguia em frente. Tenho presente o sabor das salsichas enlatadas que comia, pois era o que havia no bar para vender e assim saciar a fome. Recordo-me do peso e da quantidade de porteiras que eu abria, um dia registrei em meu diário de campo: “passamos por vinte e quatro, entre porteiras e cancelas” (SILVA, 18/01/2008). Impossível esquecer o aconchego da casa da família do Senhor Josino e da Senhora Beloni, duas famílias que sempre me

esperavam com uma taça de doce e um bom chimarrão; a conversa com o Senhor Roseno, um morador amigo de minha família, o qual, no momento em que realizei a pesquisa, estava doente e que visitei todos os dias em que fui ao Paredão. Muitas vezes ele não me reconhecia, mas isso não fazia diferença para mim. E como esquecer os banhos no rio Camaquã e no arroio da Costa do Bica? Foram tantos sentimentos, sensações, emoções, sabores, que não tenho como descrevê-los. Sentimentos impossíveis de serem expressos em uma folha de papel. Gomes (2007) explica essa diferença entre o vivido e o contado, entre o pensado e o escrito:

As imagens vão sendo projetadas na mente, incrivelmente detalhadas e coloridas. Mas, no trajeto pela busca de palavras adequadas para materializá-las, perde-se a fluidez e os detalhes amontoam-se em palavras iguais, ainda que, muitas vezes, bonitas e poéticas. Uma distância incrivelmente grande é a que separa o pensar do escrever o pensamento, não porque o 'tempo' tradicional, aquele que o relógio é capaz de aprisionar, esparrama-se à minha frente, mas justamente porque pensar e escrever são atos que acontecem em campos diferentes: um, o pensar, é vivo por si, não precisa de palavra alguma, apenas existe. Outro, o escrever, solicita a busca de palavras já inventadas e que dão nome às coisas, aos sentimentos; exige uma certa formatação e, aí, perdem-se significados que somente meu pensamento é capaz de produzir (GOMES, 2007, p.14-15).

Mesmo com esta sensação, a de não conseguir ultrapassar os limites do escrito, vou tentar contar as vivências desse percurso.

Em 07 de janeiro de 2008, logo após a aprovação no Curso de Mestrado, fiz a primeira visita para esta pesquisa às localidades do Paredão e da Costa do Bica. No final de semana que antecedeu à visita, organizei o que levaria para acampar, já que este era o objetivo: utilizar o carro da Prefeitura para chegar até as casas de difícil acesso e escolher um local que tivesse maior número de casas próximas para montar o acampamento e, assim, realizar a pesquisa.

O problema que se instaurou foi o de encontrar uma pessoa disponível para acompanhar-me nessa *aventura*, pois sozinha não teria coragem para ficar. A única pessoa que se disponibilizou inicialmente foi minha mãe¹⁵.

No primeiro dia, às oito horas da manhã, Robinson, motorista da Prefeitura, chegou à minha casa. Carregamos as malas, e a angústia, a ansiedade e a curiosidade vieram à tona. Deslocamo-nos do centro da cidade, passando pela

¹⁵ No decorrer da investigação, contei com auxiliares de pesquisa; no primeiro mês, porém, apenas minha mãe e o motorista da Prefeitura Municipal acompanharam-me. Já no mês de fevereiro, além destes, tive o apoio de três amigas: Aline, Júlia e Eloísa.

estrada do 3º Distrito de Piratini, chegando à rodovia que liga os municípios de Canguçu a Santana da Boa Vista.

Paredão e Costa do Bica são duas localidades próximas, ligadas pela estrada principal. Ao longo da pesquisa, foram duas as rotas que usamos para chegar às localidades: a primeira foi via 3º Distrito de Piratini até a BR 392, que liga os municípios de Canguçu a Santana da Boa Vista. Já para a segunda possibilidade, deslocamo-nos do centro da cidade pelo 4º Distrito, local onde está instalada a Usina Termelétrica de Piratini, também via estrada de terra até a citada BR. Em se tratando de distância, a primeira opção é a melhor, uma vez que naquele trajeto são 60 km; na segunda opção percorríamos 77 km, porém a estrada de terra estava em melhores condições. Durante toda a pesquisa, usamos as duas rotas. Essa era a primeira etapa da viagem.

Partindo da BR 392, há duas possibilidades para se chegar ao Paredão ou à Costa do Bica: pela estrada de terra, passando pela localidade denominada Chapadão, ou por outra estrada que passa pela Serra do Bica¹⁶; nos dois trajetos, percorre-se aproximadamente 20 km.

Para o primeiro dia de pesquisa – 07/01/2008 –, usamos a estrada Serra do Bica, e a primeira casa visitada foi a da Senhora Tânia, que reside na localidade Costa do Bica. A escolha de começar o levantamento por essa família deu-se pelo desejo de *começar com o pé direito*, visto que fui professora dos dois filhos de Dona Tânia quando trabalhei na escola próxima à localidade do Paredão, ou seja, o fato de me conhecerem poderia contribuir para a aceitação da pesquisa. O que talvez não acontecesse em outras famílias. Como esperado, fomos bem recepcionados pela família. Ao final da pesquisa, Robinson relatou que o que mais valeu a pena para ele foi ver a emoção de Dona Tânia ao me ver. Ela chorou muito, parecia não acreditar na visita da professora que estava interessada em escrever sobre a escolaridade daqueles moradores da zona rural. A seguir, apresento a imagem da Dona Tânia e de seu esposo, fotografia tirada no primeiro dia de pesquisa de campo:

¹⁶ A localidade Costa do Bica foi desmembrada pelos moradores em dois nomes: Serra do Bica e Costa do Bica. A primeira faz referência àqueles que moram próximos à via principal que liga a Paredão, e a segunda é o local de mais difícil acesso; é o que indico, mais à frente, com esse sinal: ∩ (um U invertido), porém para esse trabalho denomino apenas de Costa do Bica.

Figura 03: Primeira residência visitada (Sr^a. Tânia e o Sr. Ari)



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

Após a visita a essa casa, lembrei-me de que em outra ocasião (quando realizei o estudo para a disciplina que cursei como aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação – disciplina *Cultura escrita e gênero: alfabetismo e analfabetismo entre mulheres*) fui à residência de uma ex-aluna que se dispôs, na época, a ir comigo à Costa do Bica e mostrar-me a região. Como nem eu nem as pessoas que me acompanhavam conheciam a região, fomos até a casa dessa moça para pedir ajuda, mas ela não estava. Então fomos até um bar, que pertencia ao Senhor Ari, e pedimos informações sobre a localidade. Mesmo um pouco receosos por não conhecermos o lugar, seguimos as instruções e demos prosseguimento à viagem. A entrada para a Costa do Bica é coberta de plantações de acácia pelos dois lados; é uma estrada que segue uma reta, mas que logo em seguida é cortada bruscamente por um aclave. É um lugar de beleza exuberante. Dessa estrada, avistamos o rio Camaquã, uma praia de areia, e a vegetação, conforme mostram as Figs.04 e 05:

Figura 04: Estrada principal da Costa do Bica



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

Figura 05: Continuação da estrada principal da Costa do Bica



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

Desse mesmo local, ao longe, foi possível vislumbrar as casas. Percebemos, então, que o levantamento de dados em muitas residências teria que ser feito a pé, pois as estradas eram muito estreitas, impossibilitando o trajeto de automóvel, como mostra a Fig. 06.

Figura 06: Visualização de duas casas na Costa do Bica



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

Ainda no primeiro dia da pesquisa de campo, chegamos à casa da família da Senhora Beloni e do Senhor João. Já conhecia aspectos da vida do casal através de uma Reportagem do Jornal Zero Hora, publicada em 2000. Esse foi o *passaporte* para começar o diálogo com a família. Após essa conversa, realizei a entrevista estruturada e ainda uma entrevista semiestruturada¹⁷.

Logo em seguida, entramos de automóvel em um corredor¹⁸, onde encontramos outra família residente à margem do rio Camaquã, com a qual foi realizada mais uma entrevista. Posteriormente, voltamos para a estrada principal e, logo à frente, mais uma família foi localizada e os dados registrados. Essa última

¹⁷ Ainda neste capítulo será desenvolvido o conceito de entrevista estruturada e semiestruturada.

¹⁸ Denomino de corredor as estradas secundárias.

família mostrou-nos uma estrada secundária, dizendo que lá encontraríamos muitas residências, só não nos alertaram do difícil acesso aos corredores.

Fomos às 03 primeiras casas desse local e, só para realizar esse trajeto, abrimos 04 portei­ras. Exaustos, já não conversávamos uns com os outros. Apesar da beleza do lugar e da receptividade das pessoas, a dificuldade de encontrar as casas ou vê-las de longe e não saber como chegar representavam obstáculos ao desenvolvimento da pesquisa. Por várias vezes eu disse: “Como essas pessoas conseguiram construir uma casa aqui e como conseguem morar?”. Como pode ser visualizado na imagem que segue, há uma construção no meio de um cerro¹⁹, o único lugar plano é onde está a moradia.

Figura 07: Residência sustentada por madeiras para não dissipar-se pelo cerro



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

As construções das casas, bem como sua arquitetura, por vezes, pareceram estranhas a mim, pois, de certa forma, estava conhecendo um outro lugar, com

¹⁹ Colina elevada.

configurações do espaço adverso a tudo aquilo que eu conhecia. Embora tenha morado 17 anos na zona rural, naquele momento, o meu olhar para aquela realidade se constituiu a partir da perspectiva de uma moradora do centro urbano, que se admira ao ver a maneira com que alguns moradores do Paredão e da Costa do Bica se relacionam com o espaço físico e natural.

Não há palavras que descrevam tudo o que pensei e o que senti naquele primeiro dia. Por vezes, confesso que pensei com desespero: “Quero sair daqui!”. Eu e minha mãe não comentávamos mais sobre o *acampamento* que fora tanto planejado. Deparamo-nos com a realidade de que não haveria a possibilidade de ser feito o trajeto entre uma casa e outra a pé; levaríamos meses nessa etapa da pesquisa.

A noite chegou, tínhamos feito a entrevista com apenas 06 famílias em um dia inteiro. Muitas outras casas foram avistadas ao longe, demonstrando o trabalho árduo que tínhamos pela frente.

Ao final do primeiro dia de coleta dos dados, percebendo o quão difícil seria ter acesso a todas as residências, disse: “*Vamos embora, eu não vou ficar!*”. Diante dessa declaração, Robinson, o motorista do carro, concluiu: “*Darlene, vou te falar sério: Eu não entro mais aqui!*” (ROBINSON, relato através de filmagem²⁰, 07/01/2008). Somente minha mãe estava confiante: “*Vamos ficar, Darlene, não vai ser tão difícil assim*” (HELENA, relato através de filmagem, 07/01/2008). Mas não houve como me convencer e voltamos para nossas residências. Senti um alívio enorme quando chegamos à estrada que nos levaria até o perímetro urbano de Piratini. Naquele momento, prevaleceu o desejo de não proceder com o mapeamento na Costa do Bica. Junto a esse sentimento de desânimo, entretanto, havia já um envolvimento com aquele lugar, evidenciado na atitude de mostrar para todos as fotos tiradas e contar a experiência de conhecer Costa do Bica, assim que cheguei em casa.

Mesmo cansada e desejando não dar continuidade ao mapeamento naquela região, ainda no primeiro dia, comecei a escrita do Diário de Campo, reorganizando algumas anotações e fazendo por escrito o trajeto da Costa do Bica. A partir do registro no Diário e da Imagem (Fig. 08) é possível entender melhor o trajeto:

²⁰ Procurava manter sempre a câmera ligada na tentativa de captar diálogos entre nós.

Descrevo a localidade Costa do Bica da seguinte maneira: imaginemos este símbolo: $\cap$. Nos vértices desse símbolo passa a estrada do Paredão, pode-se entrar tanto por um quanto por outro vértice, visto que estão situados a 1 km de distância um do outro. Este $\cap$ é a estrada principal da Costa do Bica e tem 31 km de extensão, ou seja, se entrarmos no vértice da direita, percorre-se 31 km para chegar ao do lado esquerdo (SILVA, 07/01/2008).

Figura 08: Possibilidades de trajeto na localidade Costa do Bica



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

A escrita no Diário de Campo fez-me reviver momentos, organizar os sentimentos e questionar a mim mesma: Por que eu inicialmente não aceitei aquela realidade? O que me fez sentir medo? O que eu estava julgando como fazer pesquisa de campo?

A percepção que eu tinha antes de conhecer aquela localidade era de que seus habitantes viviam em extrema pobreza, fato que não se revelou totalmente verdadeiro: as casas, em sua maioria, eram construções de madeira ou de tijolos; havia energia elétrica; praticamente todas as famílias visitadas possuíam aparelho de TV, rádio, geladeira, etc. Porém, o que me assustava era, principalmente, a dificuldade que encontrava para chegar até as residências. Essa dificuldade de

acesso pode ser evidenciada em Vergara (1997, p.124) que traz uma descrição mais exata do local: “os cerros estão conectados por caminhos de terra que aproximam as águas do rio Camaquã e as moradias se caracterizam pela quantidade de terras em declive e erosivas”. As Figs. 09 e 10 são um retrato desta descrição:

Figura 09: Terras em declive



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, fevereiro/2008)

Figura 10: Casas localizadas no meio do cerro



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, fevereiro/2008)

Apesar da dificuldade de acesso às residências, a pesquisa precisava continuar. Os obstáculos teriam de ser vencidos. Como pesquisadora, tomei consciência do meu papel: mapear os dados sobre a condição socioeconômica e de (não)escolaridade dos moradores das duas localidades – Costa do Bica e Paredão. Não seriam as adversidades que me fariam desistir de algo que tanto planejei. Precisava, então, de estratégias para convencer o Robinson, que seria o motorista por todo o mês de janeiro. Passaram-se dois dias, era 09/01/2008, e lá estávamos nós novamente. Dessa vez, para acampar. Decidimos pelo acampamento no interior da escola localizada no Paredão, de modo que o mapeamento das famílias que residiam na localidade do Paredão seria feito a pé; usaríamos o carro da Prefeitura quando este retornasse do perímetro urbano, para fazer o trajeto na Costa do Bica, ou seja, o carro somente seria usado para irmos a Costa do Bica.

Organizei da seguinte forma: em um dia, geralmente na segunda-feira, o motorista nos levaria e faríamos o mapeamento na Costa do Bica, depois disso iríamos até a escola localizada no Paredão, eu e outra pessoa, minha mãe ou alguma amiga. Por dois ou três dias, procederia dessa forma à investigação com as

famílias residentes na localidade do Paredão²¹. Depois desse tempo, o motorista nos buscava e procederíamos novamente com o trajeto na Costa do Bica.

As descrições dessas localidades, bem como o caminho que percorríamos para chegar até elas, partindo do centro da cidade, encontram-se registrados no Diário de Campo, conforme pode ser visto no excerto que segue:

Fizemos hoje 201 km - saindo do centro da cidade, via 3º Distrito, passando pela estrada principal do Paredão, indo até a Costa do Bica e voltando para Piratini, mas preciso enfatizar que este trajeto foi somente de estrada principal, sem contabilizar a quilometragem percorrida nos corredores (SILVA, 29/01/2008).

A imagem que segue (Fig. 11) é da localização da escola no Paredão, local em que permanecemos algum tempo.

Figura 11: Localização da escola



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

²¹ Ressalto que as casas não eram tão próximas, muitas vezes conseguíamos fazer o levantamento de dados em apenas 04 famílias por dia.

É importante destacar que, para realizar o trajeto na Costa do Bica, ora usamos o transporte disponibilizado pela Prefeitura, ora percorremos a pé, principalmente aqueles locais em que o carro não transitava. O levantamento de dados com as famílias localizadas no Paredão, por sua vez, foi realizado quase que em sua totalidade a pé, já que acampamos por vários dias no local.

A seguir, uma imagem (Fig.12) que ilustra a dificuldade encontrada para chegar a uma das residências na localidade da Costa do Bica, a residência do Senhor Almiro.

Figura 12: Percurso para chegar a uma residência



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, fevereiro/2008)

Para chegar à casa indicada na Fig. 12, passamos por cima de pedras, disputando o lugar com cabritos. Como mostra a imagem, é um local onde o tráfego de carros é impossível.

No mês de dezembro de 2008, meses após a realização da pesquisa, escutei no rádio a notícia de que o Senhor Almiro, ou *Preto* como prefere ser chamado, estava hospitalizado. Fui visitá-lo, o qual me contou que havia sofrido um

derrame, estando sozinho em sua residência no momento do ocorrido. O celular, que é a forma de contato telefônico, não registrava sinal de antena possível de realizar ligações para que alguém fosse socorrê-lo, e sem forças para chegar até a estrada ou até a casa de um vizinho, lembrou-se de pegar a vara que erguia o arame de roupa e amarrar um lençol branco, elevando-a novamente. Esse foi um sinal para que pessoas que passassem pela estrada vissem que algo não estava bem com aquela família. Seu Almiro relatou que demorou horas até que um vizinho passasse pela estrada e entendesse o pedido de ajuda.

Tal episódio evidencia algumas das adversidades enfrentadas pelos moradores, bem como estratégias usadas para a sobrevivência.

Além da distância, que muitas vezes tivemos que percorrer a pé para chegar a algumas casas, nos deparávamos, todos os dias, com as pesadas porteiras e cancelas. Na Fig. 13, é possível visualizar uma dessas porteiras cravada na estrada principal da Costa do Bica.

Figura 13: Porteira localizada na estrada principal



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, fevereiro/2008)

Na Costa do Bica, o número de porteiras e cancelas é bastante expressivo, não tenho esse dado em sua totalidade, mas mostro uma passagem descrita no Diário de Campo:

São 9 horas da manhã, acordei há uns 10 minutos, mas não consigo me levantar, estou muito cansada, pois ontem eu e a Eloísa abrimos e fechamos 24 porteiras. Acho que vou dormir mais um pouco, pode ser que assim passe a dor nos braços e eu tenha coragem de fazer o levantamento de dados com mais algumas famílias neste dia (SILVA, 14/02/2008).

A imagem a seguir mostra várias residências na Costa do Bica. Para chegar a algumas usamos o automóvel, em outras fomos a pé, devido ao fato de estarem localizadas em meio a cerros.

Figura 14: Algumas moradias em um corredor



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

Uma das características das moradias da Costa do Bica é que praticamente todas são construídas de forma que seus habitantes enxerguem o rio Camaquã ou o arroio Costa do Bica, como percebemos na imagem anterior (Fig.14). A estrada principal acompanha o arroio em toda a sua extensão.

Como forma de caracterizar melhor a localidade da Costa do Bica, trago a imagem (Fig.15) de um dos trajetos realizados.

Figura 15: Exemplo de trilha, percorrida a pé



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, fevereiro/2008)

Esses momentos de esforço físico sempre foram recompensados por instantes de prazer: tomar banho no arroio da Costa do Bica ou no rio Camaquã, fazer um lanche a sombra de árvores, visitar o Senhor Josino para tomar um bom chimarrão e escutar suas histórias. Desses momentos, mostro duas imagens (Figs. 16 e 17) e, em seguida, relato duas situações vivenciadas na pesquisa. A primeira aconteceu na Costa do Bica e a segunda, no Paredão.

Figura 16: Arroio Costa do Bica



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

Figura 17: Rio Camaquã



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

2.1.1 “Bandeira branca?” Não! São cordas de roupa no alto do cerro²².

A hora do *almoço* era um momento esperado por todos. Às vezes, almoçávamos nas proximidades do rio ou do arroio ou, até mesmo, à sombra de árvores, próximo à estrada.

No dia 11 de janeiro de 2008²³, terceiro dia de pesquisa na Costa do Bica, resolvemos lanchar embaixo de uma grande árvore. O lugar é muito lindo, por isso já era a segunda vez que o escolhíamos.

Esse cenário foi palco de uma das maiores descobertas realizadas na pesquisa: ao fixar os olhos para o alto de um cerro coberto de árvores, visualizo uma casa: “*Meu Deus! Tem casa lá naquele alto! Como as pessoas chegam até lá?*”. Essas foram as primeiras interrogações que fiz; estava perplexa pela descoberta.

Ao olhar mais atentamente, enxerguei duas, três, quatro, cinco casas. “*Lá tem cinco casas.*” ponderei. Ninguém acreditava. Para descobrir mais detalhes, liguei a câmera e através do zoom óptico pude identificar que eram casas de tábua nas quais residiam famílias, pois na corda havia roupas. Na realidade, foi uma peça de roupa, uma aparente *bandeira branca* que me fez olhar para o alto e descobrir as casas por entre as árvores.

Como fazer para chegar até elas? Minha mãe aconselhou-me a entrarmos pelo mato e subirmos. Já o motorista achou melhor procurarmos a trilha, caso existisse. Então, voltamos pela estrada que já tínhamos passado e começamos a procurar a trilha.

Depois de alguns minutos caminhando pela estrada, encontramos o trajeto que levaria àquelas casas: era um mato fechado e a trilha não apresentava sinais de seguido trânsito de pessoas. Mesmo entrando naquele mato, não conseguíamos ter uma visão clara, pois além de árvores havia pedras em volta. Dessa vez, não tive coragem de arriscar, voltei para o carro e pensamos em estratégias para chegarmos até aquelas casas.

Lembramos que no primeiro dia de pesquisa avistamos um corredor, pensamos que aquele corredor poderia nos levar até as casas recém-descobertas.

²² Essas histórias estão descritas no Diário de Campo.

²³ Acompanharam-me nesse dia: minha mãe, a Eloísa e o motorista Robinson.

A estrada, de difícil acesso, com muita subida e pedra solta, fazia parecer que estávamos andando no alto de um despenhadeiro. Depois de abrimos 06 porteiros e passarmos por lugares em que não restavam marcas da estrada (talvez pelo pouco acesso de carro), chegamos à casa do Senhor Demar, a qual foi construída em um local de difícil visualização. Por isso, mesmo estando próximo à sua residência, enxergava somente o telhado de santa-fé. Ao conversar com o senhor Demar, questionei-o: *“Como faço para chegar àquelas casas que enxergo lá da estrada principal?”*. Ele foi categórico ao dizer que, para eu chegar até o local, tinha que descer a pé pela estrada: *“Carro não desce senhora, só se for muito forte, é muita subida”* (DEMAR, relato através de filmagem, 11/01/2008).

Solicitei a minha mãe que ficasse no carro com o motorista, pois não queria cansá-la ainda mais, e segui a pé, com a Eloísa, amiga e auxiliar de pesquisa, pois tinha de fazer a pesquisa com todas as famílias, esse era meu propósito. Enquanto caminhávamos, avistamos a caminhonete da CEEE: *“Este é um carro forte”* – disse para a Eloísa. O motorista, porém, não nos ofereceu carona; mesmo assim, abrimos e fechamos a porteira para que passassem.

Seguimos nosso caminho. *“É muita descida mesmo”* – acrescentou a Eloísa. A vista lá de cima do cerro é linda, enxergávamos a estrada pequena, da mesma forma que víamos aquelas casas bem menores do que realmente eram. Depois de uma hora, localizamos as casas. Fomos de casa em casa, notando que as pessoas nos olhavam bem intrigadas. Questionei como faziam para chegar até a estrada e uma moradora disse que usavam o atalho por meio do mato, mas que era perigoso, além de ser difícil de percorrê-lo ou, ainda, pelo mesmo corredor que chegamos até suas residências. As imagens (Figs.18, 19 e 20) retratam este local:

Figura 18: A estrada que seguimos a pé para chegar até as casas



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

Figura 19: Visão do local onde lanchamos



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

Figura 20: Última residência deste corredor



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

Quando estávamos saindo da última casa, novamente abrimos a porteira para os trabalhadores da CEEE²⁴ e seguimos viagem. Já exaustas de caminhar, escutamos o barulho da caminhonete, haja vista que eles também estavam voltando para a estrada principal e, dessa vez, nos oferecem carona. Subimos rapidamente na caixa do carro e nos seguramos nas escadas usadas pelos trabalhadores. Em uma das subidas, o motorista não conseguiu vencê-la e teve que voltar para tentar novamente. Nós, ali atrás, sem proteção alguma, apenas nos segurando nas escadas. Depois de o carro patinhar no meio da subida, conseguiu andar, momento em que me desequilibrei, provocando uma lesão no joelho. A Fig. 21 mostra o local:

²⁴ Esses trabalhadores chegavam de casa em casa para realizar a leitura da luz.

Figura 21: Subida que o motorista do carro da CEEE teve dificuldade de vencer



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

O carro da CEEE deixou-nos próximo ao local onde estavam Robinson e minha mãe. Passaram-se três horas do horário em que tínhamos saído, mas conseguimos realizar a entrevista estruturada com as 05 famílias do alto do cerro. Antes de ir embora do local, o Senhor Demar fez uma mistura de sal com água para eu passar na região afetada pela batida. Esse – entre outros – foram cenários e vivências da pesquisa de campo, difíceis de transpor para a escrita, como afirmei no início, mas fundamentais de serem registradas, pois constituíram-me como pesquisadora.

2.1.2 O canto do galo me leva até a casa do Senhor Joaquim

No dia 11 de fevereiro, às 11h e 30 min, chegamos à escola localizada no Paredão. Após descarregarmos²⁵ os mantimentos que usaríamos para fazer o

²⁵ Nesse dia de pesquisa, a pessoa que me acompanhou foi o motorista da Prefeitura Municipal de Piratini, Flávio. No mês de janeiro foi o Robinson e, no mês de fevereiro, o Flávio.

almoço, decidi, antes mesmo de almoçar, fazer a primeira visita do dia, já que ainda estava cedo.

Das residências próximas à escola, ainda faltava fazer a pesquisa na casa do Senhor Joaquim. Conheci esse homem em um dos dias em que eu estava acampada na escola. Avistei-o de longe, aparentava ter uns 70 anos, caminhava devagar, com o apoio de uma bengala. A imagem a seguir é do Senhor Joaquim:

Figura 22: Senhor Joaquim



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

A diretora da escola disse que não conseguiríamos chegar à casa desse senhor de carro: *“Onde ele mora não entra carro, mas depois de atravessar a sanga vocês encontram a trilha”* – afirmou. Então, seguimos de automóvel por um curto período de tempo, passamos uma porteira e logo em seguida tivemos de descer.

O Flávio e eu começamos a caminhada. Passamos por um corredor fechado de árvores, avistamos a sanga que a diretora havia comentado e, por cima das pedras, fazendo malabarismo, conseguimos atravessá-la. Depois da sanga, passamos por um arame e encontramos a trilha, coberta por mato.

Figura 23: Trilha por onde passamos



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

O Flávio, devido a uma limitação física, tinha problemas de locomoção, então, para amenizar essa caminhada, eu ia à frente, rapidamente, para ver o que nos esperava adiante, e ele ia um pouco mais devagar.

Depois de caminharmos meia hora por entre a mata, estávamos exaustos, sentíamos muita fome e calor, a temperatura devia estar por volta de uns 30°, mas nós não íamos desistir. Após uns 40 minutos de caminhada, pedi que o Flávio descansasse um pouco e ficasse com as duas bolsas que carregava, para que eu fosse até o alto de um cerro. Fui correndo por entre o matagal, onde já não havia trilha, mas achei que, se chegasse até o alto, enxergaria a casa do Senhor Joaquim. Foi em vão, não vi casa alguma, somente mato.

Voltei para onde estava o motorista e chegamos à conclusão de que aquela trilha poderia ter sido feita pelos animais. No caminho de volta, encontramos vacas que vinham pela trilha, confirmando nossa hipótese. Tínhamos nos perdido.

Ao passar a sanga, escutamos o canto de um galo. Olhamos para a direção daquela cantoria e nos certificamos de que não havia nenhuma trilha que nos

levasse para lá. Às 12h e 40min chegamos até o carro. O automóvel ficou próximo à residência de uma senhora. Perguntamos para ela como faríamos para chegar à casa do senhor Joaquim.

_ “*Senhora, onde fica a casa do Senhor Joaquim?*”.

_ “*O Joaquim mora depois da sanga*”.

_ “*Mas nós já fomos até lá, passamos a sanga e seguimos*”.

_ “*Não! Tem que passar a sanga e pegar à esquerda*” (LILA, relato através de filmagem, 11/02/2008).

Com a orientação desta senhora, fomos novamente procurar por seu Joaquim. À medida que íamos caminhando, escutávamos mais forte o canto do galo. Atravessamos a sanga e fomos pela esquerda, costeando-a. A trilha era quase invisível, por isso não a enxergamos antes. Chamaram-nos a atenção os diversos bastões de madeira (cortados de galhos de árvores) a cada dois, três passos que dávamos.

Caminhamos um pouco mais e, depois de uma subida, avistei a antena parabólica. O lugar não era tão diferente daquele que tínhamos ido, era mais perto, mas continuava sendo de difícil acesso. “*Flávio, como conseguiram trazer uma antena parabólica pra cá?*” – essa foi minha inquietação. Depois, enxergamos a casa: grande e de tábuas. Com os vidros quebrados, estava de pé porque contava com o auxílio de madeiras que a sustentavam, impedindo-a de cair.

Os cachorros vieram fazendo festa. Senhor Joaquim estava sesteando, custou a levantar; mas, mesmo com fome, esperamos, pois seria mais uma família que estaria contemplada no processo da pesquisa.

Seu Joaquim tinha 78 anos de idade e morava sozinho. Usava bengala, pois, conforme declarou, sofreu um acidente quando ainda fazia parte da Aeronáutica. Seu maior orgulho é dizer que seus filhos e netos estavam todos formados em Direito, Engenharia, etc.

Figura 24: Casa do Senhor Joaquim



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

Mais importante do que as experiências em descobrir caminhos e em encontrar casas no meio do mato, foi conversar com sujeitos que me ensinaram lições de vida, disseram palavras de carinho e estímulo e demonstraram emoções que jamais vou esquecer.

Se eu contasse cada história vivida durante a pesquisa de campo, precisaria de muitas páginas para compor esta dissertação; portanto, escolhi essas duas passagens descritas no Diário de Campo, pois representam alguns momentos da pesquisa.

A seguir, apresento duas imagens da investigação no Paredão:

Figura 25: Atravessando campos para chegar até as casas



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, janeiro/2008)

Figura 26: Trajetos



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

Através dessas imagens e dos relatos sobre a inserção no campo pesquisado, procurei mostrar aspectos do cotidiano da investigação. Passo agora à descrição das opções metodológicas construídas para realizar a pesquisa.

2.2 O caminho metodológico

Passei anos de minha vida de iniciante em pesquisas entre martelos e pregos. Aprendi aos poucos que posso carregar na caixa de ferramentas chamada 'método' alicates, chaves de fenda, trenas, furadeiras, plainas, além de outros instrumentos. Aprendi mais tarde que bem melhor do que minhas máquinas são as minhas mãos. E quem as dirige não são as ferramentas de que me valho, mas o meu coração e a minha mente, que dão sentido à madeira que trabalho, às ferramentas e às minhas mãos
(BRANDÃO, 2003, p.45).

Respaldo-me nas palavras de Brandão para registrar o caminho científico, ou seja, a opção metodológica escolhida para realizar a pesquisa de campo, o tratamento dos dados, bem como a análise dos mesmos.

Ainda em dezembro de 2007, anteriormente à pesquisa de campo, busquei subsídios para construir os instrumentos de coleta de dados; para isso, naquele momento, delineei como objetivo geral da pesquisa: conhecer aspectos da realidade socioeconômica e de (não)escolaridade dos moradores das localidades do Paredão e da Costa do Bica. A partir desse objetivo, comecei a questionar sobre qual metodologia daria suporte para alcançá-lo e quais seriam as técnicas de coletas de dados que me auxiliariam para isso. Gamboa (2007, p.89) afirma que “as técnicas por si não se tornam alternativas para a pesquisa. As opções técnicas só têm sentido dentro do enfoque epistemológico no qual são utilizadas e elaboradas”. A esse respeito, Brandão (2003) afirma que:

Um método científico é uma seta entre outras apontando um caminho entre outros. As técnicas de pesquisa e os procedimentos experimentais são o calçado que eu uso e o bastão que eu carrego ao caminhar. Mas quem caminha pelo conhecimento sou eu, uma pessoa, e o caminho por onde vou, bem sei, não é nunca único (BRANDÃO, 2003, p.61).

Através de algumas leituras sobre pesquisa qualitativa e quantitativa, cheguei à conclusão de que ambas apresentavam potencialidades e limites, de forma que optei por utilizar as duas. Essa postura possibilitou-me um leque maior de ferramentas de investigação. Sobre o entrecruzamento dessas duas formas de pesquisa, Gamboa (2007) afirma:

[...] frequentemente são utilizados resultados e dados expressos em números. Porém se interpretados e contextualizados à luz da dinâmica social mais ampla, a análise torna-se qualitativa. Isto é, na medida em que inserimos os dados na dinâmica da evolução do fenômeno e este dentro de um todo maior compreensivo, é preciso articular as dimensões qualitativas e quantitativas em uma inter-relação dinâmica, como categorias utilizadas pelo sujeito na explicação e compreensão do objeto (GAMBOA, 2007, p.106).

Ao concordar com Gamboa (2007), saliento a opção por uma metodologia quali-quantitativa, pois:

Conhecer é compreender os fenômenos em suas diversas manifestações e contextos. Para tanto, o sujeito tem que intervir interpretando, procurando seu sentido, e utilizando técnicas abertas que permitam a manifestação profunda dos fenômenos (técnicas qualitativas); de forma diferente no método analítico, o sujeito precisa ficar distante, excluir seus valores, suas interpretações, e utilizando técnicas e instrumentos que filtrem a subjetividade e permitam uma formalização rigorosa, de preferência numérica (técnicas quantitativas) (GAMBOA, 2007, p.95).

Não posso negar que, de certa forma, há um dualismo entre o uso das técnicas de coletas de dados quantitativas e qualitativas; porém, encontrei respaldo nos autores Santos Filho e Gamboa (2007) para expressar as perdas decorrentes da sobreposição de uma ou outra opção metodológica:

O jogo de perdas e ganhos, que tanto umas como outras opções acarretam, assim como as possíveis influências dos modismos e os encantos e desencantos das diversas abordagens, vêm alimentando a controvérsia, que fica presa, quando não a 'reducionismos técnicos', a preconceitos ideológicos [...] as opções da pesquisa não se limitam à escolha de técnicas ou métodos qualitativos ou quantitativos [...] as opções são mais complexas e dizem respeito às formas de abordar o objeto, aos objetivos com relação a este, às maneiras de conceber o sujeito, ou os sujeitos, aos interesses que comandam o processo cognitivo, às visões de mundo implícitas nesses interesses, às estratégias da pesquisa, ao tipo de resultados esperados etc. (SANTOS FILHO; GAMBOA, 2007, p. 08-09).

Pensando nos interesses e objetivos da pesquisa, tomei consciência de que para conhecer determinada realidade não bastariam apenas dados numéricos e

também não era o que almejava. Para compor este trabalho, além da descrição a partir do levantamento de dados quantitativos, precisaria mostrar fragmentos daquela realidade através de imagens, relatos no diário de campo e entrevistas semiestruturadas.

Partindo desse entendimento, procedi ao mapeamento da escolarização e da condição socioeconômica dos sujeitos residentes nas localidades pesquisadas, utilizando, primeiramente, a metodologia *descritiva*. Sobre as descrições na pesquisa, Gil (1991) aponta que:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população [...]. Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade [...] (GIL, 1991, p.46).

A pesquisa descritiva passou, então, a assumir a forma de *levantamento*, já que o delineamento da investigação se deu através de dados fornecidos pelos moradores das duas localidades. Ainda citando Gil (1991), as pesquisas do tipo *levantamento*, caracterizam-se, principalmente:

[...] pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados (GIL, 1991, p.56).

O levantamento de dados ancorado na descrição das características da população foi apenas uma das metodologias para coleta de dados. Nessa perspectiva, foram construídos os seguintes materiais: caderno de anotações; diário de campo; entrevista estruturada; entrevista semiestruturada; bloco de autorizações – instrumentos que descrevo a seguir:

Caderno de Anotações e Diário de Campo – Esses instrumentos de coleta de dados foram organizados em dois cadernos, um recebeu a denominação de *caderno de anotações* e outro de *diário de campo*. A prática de sempre passar a limpo as anotações do primeiro foi fundamental para subsidiar a produção do segundo, sendo este qualificado por momentos de reflexão.

Constam, no caderno de anotações, informações escritas diariamente, tais como: pessoas que me acompanharam no dia; número de famílias investigadas; horas de viagem; quilometragem percorrida (informação que só era referenciada quando um automóvel era o meio de locomoção); quantas porteiras abrimos durante o dia; de que forma se apresentava o cenário no momento da entrevista; quais pessoas ficavam no ambiente onde realizava a entrevista; que impressões eu tive do lugar, das pessoas, das coisas, entre outras.

O caderno de anotações, reservado na parte de baixo da prancheta, havia uma escrita que, muitas vezes, estava ilegível, mas que, como cita Brandão (1982, p.11): “uma vez em casa, passava a limpo com vagar, trabalhando os dados colhidos e clareando uma letra cada vez menos legível” transformando-o assim nos escritos do diário de campo.

Portanto, no diário de campo, foram escritas as reflexões feitas a partir dos apontamentos realizados sucintamente no caderno de anotações, pois o diário não era usado no campo, mas sempre ao término de um dia de investigação.

Ainda citando Brandão (1982, p.13) sobre a escrita no diário de campo, revela que “aqui, livre do rigor da teoria, não preciso explicar o que compreendo, mas compreender o que sinto”. Acredito que essa escrita ajudou a organizar o estudo, desvelando rumos para a pesquisa.

Entrevista estruturada – Esse instrumento de coleta de dados (Apêndice A) foi demasiadamente trabalhoso para construir, já que os objetivos propostos no projeto de investigação teriam que ser abarcados nessa entrevista.

Lüdke e André (1986, p.34) conceituam entrevista estruturada como sendo aquela “usada quando se visa à obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados, permitindo assim uma comparação imediata, em geral mediante tratamentos estatísticos”. Nesse sentido, é importante diferenciar entrevista estruturada de questionário. Para isso, as autoras argumentam que:

Quando o entrevistador tem que seguir muito de perto um roteiro de perguntas feitas a todos os entrevistados de maneira idêntica e na mesma ordem, tem-se uma situação muito próxima da aplicação de um questionário, com a vantagem óbvia de se ter o entrevistador presente para algum eventual esclarecimento (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.34).

Na realidade, algumas questões da entrevista estruturada já haviam sido empregadas no ano de 2007, quando realizei o estudo já referido: *Gênero, alfabetismo e analfabetismo entre mulheres residentes na localidade Paredão no município de Piratini/RS*. Todavia, naquele momento, utilizei um número excessivo de perguntas, que precisavam ser repensadas; pois, por se tratar de uma entrevista realizada pessoalmente de casa em casa, precisaria contar com alguns cuidados: perguntas que contemplassem todos os integrantes da família (pai, mãe, filhos, filhas, esposo, esposa, sogro, sogra, etc.), mas que não se tornassem exaustivas, tanto para o entrevistado, que era abordado no exercício de suas tarefas cotidianas, quanto para mim, que necessitava de um número expressivo de informações, mas que não dispunha de muito tempo. Portanto, construí uma entrevista que ocupou apenas uma folha A4, na qual estavam todas as questões que considerei relevantes para a pesquisa. Embora flexível, havia um roteiro bem estruturado, cobrindo quatro eixos básicos:

a) informações relativas ao/a próprio/a entrevistado/a, tais como: nome completo da pessoa que se dispôs a responder as questões (bem como assinar a autorização); localidade onde residia (Paredão ou Costa do Bica); idade ou data de nascimento; descendência étnica/origem; profissão; escolaridade; estado civil; emprego remunerado em outra localidade/cidade.

Em muitos casos, ao chegar à residência da família, ainda que fosse recebida pelo homem da casa e ainda que este se prontificasse em contribuir com a pesquisa, era a mulher ou a filha quem respondia as questões. Cabe ressaltar que o homem procurava ficar próximo, em pé, encostado na porta da frente ou até mesmo sentado junto a nós, contribuindo com as respostas. Das 114 famílias visitadas nas duas localidades, 83 mulheres foram as responsáveis pelas respostas constantes na entrevista estruturada. Também é importante ressaltar que os resultados constantes nessa entrevista são oriundos de declaração, ou seja, 114 pessoas foram responsáveis pelas informações do total de moradores de cada residência.

b) perguntas concernentes às pessoas que moravam na mesma casa do/a entrevistado/a: nome das pessoas que residiam na casa; grau de parentesco referente ao entrevistado; descendência étnica/origem; idade; profissão; escolaridade.

c) questões referentes aos/às filhos/as da pessoa que respondeu a entrevista, mas que não residiam mais na casa: nome dos filhos que não residiam

com os pais; idade; descendência étnica/origem; local onde residiam; emprego remunerado; escolaridade.

d) dados socioeconômicos da família: material de construção da casa; cômodos da casa; banheiro; aparelho de TV; rádio; telefone celular; automóvel; geladeira; energia elétrica; água encanada; horta/plantações.

É importante comentar que foi no decorrer da pesquisa que as questões tomaram forma, ou seja, comecei aplicando a entrevista, mas, ao preenchê-la, ia percebendo aspectos que precisavam ser contemplados ou até mesmo excluídos, de forma que as duas primeiras semanas serviram para que essas questões se afinassem com o que estava propondo, como podemos perceber em uma descrição do diário de campo: *“Hoje retornei pela terceira vez em todas as residências já visitadas, para coletar dados importantes e que só foram percebidos à medida que interoguei outras pessoas”* (SILVA, 18/01/2008).

O tempo médio de cada entrevista estruturada variou de trinta minutos a uma hora. As medidas tomadas na construção desse instrumento de coleta de dados – perguntas de forma clara e sucinta, dispostas em uma única folha – foram de extrema importância se levarmos em conta o contexto no qual se deram essas entrevistas – à beira do fogão a lenha enquanto a mulher preparava o almoço; com a prancheta na mão, encostada na porteira em frente à casa da família; sentada em algum cepo embaixo de árvores; no meio do milharal, onde a entrevistada realizava a capina de sua plantação. Essas e outras situações levam-me a crer que essa entrevista foi um importante instrumento de pesquisa e contribuiu para o êxito desta investigação.

Entrevista semiestruturada – Além da entrevista estruturada, foi construída a entrevista semiestruturada (Apêndice B), a qual deveria ser aplicada quando as questões da entrevista estruturada não contemplassem aspectos peculiares de alguma família em relação à condição socioeconômica e de (não)escolaridade. A intenção foi coletar informações como: por qual motivo não prosseguiu nos estudos ou não estudou; o que se lembrava da época de estudante e do processo de alfabetização; se tinha o hábito da leitura e o que lia; quando foi a última vez que leu algum material impresso; que livros tinham em casa; se havia o hábito de escrever; quais situações exigiam a escrita para o informante. Ressalto que as questões dispostas nesta entrevista, foram também aplicadas no ano de 2007.

Portanto, essas interrogativas foram aplicadas aos 10 primeiros sujeitos, investigados no ano de 2008. Destaco que, ao começar a pesquisa de campo, o intuito era o de entrevistar todas as pessoas que respondessem à entrevista estruturada, porém, como o segundo instrumento demandava um tempo maior, resolvi não aplicá-lo naquele momento, cessando na décima entrevista, destas, selecionei 03, por considerar que apresentam aspectos relevantes e que fazem emergir o cotidiano apresentado através de dados numéricos.

Contudo, pela importância dos dados coletados, através de entrevista semiestruturada, em maio de 2007, estas também serão utilizadas, totalizando 04 entrevistas.

Portanto, além dos dados gerados através da entrevista estruturada, também serão consideradas 07 entrevistas semiestruturadas, sendo: 04 entrevistas realizadas em maio de 2007 e 03 entrevistas realizadas em 2008²⁶.

Bloco de autorizações – Antes de sair para a pesquisa de campo, organizei autorizações (Apêndice C) que me permitissem usar as informações coletadas através das entrevistas, bem como as fotografias com os registros das visitas. Essas autorizações foram encadernadas de forma organizada, seguindo a sequência das visitas realizadas. Com os moradores que se declaravam analfabetos, foi sugerido que alguma pessoa que soubesse ler na casa realizasse a leitura em voz alta e, logo após, o respondente autorizasse através de sua digital. Caso essa possibilidade não se efetivasse, a autorização era lida por mim.

Finalizando o registro sobre a coleta de dados, passo a descrever como esses dados foram armazenados e trabalhados, tendo em vista que o levantamento através de entrevista estruturada foi realizado com 114 famílias, as quais foram visitadas em dois meses de trabalho de campo – janeiro e fevereiro de 2008. Como os entrevistados responderam questões sobre toda a família, os dados referem-se a 344 pessoas.

Considerando que as entrevistas estruturadas eram preenchidas manualmente no campo da pesquisa, ao retornar para casa, digitava as informações de cada uma, armazenando-as em uma pasta fichário. Para cada entrevista, há uma

²⁶ Serão utilizadas as entrevistas semiestruturadas de: Iraci Guterres (26/05/2007); Ana Lúcia Borges (26/05/2007); Abrilina Nunes (26/05/2007); Josino Nunes (26/05/2007); Beloni Nunes Porto (07/01/2008); Francisco Nunes (10/01/2008); Roseno Domingues (10/01/2008).

não possuía o conhecimento de como usar as ferramentas do programa *Excel*. Tive que testar várias possibilidades e a cada passo construía os gráficos de forma mais consistente. A cada construção voltava para os primeiros, ajustando-os. O trabalho com as informações coletadas na pesquisa de campo foi minucioso e compõe 128 páginas de gráficos.

Os gráficos estão dispostos por localidade, ou seja, primeiramente todos os dados dos moradores do Paredão, logo após, da Costa do Bica e, por fim, foram agrupadas as informações das duas localidades. Tais dados versam sobre informações relativas ao/à próprio/a entrevistado/a; pessoas que moravam na mesma casa do/a entrevistado/a; filhos/as que não residiam com os pais; e, por fim, dados socioeconômicos da família. A tabulação dos dados por localidade – ou seja, divisão em gráficos dos dados do Paredão e da Costa do Bica – permitiu-me concluir que as informações separadas deixariam a dissertação com um número excessivo de gráficos, mas não retratariam realidades (Paredão e Costa do Bica) muito diferentes uma da outra, já que os dados com relação à condição social, econômica, e de (não)escolaridade apresentaram porcentagens similares; por esse motivo, foram usados neste trabalho apenas os dados que englobam as duas localidades. Para os casos que expõem alguma diversidade relevante, há a indicação da informação por localidade.

Ainda no mesmo mês de março de 2008, realizei a transcrição das fitas de áudio. As entrevistas semiestruturadas foram transcritas e organizadas em uma pasta. Depois disso, procedi à leitura e categorização das mesmas.

Conforme dito anteriormente, foram dois meses de inserção nas localidades do Paredão e da Costa do Bica, 114 residências mapeadas e dados sobre 344 pessoas foram levantados.

Cabe ressaltar ainda que, no mês de dezembro de 2009, foram coletadas as matrículas do ano de 2006, 2007, 2008 e 2009 dos alunos do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, na escola localizada na região. Esses dados estão apresentados no 4º capítulo desta dissertação. Essa coleta de dados teve como propósito resgatar a trajetória dos ex-estudantes e estudantes, que havia frequentado ou estavam frequentando algum ano do Ensino Médio, na época da pesquisa de campo.

Nos próximos capítulos, serão apresentados os dados quantitativos e qualitativos encontrados sobre a condição socioeconômica na pesquisa, bem como

os dados sobre a (não)escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica, foco central desta dissertação.

3 DADOS SOCIOECONÔMICOS DOS MORADORES DO PAREDÃO E DA COSTA DO BICA

3. 1 Dados sobre o total de pessoas investigadas

Este capítulo é dedicado à apresentação e à análise dos resultados socioeconômicos obtidos na pesquisa de campo. Na localidade do Paredão, mapeei 63 famílias, mas participaram desta pesquisa 57, visto que as demais não foram encontradas nas duas visitas feitas. Portanto, dessa localidade, obteve-se os dados de 152 pessoas. Na localidade da Costa do Bica, todas as famílias residentes foram contempladas na investigação, totalizando, também, 57 famílias, perfazendo um total de 192 pessoas. Assim, os dados adiante fazem referência aos 344 moradores que residem nas localidades do Paredão e da Costa do Bica. Os responsáveis pela declaração das informações desse número total de moradores foram as 114 pessoas entrevistadas. Ressalto que esses dados serão apresentados no conjunto e não separados por localidade, como justifiquei anteriormente.

No capítulo anterior, realizei uma descrição sobre a entrevista estruturada – principal suporte metodológico do levantamento de dados. As informações coletadas com esse instrumento contemplaram questões referentes ao perfil da entrevistada ou entrevistado; das pessoas que residiam na casa da/do entrevistada/o; dos filhos que não residiam mais com os pais; da condição socioeconômica dos moradores das localidades do Paredão e da Costa do Bica. Os dados apresentados neste capítulo são um recorte desse conjunto e estão estruturados da seguinte forma:

- a) Dados sobre o total de pessoas investigadas (344 moradores);
- b) Condição socioeconômica dos moradores do Paredão e da Costa do Bica (114 famílias).

O objetivo, ao colocar em primeiro lugar os *dados sobre o total de pessoas investigadas*, é o de apresentar uma descrição de alguns aspectos desses sujeitos: distribuição dos moradores quanto ao gênero (feminino e masculino); faixa etária do total de pessoas investigadas; descendência étnica e profissão. Reafirmo que todos os dados foram obtidos por (auto)declaração.

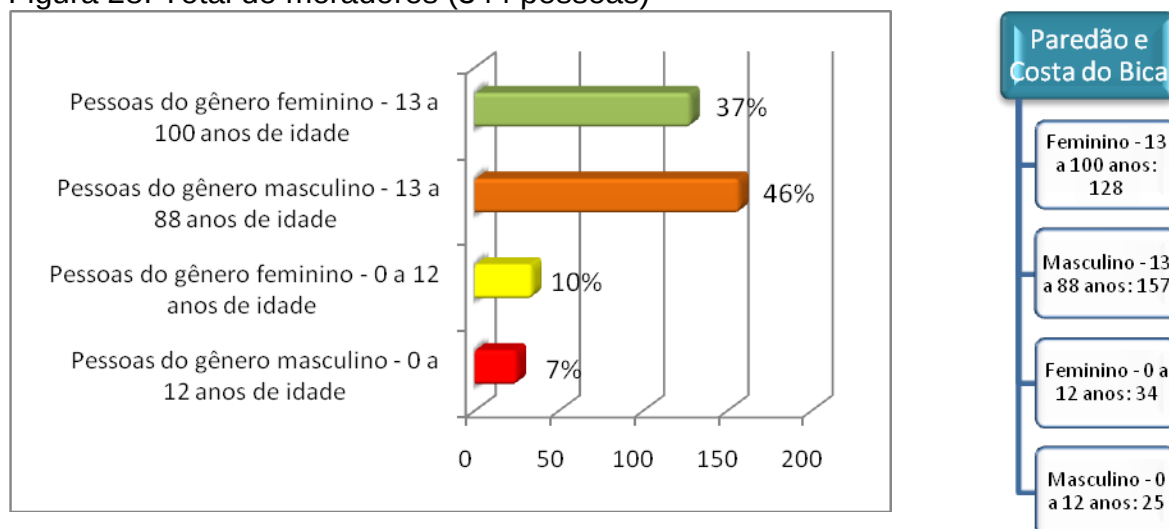
Com a elaboração do item *Condição socioeconômica dos moradores das localidades do Paredão e da Costa do Bica* – busco apresentar aspectos dessas duas localidades que dizem respeito ao tempo que o/a entrevistado/a reside no local; ao material de construção da casa do entrevistado/a; à existência ou não de banheiro na residência; ao fornecimento ou não de energia elétrica e água encanada; à existência de aparelhos de TV, rádio, telefonia móvel, automóvel, geladeira; ao cultivo de horta e plantações no local.

Para melhor entendimento, apresentei, ao lado de alguns gráficos com as porcentagens, o número absoluto do dado e imagens que ilustram aspectos da realidade pesquisada. As discussões e as análises, neste capítulo, referenciarão tanto as porcentagens quanto o número absoluto encontrado através da entrevista estruturada.

Apresento, inicialmente, a distribuição quanto ao gênero feminino e masculino, tomando como referência a faixa etária que compreende dos 13 aos 100 anos de idade para o feminino, e dos 13 aos 88 anos para as pessoas do gênero masculino²⁸. O recorte por sujeitos que tenham idade a partir dos 13 anos se deu devido ao fato de as crianças estarem representadas com idade entre zero a 12 anos, já que a moradora mais jovem casada tinha, na época da pesquisa, 13 anos de idade. Esse recorte está, também, amparado pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, o qual diz nos termos do art. 2º que considera-se criança a pessoa de até 12 anos de idade. No gráfico, as crianças foram apresentadas por gênero, como podemos ver a seguir:

²⁸ Considerei como recorte final para o gênero feminino pessoas com 100 anos, e para o masculino com 88 anos, pelo fato de ser essa a idade das pessoas mais idosas residentes nas localidades do Paredão e da Costa do Bica.

Figura 28: Total de moradores (344 pessoas)

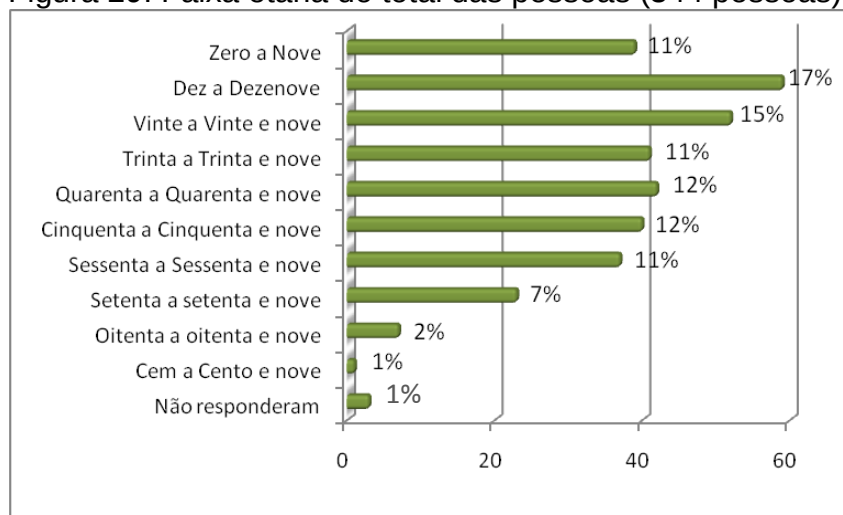


O dado referente às crianças é de 17%, ou seja, 59 crianças em um universo de 344 pessoas. Já o índice de homens (46%) é maior do que em relação às mulheres (37%).

Entre os entrevistados do gênero masculino, apenas 09 residiam sozinhos. Entre esses, 08 declararam-se solteiros, tendo a faixa etária compreendida entre 23 e 54 anos de idade; apenas um sujeito de 78 anos declarou ser viúvo.

Entre as pessoas do gênero feminino, 13 moravam sozinhas, sendo que 11 declararam-se viúvas. Apenas 02 responderam serem solteiras. A idade dessas pessoas do gênero feminino compreendeu a faixa entre 58 e 83 anos de idade. Com relação à faixa etária do total de pessoas residentes nas localidades pesquisadas, temos o seguinte:

Figura 29: Faixa etária do total das pessoas (344 pessoas)



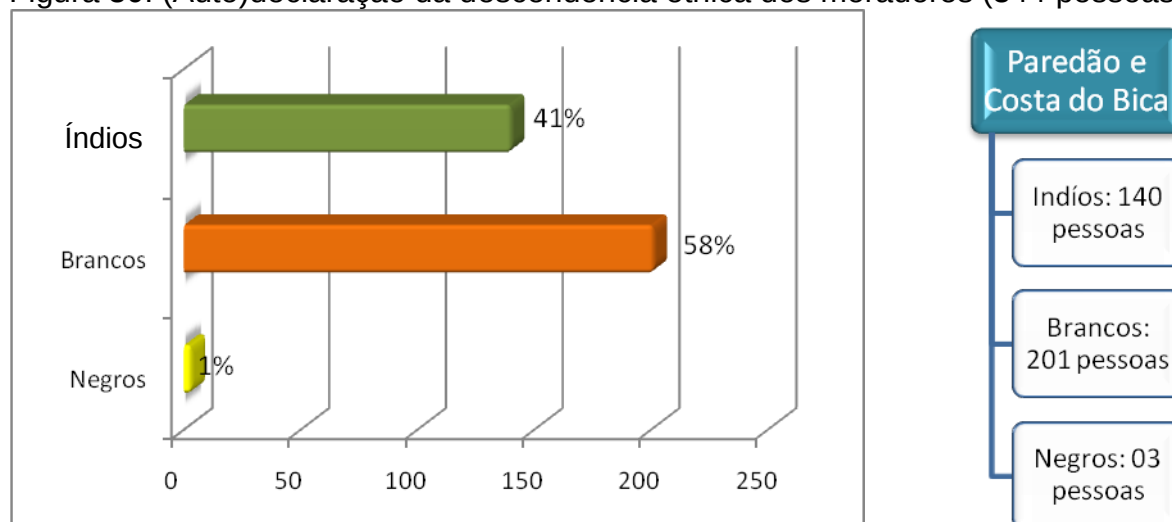
A partir do gráfico, é possível perceber que a faixa etária que se sobressai é entre 10 e 19, bem como entre 20 e 29 anos de idade, ou seja, esse dado mostra que muitos jovens do Paredão e da Costa do Bica ainda resistem ao êxodo rural, caracterizado pelo abandono da zona rural por seus habitantes. Embora essa seja uma realidade em relação aos pesquisados, como vimos no gráfico (Fig.29), nos relatos de alguns moradores existe a triste lembrança de que há anos a população dessa região era maior; realidade que mudou devido ao fato de muitas famílias terem abandonado o lugar de origem em busca de melhores condições de vida, migrando, principalmente, para centros urbanos.

Entre os moradores, a mulher mais idosa residente na localidade Paredão, na época, era a Senhora Santa Isabel Nunes Domingues, de 84 anos de idade. Já o homem mais idoso era o Senhor Marcelino Abreu, com 88 anos de idade. Tive a declaração de ambos como sendo descendentes de índios.

A mulher mais idosa residente na Costa do Bica, na época da pesquisa, era a Senhora Helena Silva, com 100 anos de idade. Entre os homens era o Senhor Carlos dos Santos, com 77 anos de idade. Helena declarou ser indígena, Senhor Carlos disse ser branco.

A descendência étnica²⁹ também foi classificada conforme declaração da pessoa investigada. Na pesquisa, três declarações foram obtidas: índio, branco e negro.

Figura 30: (Auto)declaração da descendência étnica dos moradores (344 pessoas)



²⁹ A pergunta realizada era bastante específica: Qual sua descendência étnica/origem? É importante destacar que para a segmentação *branco* houve a tentativa de que os informantes nomeassem a descendência, mas em vão, pois desconheciam a mesma.

A partir do gráfico (Fig.30) é possível destacar um elevado índice de (auto)declarações para brancos (58%), embora as duas localidades sejam de origem indígena. Mesmo reconhecendo ser problemático discutir a questão da descendência através das características físicas dos moradores, há indícios de que muitos dos que se (auto)declararam³⁰ brancos apresentam traços indígenas: cabelos lisos e negros, olhos oblíquos e pele morena. Além disso, não posso deixar de relatar que houve casos em que a mãe declarou ser indígena e, quando realizei a entrevista estruturada com os filhos, estes declararam-se brancos. Na verdade o que caracteriza essa informação é que as pessoas se afastaram tanto de sua origem que não mais se reconhecem como índios; além disso, percebi preconceitos pelos moradores do Paredão e da Costa do Bica quanto a sua etnia. Cabe ressaltar que os dados tabulados neste trabalho são aqueles obtidos através da (auto)declaração, ou seja, não foram consideradas as hipóteses recém mencionadas na tabulação das informações.

A porcentagem de moradores dos quais obtive a (auto)declaração étnica como sendo descendente indígena é de 41%. Um dos entrevistados, ao ser questionado sobre sua descendência, relatou:

Nóis semo índio! A minha classe é índio. Minha vó era índia, tinha até o beijo furado, ela dava um assobiu [pausa], ela conversava [pausa], ela falava [pausa], pra chamá os fio dela ela dava aquele assobiu por aquele furinho assim que tinha no beijo (JOSINO, Paredão, 26/05/2007).

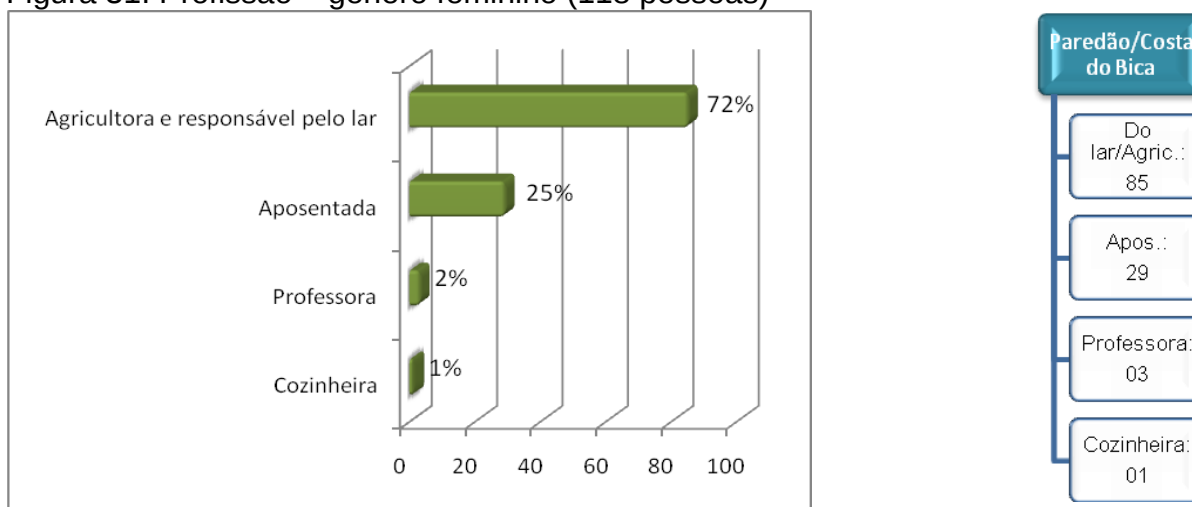
O Senhor Josino, através de sua fala, rememora traços da cultura indígena: o *beijo furado* é uma marca dos antepassados desse povo que participa do processo histórico, constituindo novas identidades.

Em relação à informação de negros residentes no Paredão e na Costa do Bica, houve a (auto)declaração de 03 pessoas.

Outra questão pesquisada faz referência à profissão desses moradores, que responderam ao seguinte questionamento: Qual sua profissão ou ocupação? Os dados obtidos entre as pessoas do gênero feminino foram os seguintes:

³⁰ Utilizo o termo (auto)declaração para referir-me aos dados constantes na entrevista estruturada que foram declarados pelo morador que se dispôs a fornecer as informações do total de pessoas que residiam na mesma casa, bem como a assinar a autorização, além disso, este mesmo sujeito auto-declarou seus próprios dados.

Figura 31: Profissão – gênero feminino (118 pessoas)³¹



Entre as mulheres, predomina como profissão/ocupação a agricultura e a responsabilidade pelo lar, 85 moradoras (auto)declararam serem responsáveis pelas duas atividades.

Sobre a prática feminina de dona de casa, visivelmente encontrada na realidade pesquisada, Perrot (1988) afirma:

A dona-de-casa está investida de todos os tipos de função. Primeiramente, dar à luz e criar filhos que leva consigo e, a partir do momento em que sabem andar, acompanham-na por toda parte [...]. Segunda função: a manutenção da família, os 'trabalhos domésticos', expressão que tem um sentido muito amplo, incluindo a alimentação, o aquecimento, a conservação da casa e da roupa, o transporte da água, etc (PERROT, 1988, p.214).

As imagens que seguem foram registradas em visita à casa de Dona de Floriana - 76 anos de idade, residente na localidade do Paredão – e apresentam duas tarefas rotineiras na vida dessa senhora: varrer o terreiro, utilizando uma planta conhecida como *carqueja* (Fig. 32) e separar o milho da palha, que em seguida é debulhado, servindo de alimentação para os animais (Fig.33).

³¹ Não estão presentes no gráfico *profissão* as crianças que não estavam em idade escolar e os estudantes: sessenta e cinco estudantes e vinte crianças que ainda não estavam em idade escolar.

Figura 32: A prática de varrer o terreiro



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, janeiro/2008)

Figura 33: Preparando a alimentação para os animais



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, janeiro/2008)

Enquanto a mulher é investida tanto do trabalho agrícola quanto dos afazeres domésticos e da criação dos filhos, segundo as declarações, os homens se ocupam na realização de apenas uma tarefa, no caso a agricultura, como mostra o gráfico a seguir (Fig.34).

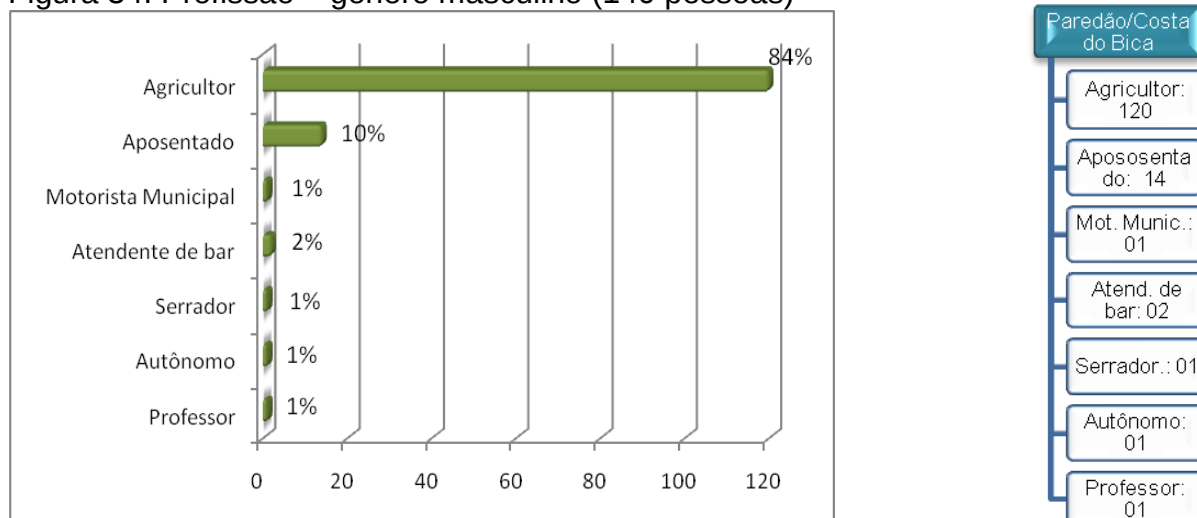
Antes da apresentação do gráfico (Fig.34), torna-se importante esclarecer o uso do termo *gênero* ao invés de sexo. Sexo remete aos “aspectos físicos, biológicos de macho e fêmea, aquelas diferenças que estão nos nossos corpos e que se desenvolvem de acordo com as etapas das nossas vidas” (GONÇALVES et al., 2006, p.37); gênero “é um fenômeno histórico, uma construção social. É a maneira como nos tornamos homem ou mulher para vivermos socialmente” (COSTA et al., 2006, p.28). Scott (1995) conceitua gênero nos seguintes termos:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proporções: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2), o gênero é a forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p.86).

Por se constituir uma relação social como um todo, analisando a (auto)declaração das pessoas do gênero feminino e masculino sobre a profissão/ocupação nas localidades do Paredão e da Costa do Bica, podemos dizer que a (auto)declaração dessas pessoas se constituiu no interior de relações de poder, pois, enquanto obtive a informação para a agricultura como profissão das pessoas do gênero masculino (84%), entre as do gênero feminino (72%), além de exercerem esta tarefa, também são responsáveis pelo lar.

A seguir apresento o gráfico sobre a profissão das pessoas do gênero masculino.

Figura 34: Profissão – gênero masculino (140 pessoas)³²



A profissão que predomina entre o gênero masculino é, portanto, a agricultura. Algumas ações e objetos foram observados nessa prática, como exemplo, o uso de instrumentos rudimentares para preparo, cultivo da roça e tratamento das sementes pelos agricultores da região: utilizam a técnica da coivara (derrubada de mata e queimada para limpar o solo para plantio), plantadeira manual de sementes, joeira (peneira), pilão (tritador de sementes) e gamela (vasilha de madeira ou barro).

No momento da pesquisa, apenas 09 pessoas na localidade do Paredão exerciam emprego remunerado. Entre as mulheres, estavam três professoras e uma cozinheira que trabalhava na residência de uma das famílias que não participou da entrevista estruturada (como dito anteriormente, algumas famílias não foram encontradas nas duas visitas que fiz). Com relação aos homens, um motorista municipal do transporte de ônibus escolar; dois atendentes e donos de bar; um serrador; e um autônomo que trabalhava com fretamento, um dos únicos que possuía carro para levar os moradores à cidade, principalmente quando estes adoeciam. Na Costa do Bica, apenas um morador exercia emprego remunerado, como professor.

Quando questionadas sobre como sobreviviam sem renda fixa, as pessoas relataram que além de plantarem para a sobrevivência também trabalhavam em épocas temporárias de safras frutíferas ou florestais, ou seja, em plantações e colheita de pêssego, maçã, melancia, acácia, eucalipto, *pinus*, etc.

³² Excluídas as crianças que não estavam em idade escolar e os estudantes.

Dona Iraci relata que os filhos não têm emprego fixo, mas trabalham por épocas: *“quando tem safra eles trabalha, quando não tem, eles não trabalha. Passam ansim, por casa”* (IRACI, Paredão, 26/05/2007). Vergara (1997, p.125) também constatou que *“pela necessidade de sobrevivência, muitos moradores desse lugar se ausentam por alguns meses para assalariar-se nas granjas rurais de outros municípios ou nas empresas rurais de Piratini”*.

Quando os filhos de Dona Iraci estão trabalhando remuneradamente, usam o dinheiro para abastecer tanto a sua residência quanto a da mãe, com mantimentos e bens materiais. Ao término do serviço, contudo, são obrigados a se desfazerem de seus pertences, gradativamente, vendendo-os como forma de adquirir a alimentação que começa a faltar. Essa venda foi evidenciada quando perguntei a Dona Iraci se possuía aparelho de TV, telefone celular ou geladeira. A resposta é positiva, mas concluiu: *“é do fio, ele vai vendê”* (IRACI, Paredão, 26/05/2007). Segundo ela, estavam faltando outras coisas de maior urgência na casa.

Outro dado importante é com relação à aposentadoria, são poucas as pessoas que usufruem desse direito. Um dos motivos é o registro de nascimento tardio, levando esses sujeitos a uma defasagem de idade, como aparece no relato de Dona Ana, ao falar sobre o registro de idade de seu esposo, o Senhor Fileno:

Olha, menina, na identidade o Fileno tem 57 anos, e ele já tem 62 [...] di primero [pausa] deixava tê 10, 12 filhos pra retirá a certidão. Ele foi registrado no Rio Grande. Naquele tempo não tinha ônibus, não tinha nada. O pai dele tava doente e foi removido pra Rio Grande [pausa], daí tirô no cartório, aquela facilidade, não pagava nada. Daí tirô de todos. (ANA, Costa do Bica, 26/05/2007).

Além do registro tardio, outro aspecto que deve ser observado é o fato de que alguns moradores não sabem corretamente a idade. Uma cena ocorrida na casa da Senhora Ana, comprova essa afirmação: *“dois anos atrasada pelos documentos. É, eu acho. Meu filho olhô a identidade e disse: — ‘mãe tu tem 53 anos! Aqui só meu filho sabe lê. E eu já tenho 55. Vou trazê a identidade pra senhora olhá”* (ANA, Costa do Bica, 26/05/2007). Ao olhar a identidade, confiro e digo: *“na identidade está que a senhora nasceu em fevereiro de 1953, então a senhora fez 54 anos em fevereiro”*. Essa senhora emocionou-se ao saber que sua idade estava com a defasagem de um ano apenas e, para além disso, com o fato de que no ano posterior poderia pedir sua aposentadoria: *“não diz minha fia, é capaz [olhos cheios de lágrimas] Fileno,*

ano que vem eu me aposento” (ANA, Costa do Bica, 26/05/2007). Trazer os documentos para eu ver foram cenas comuns, como mostro na imagem a seguir:

Figura 35: Certidão de nascimento do Senhor Josino, na localidade do Paredão



(Foto: SILVA, Helena, Paredão, maio/2007)

A intenção, ao mapear os dados recém apresentados, foi a de evidenciar alguns aspectos relativos aos sujeitos que fazem parte desta pesquisa. Agora, passo a descrever a condição socioeconômica desses moradores.

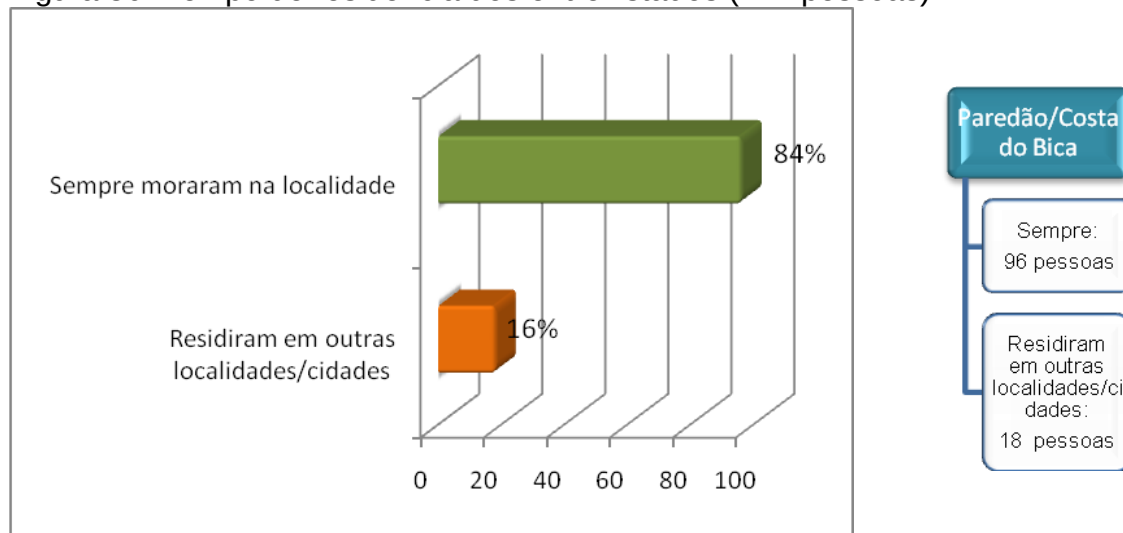
3.2 Condição socioeconômica dos moradores do Paredão e da Costa do Bica

Ao apresentar os dados é necessário esclarecer que eles se referem às 114 famílias das duas localidades – Paredão e Costa do Bica. Portanto, a porcentagem é sempre considerando esse número.

Na primeira questão feita sobre a condição socioeconômica dos moradores das localidades do Paredão e Costa do Bica, procurei saber há quanto tempo residiam na localidade pesquisada. O gráfico abaixo mostra que, dos 114 entrevistados/as que residiam no Paredão ou na Costa do Bica, 84% nasceram e

sempre residiram nessas localidades e 16% moraram em outras localidades ou cidades, mas retornaram a sua residência de origem ou vieram a residir na região:

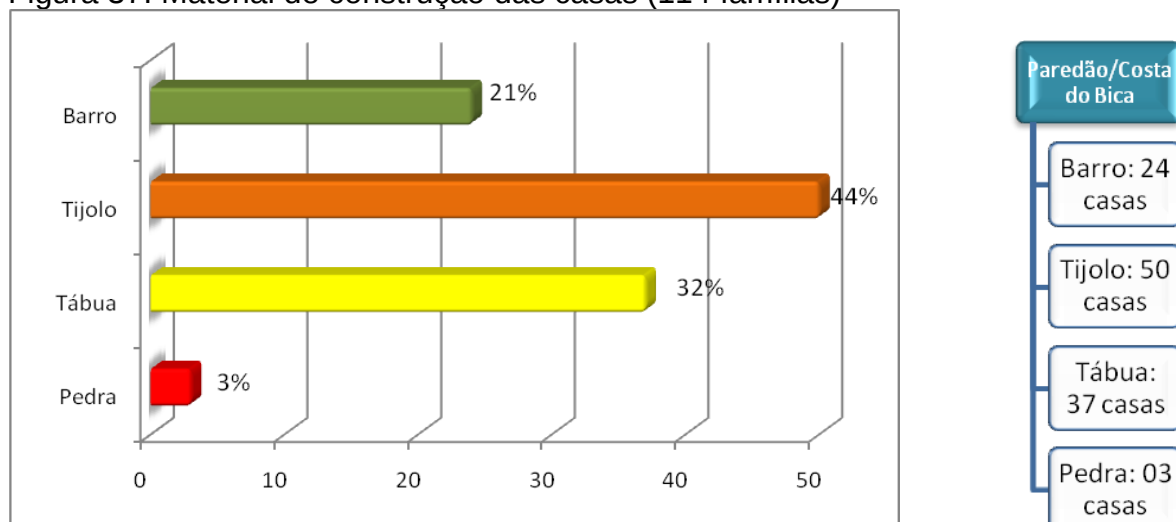
Figura 36: Tempo de residência dos entrevistados (114 pessoas)



Ainda no que concerne à pesquisa em questão, cabe destacar aspectos referentes a: material de construção da residência; banheiro no interior da casa; energia elétrica; água encanada; aparelho de TV; rádio; telefonia móvel; automóvel; geladeira; hortas ou plantações. Todos esses dados foram obtidos através da entrevista estruturada.

Com relação ao material de construção das casas, apresento os seguintes resultados:

Figura 37: Material de construção das casas (114 famílias)



Do total de 114 casas das famílias investigadas, a habitação de barro com cobertura de santa-fé³³ ou telha Brasilit (fibro-cimento) aparece em 21% das residências. Sobre essas habitações, o antropólogo Vergara (1997) relata que:

As casas dos moradores de 'Paredão' são um tanto rústicas, mas têm uma estrutura física que permite longa vida. O fato de sua fabricação ser feita de barro sobre paus de taquara, coberta com teto de palha, representa uma oposição inevitável ao universo de moradias atuais do município de Piratini. Comparadas às casas históricas ou modernas do centro urbano, é recorrente encontrarmos nas narrativas dos moradores do centro urbano, uma rejeição às condições das casas de 'Paredão' referindo-se a elas como: 'um atraso de vida', 'morando pior que bicho', 'um pessoal pobre' (VERGARA, 1997, p.141).

Nas imagens que seguem, podemos ver duas casas, ambas fabricadas com barro sobre paus de taquara e cobertas de palha santa-fé:

Figura 38: Casa de barro com cobertura de palha santa-fé



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, janeiro/2008)

³³ A palha de santa-fé é retirada de terrenos úmidos, próximos a arroios, e preparada antecipadamente para cobrir a armação do teto.

Figura 39: Casa de barro com reboco de cal e palha santa-fé



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

Essas imagens também nos remetem a informações sobre as aberturas – janelas e portas – dessas residências. Com relação às janelas, constatei que, assim como a casa, são confeccionadas pelo próprio morador, sendo uma para cada cômodo da casa e com poucos centímetros de altura e largura, fator que propicia pouca luminosidade no interior do ambiente doméstico.

Fazendo referência às portas, Vergara (1997, p.142) escreveu “com 1m50cm de altura, aproximadamente, que permitem os acessos e as saídas de seus habitantes, devendo-se ter cuidado para não bater a cabeça quando se efetuam seus acessos”. A seguir apresento a imagem da abertura de uma das casas, onde tive que abaixar-me para entrar e sair.

Figura 40: Estrutura das portas



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

Figura 41: Estrutura das portas e janelas



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

O barro utilizado para revestir a moradia também serve para ornamentar o seu interior, pois com a argila devidamente preparada obtém-se tons de várias cores, como afirma Vergara:

Entre esses diferentes tipos de terra arenosa ou argilosa estão as que oferecem uma cor bem marrom, que chega parecer um verdadeiro café com leite, outra um pouco amarelinha, que às vezes parece uma gema de ovo e uma última que é mais escura, que se aproxima ao cinza suave (VERGARA, 1997, p.145).

No Paredão, encontrei Dona Nilza (mãe de um dos afilhados de meus pais), senhora que construiu, com a ajuda do marido, sua própria casa de pedra (Fig.42) e que hoje a mantém barreando-a de seis em seis meses e decorando-a com arranjos e ramos de flores, com cores retiradas da argila e de sobras de tinta, como podemos ver na imagem (Fig.43):

Figura 42: Senhora Nilza e Senhor Domingo



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

Figura 43: Desenhos pintados com argila e sobras de tinta



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

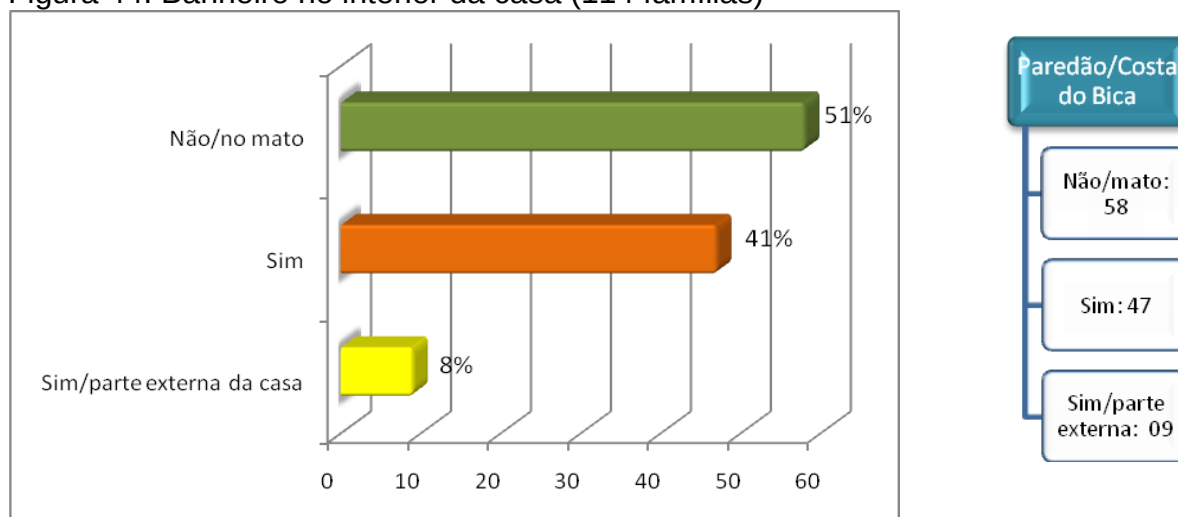
Os dados constantes na entrevista estruturada mostraram que entre as 24 residências de entrevistados que residiam em casa de barro, apenas 02 pertenciam a pessoas que declararam não serem descendentes de índios. Portanto, podemos inferir que a cultura indígena foi fundamental para este tipo de construção, desde sua arquitetura até sua preservação.

Outro aspecto a se considerar, relatado pelos moradores, é que nesse tipo de moradia fica inviável a construção de banheiros no seu interior. Constatei, porém, que não é só nas casas de barro que o banheiro é inexistente. Na localidade Costa do Bica, foram mapeadas apenas 04 casas construídas de barro e é neste local que aparece o maior número de banheiros *no mato*, como é referido pelos moradores. O banheiro *no mato* é conhecido assim porque as famílias destinam uma parte de sua propriedade para as necessidades fisiológicas. Em entrevista, encontrei relatos como os que apresento a seguir sobre essa prática. A Senhora Iraci (Paredão, 26/05/2007) afirma: *“o nosso banheiro é no mato. Banho a gente toma numa bacia, mas quando não tá muito frio a gente toma lá no arroio. Mas o nosso arroio fica*

longe daqui". A Senhora Abrilina (Paredão, 26/05/2007) diz: "*não tem nada, nada, é tudo no mato. Banho no arroio*".

No gráfico que segue, apresento a porcentagem e o número absoluto com relação a banheiros no interior da residência dos entrevistados/as.

Figura 44: Banheiro no interior da casa (114 famílias)



Como vimos, o banheiro *no mato* ainda é uma solução para muitos moradores em ambas as localidades. Também é comum ver as pessoas tomarem banho no arroio mais próximo ou, ainda, no rio Camaquã. Presenciei três situações que remetem a essa afirmação. A primeira cena aconteceu no mês de maio do ano de 2007, quando, pela segunda vez, fui até a localidade Paredão. Uma mulher residente na localidade, o filho de 13 anos de idade e a filha de 06 anos chegaram em casa com os cabelos molhados e uma bacia com roupas lavadas. A mulher disse estar lavando as roupas enquanto o casal de filhos banhava-se no arroio. Em outras duas ocasiões, já na realização desta pesquisa, em 2008, o filho de uma das entrevistadas levou-nos até o arroio onde sua mãe estava lavando roupa, mas encontrei-a lavando os cabelos nesta água. Em outro dia, após a realização de uma entrevista, a mulher disse que não tinha nada para oferecer ao nosso grupo, somente um banho no rio Camaquã, local onde passamos o resto da tarde, mesmo sem o uso de roupas apropriadas.

Alguns moradores, ao se referirem a banheiros no interior da residência, denominaram-no de *quarto-de-banho*, ou seja, uma peça no interior da casa para a realização de higiene pessoal e necessidades fisiológicas; geralmente um quarto

adaptado. Nesse local, há geralmente o vaso sanitário ou o urinol, uma bacia branca e uma vasilha de lata ou plástico com o chuveiro acoplado, usado no inverno com água aquecida na chaleira:

Figura 45: Exemplo de vasilha adaptada para chuveiro



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

Em relação aos banheiros na parte externa da residência, apresento a seguir a imagem de um banheiro construído de barro com telha Brasilit e piso com cimento.

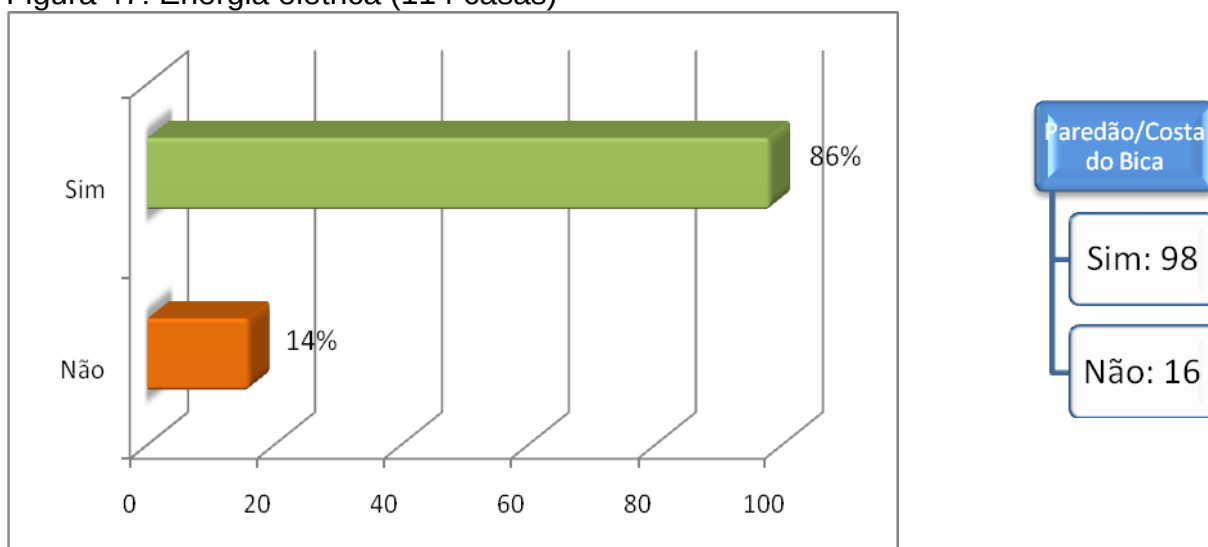
Figura 46: Banheiro construído no exterior da casa



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, janeiro/2008)

Já em relação à rede de energia elétrica, a mesma foi instalada na localidade Paredão há três anos e na localidade da Costa do Bica, há aproximadamente um ano. Vejamos o que os dados nos mostram:

Figura 47: Energia elétrica (114 casas)

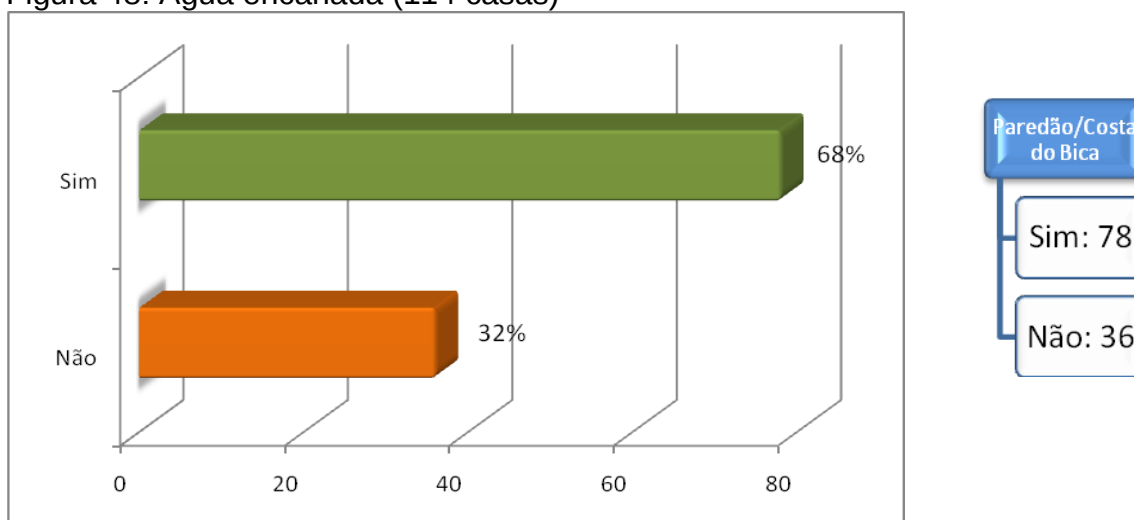


Outra questão sobre as condições socioeconômicas desses moradores foi em relação a possuírem ou não água encanada. Foram muitos os depoimentos sobre a sua falta e, conseqüentemente, sobre as dificuldades para levá-la até o interior da casa, trabalho realizado manualmente, após a coleta em arroios ou cacimbas. O relato de uma das entrevistadas, como podemos perceber, faz menção às dificuldades encontradas pelos moradores para ter água para o consumo:

Uma coisa que eu tenho pa ti dizê, ansim, as vês eu fico pensando, eu sô batizada, né? sabe? Batizada nas água, e eu fico pensando ‘_ se Deus me ajudasse que eu fizesse uma casinha e pudesse butá água em casa’, era uma maravilha. Qué vê meu braço d’ eu carregá água? Ontem eu mostrava pa minha fia ‘_ minha fia, olha aqui, tá até criando caroço deu carregá água’. Tempo di chuva me dói, mas o quê que a gente vai fazê, né? (IRACI, Paredão, 26/05/2007).

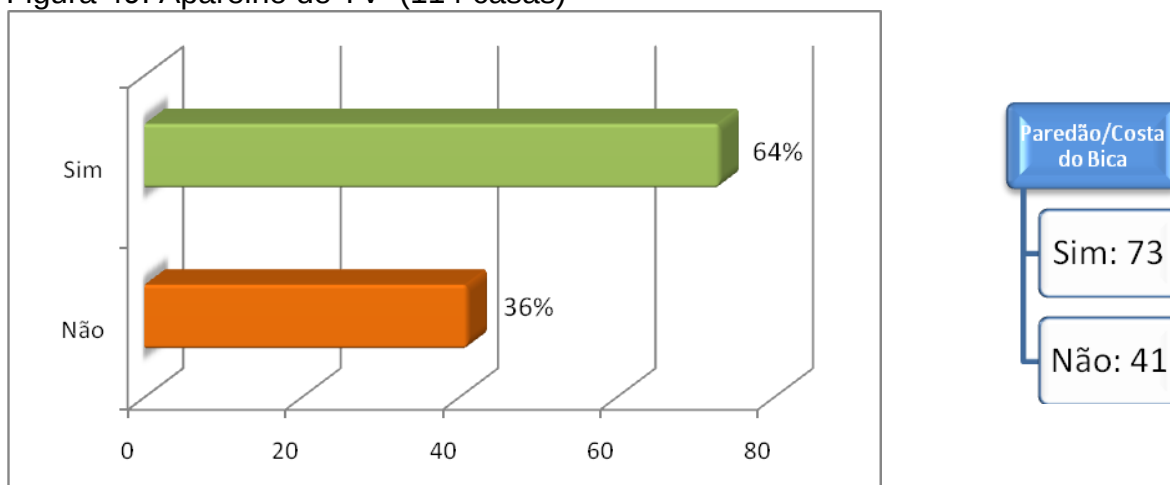
Transportar água para dentro das residências é um trabalho árduo e que exige demasiado esforço físico. Através dos relatos, percebemos que essa prática é exercida geralmente pelas mulheres. A seguir, apresento o gráfico com relação à água encanada:

Figura 48: Água encanada (114 casas)



Vejamos, agora, o que os dados levantados na pesquisa revelaram sobre os meios de comunicação:

Figura 49: Aparelho de TV (114 casas)



A televisão não é um bem material que todos usufruem; pois, além de ser cara, é necessário que venha acompanhada de uma antena parabólica. Porém, se comparamos com o Gráfico (Fig.44) *banheiro no interior da casa de 114 famílias*, percebemos que existem mais TVs do que banheiros nas residências: 73 aparelhos de TV e 47 banheiros.

Ainda em relação à TV, apresento a imagem de uma antena parabólica instalada na residência do Senhor Oli, morador na localidade do Paredão:

Figura 50: Antena parabólica instalada na casa do Senhor Oli



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, janeiro/2008)

Sobre os meios de comunicação, uma questão que não fez parte da entrevista estruturada foi relativa à existência de computador na casa. Porém, em observação realizada nas residências, percebi a existência de dois computadores na localidade do Paredão: um em funcionamento na residência da diretora da escola localizada na região; outro, sem a devida instalação, embora tivesse energia elétrica, na casa do Senhor Oli, situada em frente à escola. Questionado sobre o uso desta ferramenta, respondeu que o filho comprou quando morava na cidade de Piratini. O aparelho está sem instalação desde que voltou a morar com o pai, na localidade do Paredão.

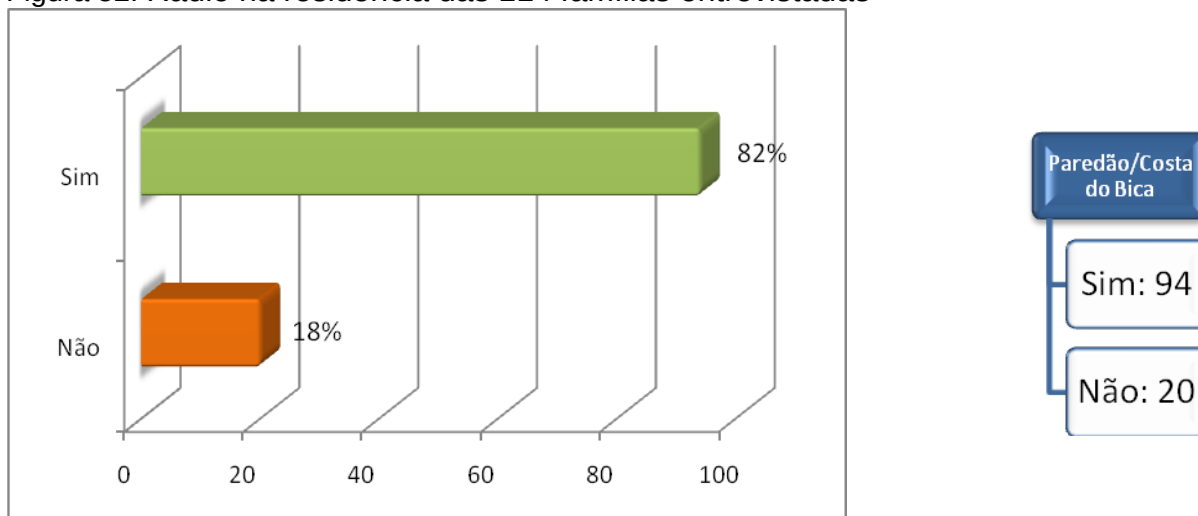
Figura 51: Computador sem a instalação elétrica



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, janeiro/2008)

O meio de comunicação que predomina em ambas as localidades é o rádio, movido a energia elétrica ou a pilha, como se pode ver pelo gráfico abaixo:

Figura 52: Rádio na residência das 114 famílias entrevistadas



Entre os 20 depoentes que declararam que a família não possuía rádio, 15 também não tinham em seu poder nenhum outro meio de comunicação investigado através da entrevista estruturada – TV e aparelho de telefonia móvel.

Das 94 famílias que informaram ter rádio na residência, muitas orgulhavam-se de tê-lo conservado em funcionamento por décadas, algo possível de se perceber na imagem a seguir:

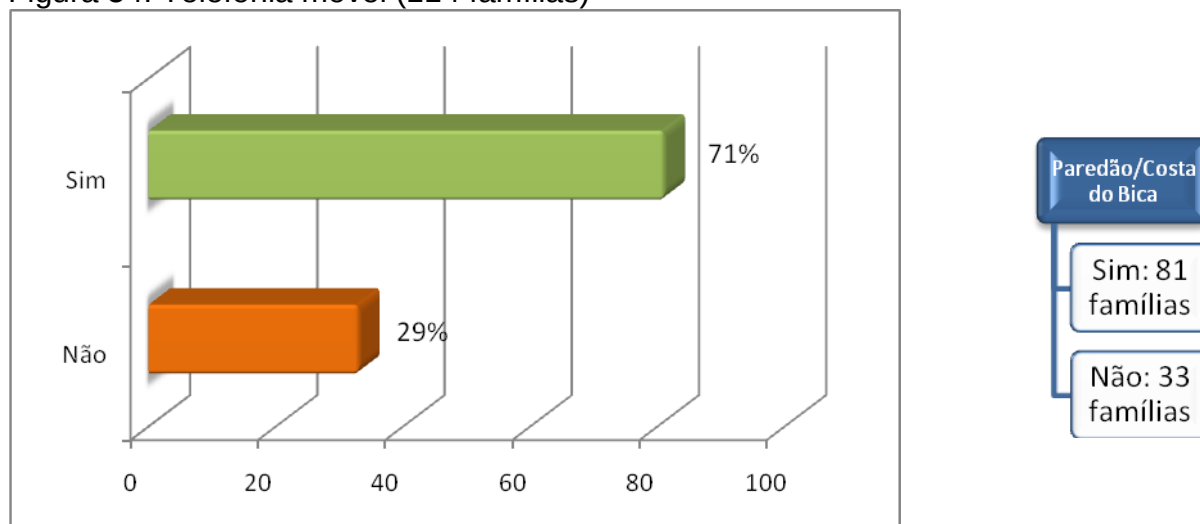
Figura 53: Rádio antigo ainda em funcionamento, Senhor Vanderlei



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, janeiro/2008)

Em referência ao aparelho de telefonia móvel, apresento os seguintes resultados:

Figura 54: Telefonia móvel (114 famílias)



Sobre o uso do aparelho celular, foi ressaltado pelos entrevistados que ter esse meio de comunicação não significa usá-lo constantemente, visto que são poucos os pontos de sinal na região, sendo necessário que as pessoas desloquem-se de suas casas até pontos mais elevados da localidade, levando minutos ou até mesmo horas para conseguir ligação. Todavia, podemos observar que nas famílias encontramos um maior número de telefones do que de TV, pois, das 114 famílias, 71% possuíam esse meio de comunicação e apenas 64% usufruíam de aparelho de TV.

Outro dado importante a destacar é em relação aos meios de transporte – veículo automotor –, 17% do total das famílias possuíam carro ou moto. Na localidade Costa do Bica, não havia linha de ônibus coletivo no momento da investigação. No Paredão, há ônibus em 05 dias da semana (2ª a 6ª feira), saindo às 6h e 30min da manhã com destino à cidade de Piratini e retornando às 19h e 30min. O valor da passagem era de R\$ 28,00 (ida e volta). Ainda é importante destacar que algumas famílias usavam carretas puxadas por bois para locomoverem-se de um lugar a outro, como podemos perceber na próxima imagem (Fig. 56).

Sobre a posse de veículo automotor, os dados são os seguintes:

Figura 55: Carro/moto (114 famílias)

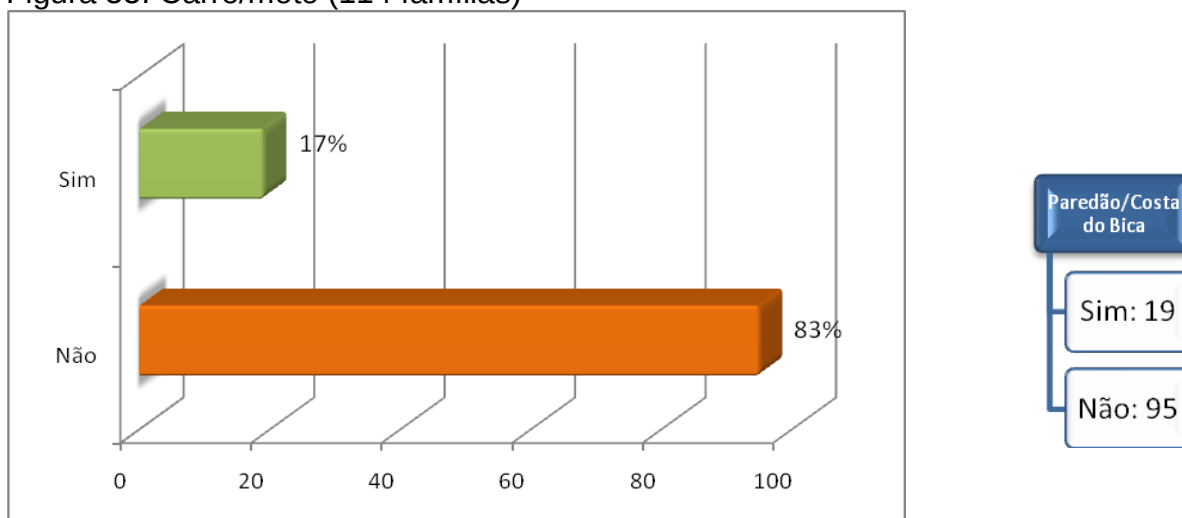


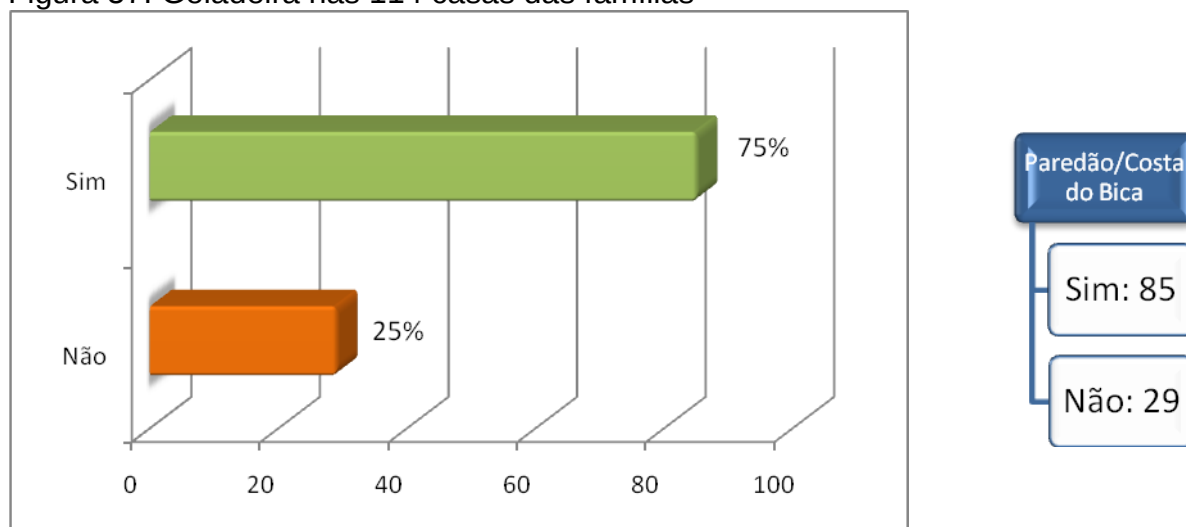
Figura 56: Carreta puxada por bois



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

Outra questão que merece destaque, referente à condição socioeconômica dos moradores de Paredão e da Costa do Bica, é o uso da geladeira. O gráfico que segue mostra a situação:

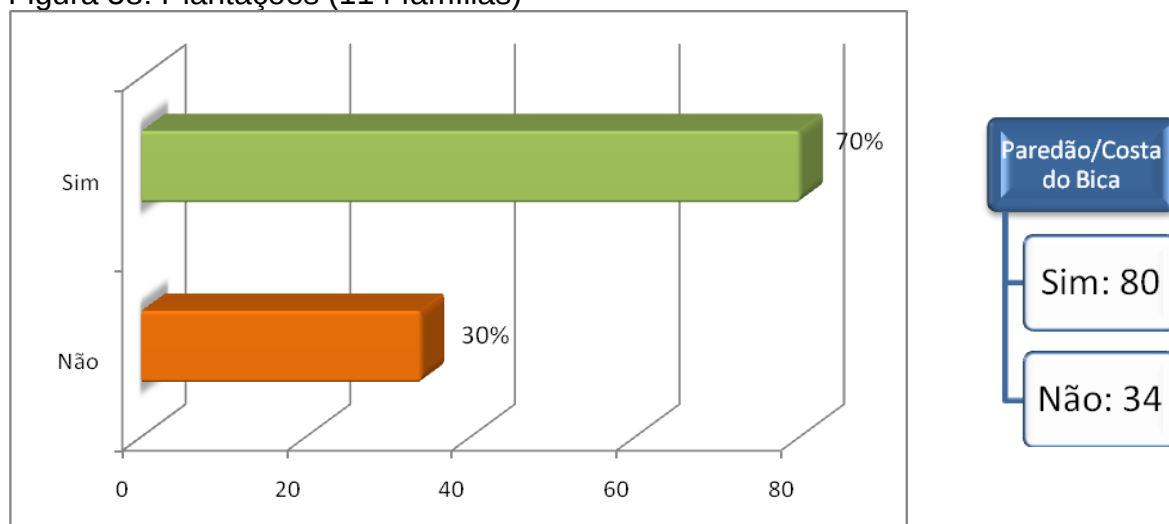
Figura 57: Geladeira nas 114 casas das famílias



O uso da geladeira é feito por uma significativa parcela dos moradores, visto que ela pode ser adaptada ao gás de cozinha, não necessitando de energia elétrica. Porém, 25% das famílias ainda não usufruíam desse bem.

A última questão deste subitem faz referência a plantações. O questionamento feito foi: A família tem plantações na propriedade?

Figura 58: Plantações (114 famílias)



Causa certa estranheza que apenas 70% das famílias tivessem plantações na propriedade, uma vez que obtive o índice de 77% (Fig.34) dos homens como sendo agricultores. No entanto, através de observação, foi constatado que aqueles que disseram não ter plantações cultivavam hortas, mesmo que num espaço de terra pequeno, ou seja, havia o cultivo de hortaliças para a própria subsistência.

Finalizando este capítulo, ressalto alguns pontos com relação aos dados apresentados: as habitações de barro, embora em menor número, nos remetem à cultura dos antepassados indígenas preservada pelos moradores; as estratégias utilizadas para a sobrevivência das pessoas – coleta de água em cacimbas ou arroios, banheiro *no mato*, higiene pessoal realizada em sangas, arroios ou rios, entre outros aspectos – levam-nos a pensar no cotidiano desse povo. Além disso, algum tipo de tecnologia está presente nas localidades: aparelho de TV, rádio, telefonia móvel, etc.

No próximo capítulo, busco apresentar a (não)escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica.

4 DADOS SOBRE A (NÃO)ESCOLARIDADE DOS MORADORES DO PAREDÃO E DA COSTA DO BICA

4.1 O conjunto dos dados

O objetivo deste capítulo é apresentar o nível de escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica, trazendo para análise os dados apurados na pesquisa de campo em 2008.

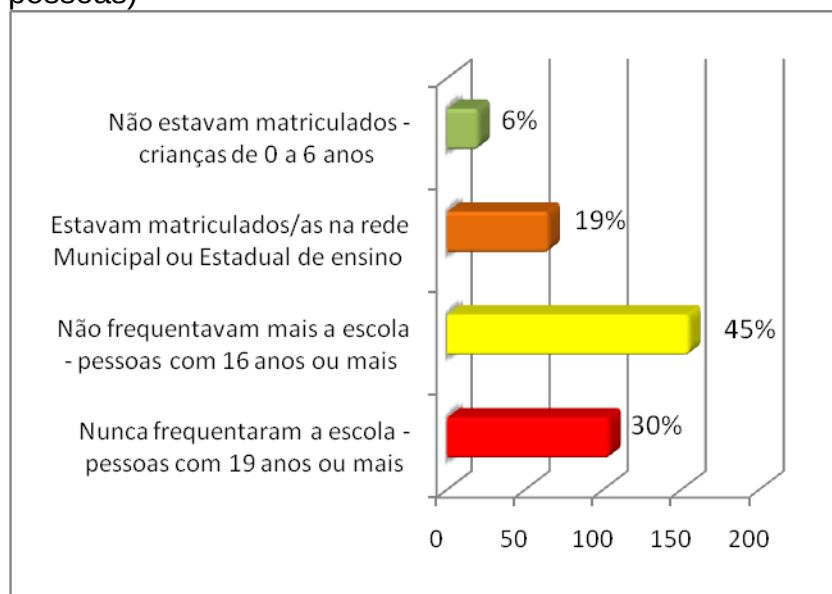
Num primeiro momento, trabalho com quatro categorias:

- a) Não estavam matriculadas (fora da idade da escolaridade obrigatória) – crianças de zero a 06 anos (20 crianças);
- b) Estavam matriculados/as na Rede Municipal ou Estadual de Ensino (65 pessoas);
- c) Não frequentavam mais a escola – pessoas com 16 anos ou mais (155 pessoas);
- d) Nunca frequentaram a escola – pessoas com 19 anos ou mais (104 pessoas).

É importante destacar que o recorte etário apresentado nas categorias ‘não frequentavam mais a escola (pessoas com 16 anos ou mais)’ e ‘nunca frequentaram a escola (pessoas com 19 anos ou mais)’ corresponde à idade obtida através da (auto)declaração sobre a escolaridade, ou seja, registrei a (auto)declaração para as pessoas que tinham a partir dos 16 anos de idade na categoria que apresenta os dados daqueles sujeitos que já frequentaram uma instituição escolar, mas que no momento da pesquisa, declararam não estar frequentando; e, a partir dos 19 anos de idade para aqueles que (auto)declararam nunca terem frequentado a escola.

O gráfico a seguir (Fig.60) apresenta os resultados com relação às quatro categorias supracitadas, tomando para análise a (não)escolaridade de 344 moradores que participaram da pesquisa de campo no Paredão e na Costa do Bica.

Figura 59: (Não)escolaridade dos moradores do Paredão e Costa do Bica (344 pessoas)



Do universo de 344 moradores, 20 crianças (6%) não estavam matriculadas, já que a faixa etária era de um mês a 06 anos de idade. Esse dado evidencia a inexistência da Educação Infantil nesses espaços. Como a pesquisa foi realizada nos meses de janeiro e fevereiro, espera-se que aquelas que estivessem com 06 anos de idade ingressassem no 1º ano do Ensino Fundamental, em uma das escolas localizadas na região.

Os estudantes encontravam-se distribuídos em três escolas: uma municipal, estabelecida na localidade do Paredão, que atende o Ensino Fundamental Incompleto, ou seja, até a 4ª série; a segunda escola também municipal, localizada na região denominada Passo do Bêbado, na BR 392, atende o Ensino Fundamental Completo. A outra escola, que pertence à Rede Estadual de Ensino e oferece matrículas para 1º, 2º, 3º anos do Ensino Médio, localiza-se no mesmo prédio da escola de Ensino Fundamental Completo, anteriormente citada. Obtive a (auto)declaração de 65 moradores (19%) do Paredão e da Costa do Bica que se encontravam devidamente matriculados, com a faixa etária compreendida entre 06 a 19 anos de idade. Apenas uma pessoa do sexo feminino, com 27 anos, declarou

estar cursando a 8ª série do Ensino Fundamental. Ressalto que as duas localidades são atendidas pelo transporte escolar.

Em relação às pessoas que (auto)declararam ter frequentado uma instituição escolar, mas que, na época da pesquisa, não mais frequentavam, a pesquisa aponta 155 sujeitos (45%). Entre as pessoas do gênero feminino, a idade estava compreendida entre 16 e 63 anos de idade. Entre as pessoas do gênero masculino, a faixa de idade estava entre os 17 e 77 anos.

Conforme Lei de Diretrizes e Bases – Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 – o Ensino Fundamental é “obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria” e ainda, deve haver “oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”. Como vimos, todos têm direito a educação, independentemente da idade, e, além disso, devem ser respeitadas as necessidades e disponibilidades do educando, garantindo condições de acesso e permanência aos trabalhadores na escola, neste caso, agricultores.

Ainda considerando esta categoria, obtive a (auto)declaração de 06 pessoas que frequentaram a escola, porém disseram ser analfabetos. Sobre essa informação, vale ressaltar que o INAF³⁴ (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional), através do IBOPE e da ONG Ação Educativa, realizou testes e entrevistas para identificar o nível de letramento das pessoas que compreendem a faixa de idade dos 15 aos 64 anos de idade. Ribeiro (2004) ao analisar estes dados, apurou que:

A maioria das pessoas classificadas como analfabetas (54%) não completaram nenhuma série escolar, mas 39% completaram de uma a três séries [...] confrontadas com a mesma pergunta utilizada no Censo 2000 – O(a) Sr.(a) sabe ler e escrever? -, 21% dessas pessoas afirmam que sim, mesmo não tendo demonstrado essas habilidades no teste (RIBEIRO, 2004, p.18-19).

³⁴ O INAF é uma iniciativa do Instituto Paulo Montenegro – Ação Social do IBOPE e da ONG Ação Educativa. Os dados do INAF são coletados anualmente junto a amostras nacionais de duas mil pessoas, representativas da população brasileira de 15 a 64 anos, residentes em zonas urbanas e rurais em todas as regiões do país. O INAF utiliza dois tipos de instrumentos para coleta de dados: testes e questionários que recolhem informações detalhadas sobre as capacidades de leitura, escrita e matemática da população e, também, os usos da linguagem escrita nos diversos contextos.

A partir do levantamento realizado pelo INAF, e considerando os 06 moradores do Paredão e da Costa do Bica que frequentaram a escola, mas que se (auto)declararam analfabetos, podemos dizer que há indícios de que a escola não garante o alfabetismo, há situações em que os sujeitos, mesmo frequentando a escola, não se alfabetizam suficiente para fazer uso social da leitura e da escrita. Via de regra, essas pessoas ficaram menos de 04 anos na escola.

Em relação à categoria *nunca frequentaram a escola*, pessoas com 19 anos ou mais, temos um total de (auto)declarações para 104 pessoas em um universo de 344 moradores, essas pessoas também se (auto)declararam analfabetas.

Tomando como base os números referentes àquelas pessoas que nunca frequentaram uma instituição escolar (104) e os que frequentaram, mas se (auto)declararam analfabetos (06), temos um total de 110 analfabetos na localidade do Paredão e da Costa do Bica. Entre as mulheres, a idade está compreendida entre 19 e 100 anos de idade. Já os homens que obtive a (auto)declaração como sendo analfabetos estavam com idades entre 20 e 88 anos de idade. Cabe salientar que nesse grupo havia duas pessoas jovens com Necessidades Educativas Especiais.

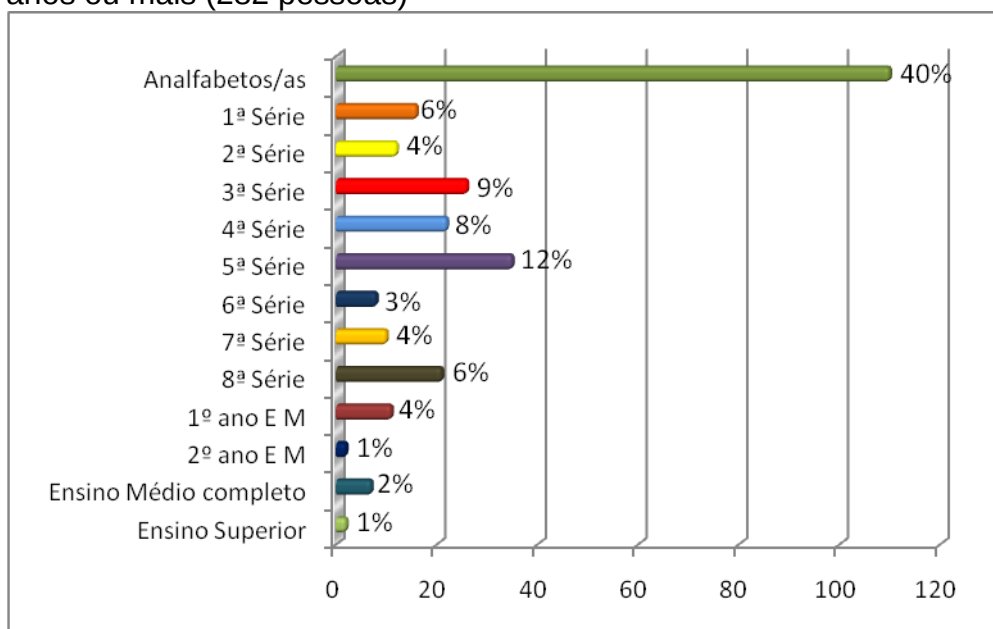
Após traduzir sinteticamente a situação sobre a (não)escolaridade do conjunto de moradores do Paredão e da Cosa do Bica, apresento os dados destes, tomando como referência o total de pessoas com idade superior a 15 anos. A opção por este recorte etário se deu, pois, conforme Ferraro (2002, p.33), “para efeito de comparações internacionais, a UNESCO tem privilegiado taxas de alfabetização/analfabetismo para a população de 15 anos ou mais”, já que independente destas pessoas estarem estudando naquele momento supõem-se que com 15 anos toda a população deveria estar com o Ensino Fundamental concluído, considerando que a escolaridade obrigatória da Educação Básica atualmente compreende dos 06 aos 14 anos de idade.

4.2 A (não)escolaridade dos moradores com 15 anos ou mais do Paredão e da Costa do Bica

Em relação à escolaridade, os depoentes responderam a seguinte pergunta: Qual sua escolaridade? Portanto, não posso afirmar que as respostas foram com base na série concluída. Esclarecida essa questão, passo a apresentar a

(não)escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica com 15 anos ou mais (Fig.60):

Figura 60: (Não)escolaridade dos moradores do Paredão e Costa do Bica com 15 anos ou mais (282 pessoas)



O maior nível de escolaridade apresentado no gráfico anterior é o Ensino Superior. As duas pessoas que concluíram algum curso superior e residiam na localidade do Paredão são: a diretora de uma das escolas municipais, que cursou Ciências Biológicas; e o pai de uma professora a qual trabalhava na escola situada na localidade Paredão, tendo declarado que o pai cursou Teologia. É necessário ressaltar que, para esses dois casos, as pessoas referidas não são naturais da localidade e sim da zona urbana da cidade de Piratini. Portanto, a escolaridade máxima alcançada pelos moradores nascidos no Paredão e na Costa do Bica é o Ensino Médio completo, embora em pequeno número (2%).

O índice de pessoas que declararam ter como escolaridade a 5ª série se sobressai (12%) em relação às outras séries.

Contudo, no gráfico (Fig. 60), o dado que se destaca entre as pessoas com idade superior a 15 anos é em relação ao analfabetismo, visto que o índice de analfabetos é superior a qualquer outra escolaridade, estando representado por 40%, ou seja, 110 pessoas são analfabetas na localidade do Paredão e da Costa do Bica. Conforme já foi mencionado, 104 dessas pessoas nunca frequentaram a

escola e 06 frequentaram, mas não conseguiram, segundo eles, sair da situação de analfabetos.

Escrever sobre a (não)escolaridade desses moradores, não é fácil, pois implica uma descrição que leve em conta não apenas quantos são, mas, acima de tudo, quem são e o que contam a respeito de si. Não tenho a pretensão de tal descrição, pois reconheço as limitações do estudo. Buscarei, entretanto, com base na ideias de Gomes (2007) pensar:

[...]em coisas que, muitas vezes, se diluem por entre uma 'realidade' que já ganhou status de 'normal'. Uma 'realidade' que está ali, nos olhos do outro que nos passam despercebidos, que são consumidos em nome de um dever fazer do dia-a-dia. Isso porque os vemos, mas não os *olhamos* (GOMES, 2007, p.34).

Por conseguinte, estamos falando de uma realidade em que 40% da população, com 15 anos ou mais, é analfabeta. Nesse contexto, a oralidade é utilizada como meio, por excelência, de transmissão de saberes. Esse fato, porém, não significa a ausência do livro e do material escrito entre os moradores do Paredão e da Costa do Bica. Partindo dessa linha de raciocínio, Galvão e Di Pierro (2007) argumentam que:

Apesar da globalização da economia e da cultura observada na transição do último milênio, nem todos os povos partilham a mesma experiência histórica ou condições econômicas e culturais similares. Isso torna problemática a generalização das premissas relacionadas à alfabetização, na medida em que obscurecem a compreensão dos grupos sociais entre os quais predominam as formas orais de comunicação, o que deixa terreno aberto ao estabelecimento de hierarquias sobre as quais se constroem preconceitos (GALVÃO; DI PIERRO, 2007, p.13).

Mesmo sem saber ler e escrever, os sujeitos constroem estratégias de inserção e de relação com o escrito. Essa afirmação pode ser corroborada ao analisarmos o caso do senhor Roseno, 86 anos de idade, analfabeto. Na primeira visita realizada a esse senhor, que residia com a esposa de 76 anos, também analfabeta, encontrei-os sentados à sombra de uma árvore, com os cachorros deitados em volta. À frente do senhor Roseno, havia um banco com a Bíblia aberta, os óculos, uma torquês (instrumento utilizado para arrancar ou apertar objetos) e o cortador de unhas. Ao realizar a entrevista foi constatado que o casal não sabia ler, tampouco escrever. Ao ser questionado sobre a Bíblia que fazia parte do cenário,

este senhor respondeu que, mesmo sem saber ler, pegava-a com toda a fé em suas mãos ao sentir dor, pois estava com a saúde bastante debilitada. Essa Bíblia também servia para guardar números de telefones, caso precisassem entrar em contato com outras pessoas, a fim de removê-lo para o hospital da cidade. O Senhor Roseno faleceu no mês de dezembro de 2008, mas o analfabetismo não o impediu de entrar em contato com o mundo da cultura escrita, nesse caso, o material utilizado foi a Bíblia. A seguir está a imagem da cena descrita.

Figura 61: Senhor Roseno ³⁵



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, janeiro/2008)

³⁵ Essa fotografia foi publicada na capa da Revista Brasileira de Educação. v.14, n.41, maio/agosto de 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm>>.

A partir dessa imagem (Fig. 61) e da cena descrita, ocorrida na primeira visita à casa do Senhor Roseno, podemos afirmar que as pessoas analfabetas estão também em contato com materiais escritos. Ainda segundo a pesquisa do INAF, 86% dos entrevistados possuem Bíblia ou livros sagrados em sua casa. Em relação a esse índice, Serra (2004, p.80) destaca que a “questão da religiosidade, forte marca do nosso povo, é expressa pelo alto percentual de entrevistados (86%) que afirmam possuir a Bíblia ou livros sagrados em sua residência”. A partir dessa informação, a autora (2004) apresenta uma questão investigada pelo INAF: Que tipos de livros as pessoas costumam ler, ainda que de vez em quando? Os dados revelam que o item *Bíblia, livros sagrados e religiosos*, obteve o maior percentual, entre 07 opções, com 46% das respostas. A partir desse cenário, Abreu (2004) coloca algumas questões desveladas a partir dos dados do INAF, que nos convocam a pensar sobre o uso de material escrito por analfabetos:

[...] que relação têm com a escrita os 58% de analfabetos que possuem Bíblias e livros religiosos em casa? Eles contam com o apoio de alguém que lê em voz alta para eles? A simples presença do escrito sagrado em casa é importante, apesar de não conseguirem decifrar o texto? (ABREU, 2004, p. 43-44).

Longe de querer responder tais questões, mas na intenção de contribuir com a discussão, apresento algumas cenas bem como diálogos, observados e registrados na residência dos moradores do Paredão e da Costa do Bica, os quais indicam que pessoas analfabetas relacionam-se com materiais escritos de diversas formas e com múltiplos significados. Para auxiliar neste debate, trago uma imagem captada na residência da Senhora Nilza, agricultora e responsável pelo lar, 64 anos de idade, casada com o Senhor Domingo, agricultor, 63 anos. O casal informou ser analfabeto.

Figura 62: Relógio instalado na sala de estar



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, fevereiro/2008)

Como podemos perceber, o relógio, nessa imagem, está disposto na parede de forma invertida. Podemos inferir que o instrumento representado na cena não é usado com o propósito de registrar o horário, e sim como objeto decorativo. Estrategicamente posicionado entre desenhos pintados pela própria moradora, indicam que o casal se relaciona com o tempo de uma outra forma. O relógio tem um valor social, a família o tem em seu poder, mas o uso é possivelmente outro. Ao longo da pesquisa, observei a existência não apenas de relógios e Bíblias, mas também de calendários, dicionários e de livros didáticos em um cenário de analfabetismo e baixa escolaridade.

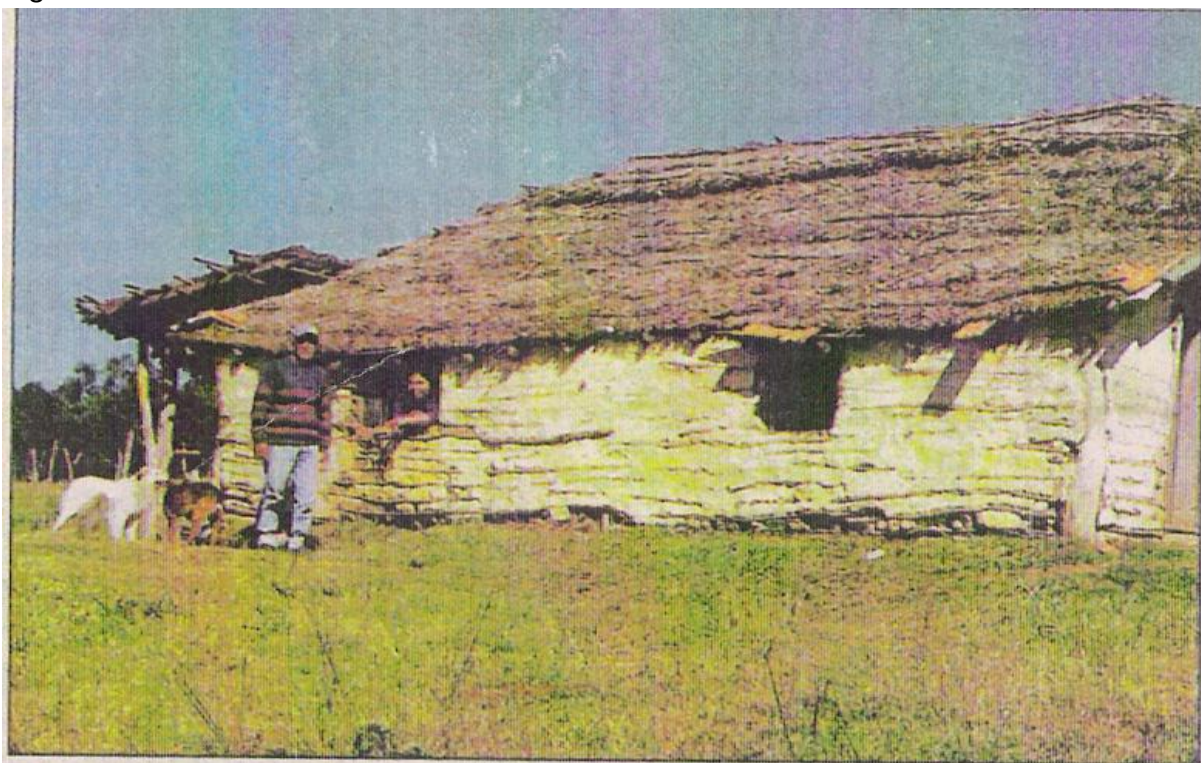
Ainda pensando na presença do escrito, na questão do analfabetismo e nas estratégias que os sujeitos analfabetos constroem para se inserirem na cultura escrita, apresento a história de uma mulher indígena, de 50 anos de idade, que, mesmo não frequentando a escola, aprendeu a ler e a escrever depois de adulta, demonstrando, assim, que o “analfabeto é produtor cotidiano de riqueza material e cultura e não ignorante de saber” (GALVÃO; DI PIERRO, 2007, p.99). Conheci essa mulher há dez anos, através de uma reportagem no Jornal Zero Hora. A matéria

centrava-se na história de um casal de moradores da localidade Costa do Bica, João e Beloni, salientando a questão do analfabetismo na região. A seguir, um excerto da referida reportagem:

A família do agricultor João de Moura Porto é uma síntese do grupo. Morando numa área de 45 hectares e com seis filhos, dos quais só um nasceu no hospital, João e a mulher Beloni são analfabetos e estão prestes a perder a própria casa. A propriedade, em nome do pai de Beloni, está à venda. Em meio à angústia, dividem o tempo entre os afazeres rurais e a espera pelo ônibus escolar e a visita mensal de uma enfermeira da Secretaria Municipal de Saúde – raras presenças urbanas em meio a uma imensidão de fragilidades do cotidiano rústico e quase imaculado (SCHAFFNER, 20 de agosto de 2000, p.42).

Junto à reportagem, podia ser observada a foto do casal de agricultores em sua casa de barro e santa-fé.

Figura 63: O casal João e Beloni em sua residência no ano 2000



(Fonte: SCHAFFNER, 20 de agosto de 2000, p.42)

A partir da releitura da reportagem do jornal Zero Hora e do contato pessoal com o casal, em 2008, pude vislumbrar outros aspectos dessa história, em especial a *vitória* da Senhora Beloni contra o analfabetismo. Essa agricultora, mãe de 06 filhos, morava com o marido, João, e 04 de seus filhos. A família hoje não habita mais a casa de barro e santa-fé, mas um prédio onde funcionou uma escola, na

localidade. Em 2000, na entrevista ao jornal Zero Hora, o casal aparece como *analfabetos*. No entanto, em janeiro de 2008, Beloni declarou-se, na entrevista, alfabetizada. Sendo questionada sobre como aprendeu a ler, conta que esse foi um processo solitário, que ocorreu depois de adulta, principalmente através de rótulos de produtos.

Eu pegava tudo: era caixa, era vidro, qualquer coisa que eu sabia o que tava escrito e, então, eu ficava olhando. Rótulos que eu sabia, ou remédio que eu sabia, ou eu perguntava a palavra pra uma pessoa, e ela dizia, e eu ficava ali olhando e repetindo e foi por aí que eu aprendi [...] aquela loucura desde pequenininha, aquela vontade de aprender a ler (BELONI, Costa do Bica, 07/01/2008).

O esforço pessoal, em aprender a ler, é relatado com entusiasmo, como o resultado de momentos de angústia e dedicação, que a levaram a se inserir na cultura escrita. Nesse sentido, Hébrard (1996), ao falar de indivíduos com experiências bem sucedidas no campo da cultura escrita, salienta que o relato de suas trajetórias dá-se de uma maneira especial, ou seja, nos testemunhos não retratam somente a possibilidade de aprender a ler e a escrever, mas também a necessidade de contar sua vitória contra a inércia das posições culturais.

Entre as estratégias que a Senhora Beloni utilizou para aprender a ler está o ato de observar, de ficar olhando e repetindo, de perguntar para outra pessoa. Os rótulos disponíveis aproximavam-lhe de um mundo do qual estava excluída, o mundo das letras, da cultura escrita. Ao dominar o código escrito, essa senhora satisfez-se enquanto leitora. Para Hébrard (1996, p.43), “de nada serve ter aprendido a ler e ler bem, se essa capacidade não se torna o núcleo de um hábito cultural novo”. Ao incorporar a leitura em suas práticas cotidianas, a entrevistada insere-se no mundo da leitura. Em seu relato, salienta que, através da leitura:

A gente entra numa viagem, a gente faz uma viagem que é só da gente. Depois de eu começar a ler uma coisa eu me perco. Olha, não tem um passeio, não tem nada melhor que um livro bom e que tu consiga ler (BELONI, Costa do Bica, 07/01/2008).

A vontade de aprender a ler, rememorada pela entrevistada, convoca-nos a pensar nas palavras de Abreu:

Já não é preciso que se façam campanhas para divulgar a importância da leitura e para estimular o ‘hábito’ de ler. Governos, instituições culturais e

escolas têm despendido esforços para convencer as pessoas de que 'é importante ler', de que 'ler é um prazer', mas elas já sabem disso (ABREU, 2004, p.34).

Complementando as palavras dessa autora, Brito (2004, p.49) argumenta que “o problema está muito mais relacionado com as condições de acesso ao livro e à informação que à vontade ou à falta de interesse das pessoas”.

A região onde reside Dona Beloni, Costa do Bica, não dispõe de locais para aquisição ou empréstimo de livros, revistas ou jornais, além disso, o acesso dessas pessoas à cidade é feito com grande dificuldade e as condições financeiras dessas famílias são desfavoráveis. No entanto, Dona Beloni lançou mão de algumas estratégias para desenvolver a prática da leitura. Por estar residindo em uma escola que foi desativada e que continha muitos livros desprezados, ela resgatou esse material. Os livros jogados no lixo pelos professores da antiga escola hoje compõem o seu material de leitura. Além desses, os livros presenteados pelas filhas, que moram na zona urbana do município, fazem parte da sua *biblioteca particular*. A imagem que segue é da Senhora Beloni, seu esposo e a neta:

Figura 64: O casal João e Beloni e a neta em sua residência no ano 2008



(Foto: SILVA, Darlene, Costa do Bica, janeiro/2008)

Dentre as decepções dessa mãe, que é uma mulher *vitoriosa*, está o fracasso escolar dos filhos, o qual relata com grande tristeza: *“pra mim é um fracasso total os meus filhos não ter continuado estudar, sendo que foi por força de vontade que aprendi. Por isso eu achava que meus filhos iam adorar estudar”* (BELONI, Costa do Bica, 07/01/2008).

Depois de ter aprendido a ler e a escrever, a Senhora Beloni teve a oportunidade de inserir-se em um grupo de alfabetização para adultos, na localidade em que reside, mas foi por um curto espaço de tempo, pois a alfabetização de jovens e adultos durou apenas alguns meses, como relatado pela entrevistada:

[...] nós estudávamos aqui [...] o João começou também a se alfabetizar, mas ele, eu não sei por que, a pessoa adulta não sabendo nada parece que eles tem vergonha. Eu já sabia ler e escrever. E ele parece que, sei lá, ele teria tanta facilidade [pausa] durou pouco, o pessoal mais de longe começaram a desistir e aí foi parando (BELONI, Costa do Bica, 07/01/2008).

A história de Dona Beloni nos faz pensar em vitórias e persistência, mas também em exclusão social, principalmente exclusão escolar. Ela e o marido até tiveram, por um curto período de tempo, oportunidade de frequentar a alfabetização de jovens e adultos. Já os filhos frequentaram uma instituição escolar, mas não foram além da 8ª série do Ensino Fundamental, tendo suas trajetórias interrompidas por mecanismos como a evasão, ou dito de outra forma, a exclusão da escola. Para Rosenberg e Piza (1995/1996, p.115), “o analfabetismo que persiste no Brasil é, pois, fundamentalmente produto da exclusão de populações empobrecidas dos bens sociais, em especial da educação”.

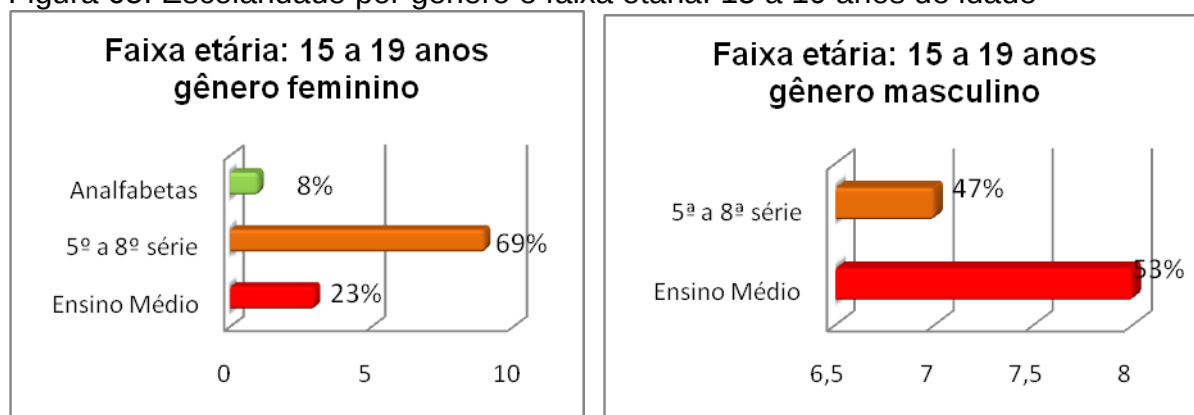
A inserção dessa mulher na cultura escrita demonstra, de forma singular, os processos individuais e estratégias de aprendizagem, além de evidenciar a variedade de materiais escritos que podem se constituir como suporte para a aprendizagem.

Retomando os dados sobre a (não)escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica, na tentativa de dar maior visibilidade aos resultados, organizei a seguinte categoria para análise: distribuição dos moradores por faixa etária e gênero.

Considerando as análises sobre o total de pessoas com 15 anos ou mais, organizei o gráfico (Fig.65) levando em conta a faixa etária compreendida entre 15 e 19 anos de idade. As faixas de idade foram agrupadas de nove em nove anos.

Utilizando os dados que englobam esses moradores e comparando a escolaridade com a faixa etária e o gênero, temos os seguintes índices:

Figura 65: Escolaridade por gênero e faixa etária: 15 a 19 anos de idade



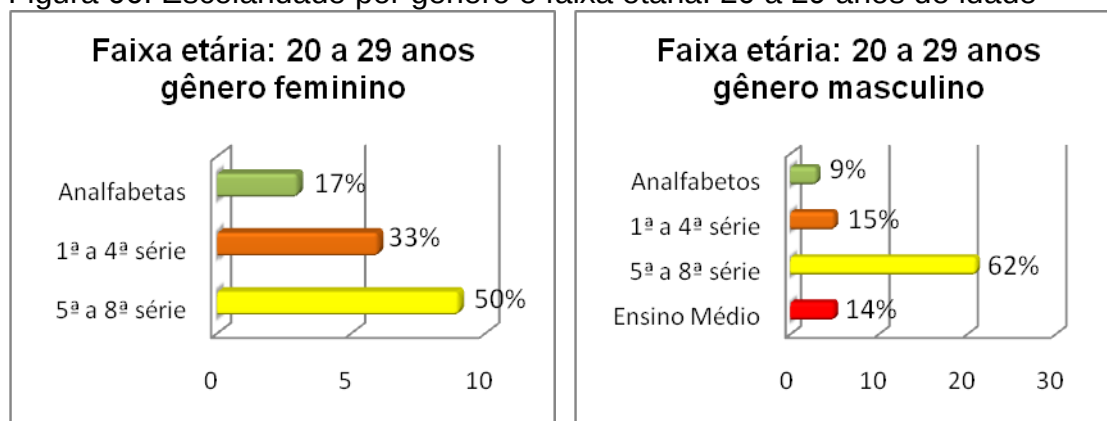
Total ³⁶	Analf.	5ª a 8ª	E.M.
13	01	09	03

Total	5ª a 8ª	E. M.
18	10	08

Como vemos neste gráfico, temos um total de 31 moradores com a faixa de idade compreendida entre os 15 e 19 anos. Em relação às pessoas do gênero feminino, obtive a (auto)declaração de que uma moradora era analfabeta e com Necessidades Educativas Especiais, nunca frequentou a escola. Comparando os dois gráficos representantes da Fig.65, percebemos a inexistência da escolaridade compreendida entre a 1ª e a 4ª série e um alto índice de sujeitos que (auto)declararam terem de 5ª a 8ª série. Também é visível entre pessoas do gênero masculino um resultado expressivo de informações sobre terem cursado alguma série do Ensino Médio, bem mais alto do que o índice em relação ao feminino. Frequentar o Ensino Médio, porém, não significa concluí-lo, como apresentarei adiante.

³⁶ Essa informação é referente ao total de pessoas por faixa etária do gênero feminino e masculino, com 15 anos ou mais.

Figura 66: Escolaridade por gênero e faixa etária: 20 a 29 anos de idade



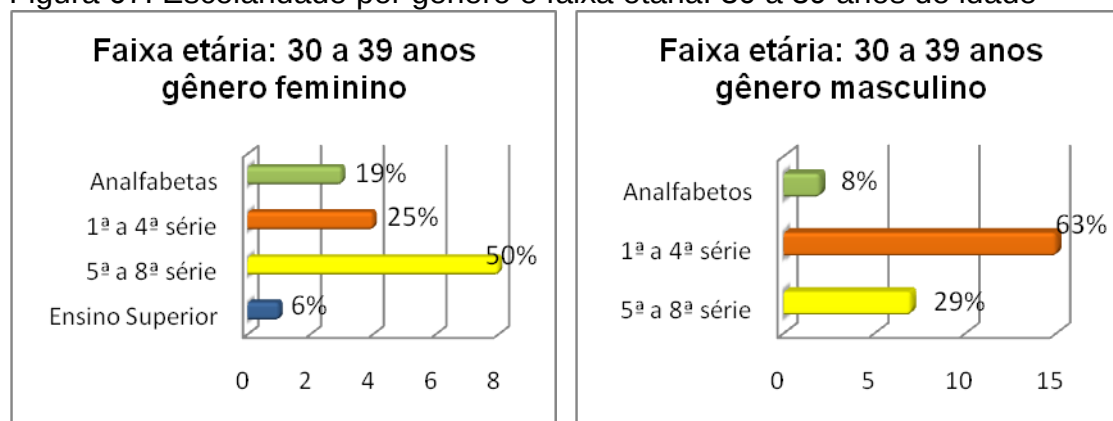
Total	Analf.	1ª a 4ª	5ª a 8ª
20	03	07	10

Total	Analf.	1ª a 4ª	5ª a 8ª	E. M.
34	03	05	21	05

No gráfico acima, que compreendeu a faixa etária dos 20 aos 29 anos de idade, começou a aparecer com maior visibilidade o analfabetismo, se comparado ao gráfico que apresentou a escolaridade entre os moradores com 15 a 19 anos de idade, haja vista que, entre o gênero feminino, a porcentagem é de 17% e entre o masculino, 9%. Ainda fazendo referência ao gênero feminino, percebemos que, nessa faixa de idade, inexistem pessoas que tenham cursado alguma série do Ensino Médio, sendo evidente um número expressivo de moradoras do Paredão e da Costa do Bica com alguma série dos anos finais do Ensino Fundamental. Entre as pessoas do gênero masculino, com a faixa etária compreendida entre 20 e 29 anos de idade, predomina o nível que contempla as séries finais do Ensino Fundamental.

A seguir, o gráfico (Fig.67) sobre a (não)escolaridade e faixa etária compreendida entre os 30 e 39 anos de idade:

Figura 67: Escolaridade por gênero e faixa etária: 30 a 39 anos de idade



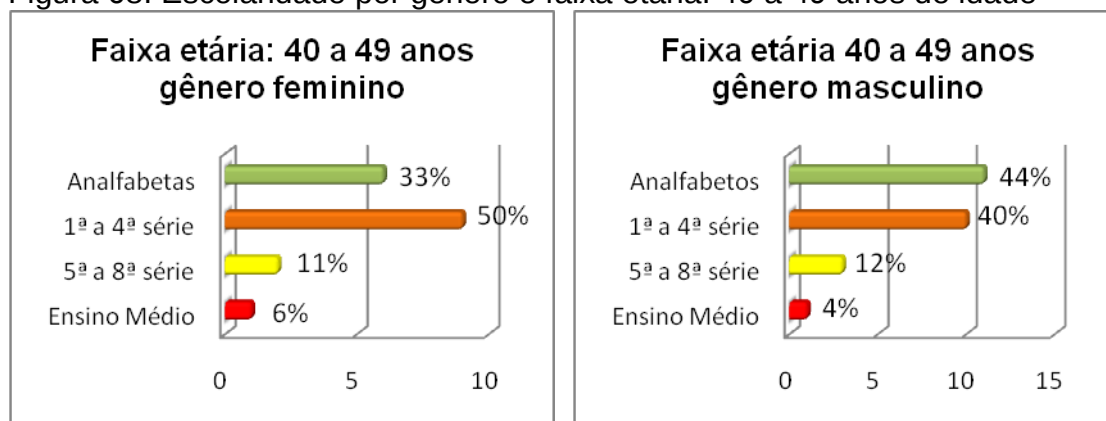
Total	Analf.	1ª a 4ª	5ª a 8ª	E. S.
17	03	04	09	01

Total	Analf.	1ª a 4ª	5ª a 8ª
27	02	18	07

Na faixa etária que compreendeu dos 30 aos 39 anos de idade, constatamos a exclusão de pessoas, tanto do gênero masculino quanto do feminino, de alguma série do Ensino Médio. É nesta faixa, porém, que está a única moradora do Paredão com Ensino Superior. Conforme dito anteriormente, a moradora não é natural da localidade em que residia. Os dados relativos ao gênero feminino evidenciam que a escolaridade compreendida entre a 5ª e a 8ª séries não apresentou significativa mudança, se comparada à faixa etária que vai dos 20 aos 29 anos; contudo, a maior série revelada nesse nível de ensino foi a 6ª série. Além disso, ainda comparando com o gráfico anterior, diminuiu o índice de 1ª a 4ª. Entre as pessoas do gênero masculino, a dinâmica foi oposta à apresentada entre as pessoas do gênero feminino, uma vez que diminuiu o índice de 5ª a 8ª série e aumentou o de 1ª a 4ª.

Dando continuidade à apresentação da (não)escolaridade por faixa etária e gênero, descrevo os resultados daqueles que (auto)declararam ter 40 a 49 anos de idade.

Figura 68: Escolaridade por gênero e faixa etária: 40 a 49 anos de idade



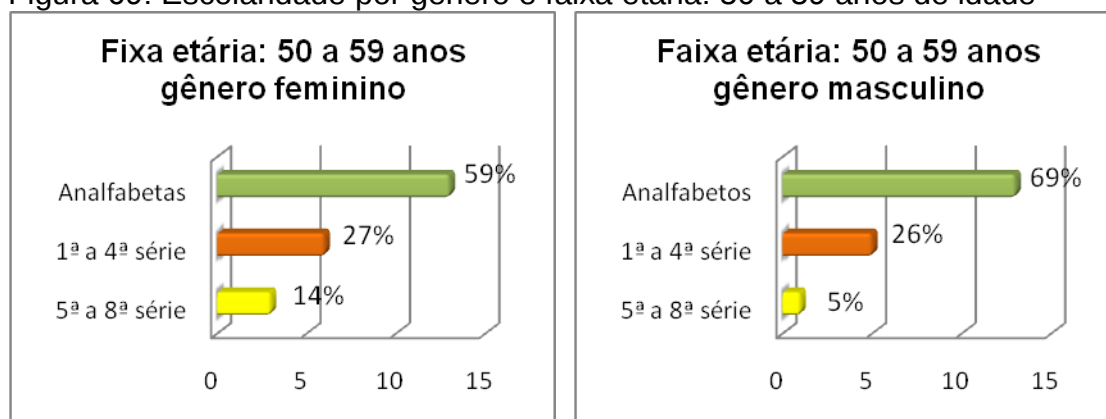
Total	Analf.	1ª a 4ª	5ª a 8ª	E. M.
18	06	09	02	01

Total	Analf.	1ª a 4ª	5ª a 8ª	E. M.
26	12	10	03	01

Percebemos, no gráfico, um aumento significativo de índices de analfabetismo, principalmente em se tratando das pessoas do gênero masculino. À medida que a taxa de analfabetismo torna-se mais significativa, aumenta também a (auto)declaração sobre a escolaridade compreendida entre 1ª e 4ª série e os outros níveis de ensino começam a praticamente desaparecer. Importante salientar que entre a escolaridade de 5ª a 8ª séries, tanto para as pessoas do gênero feminino quanto para as do masculino, a 5ª série foi a única cursada pelas pessoas dessa idade, ou seja, para a 6ª, 7ª e 8ª não houve depoentes que afirmassem ter tal escolaridade.

A seguir, o gráfico (Fig.69) que compreende a faixa de idade entre 50 a 59 anos.

Figura 69: Escolaridade por gênero e faixa etária: 50 a 59 anos de idade



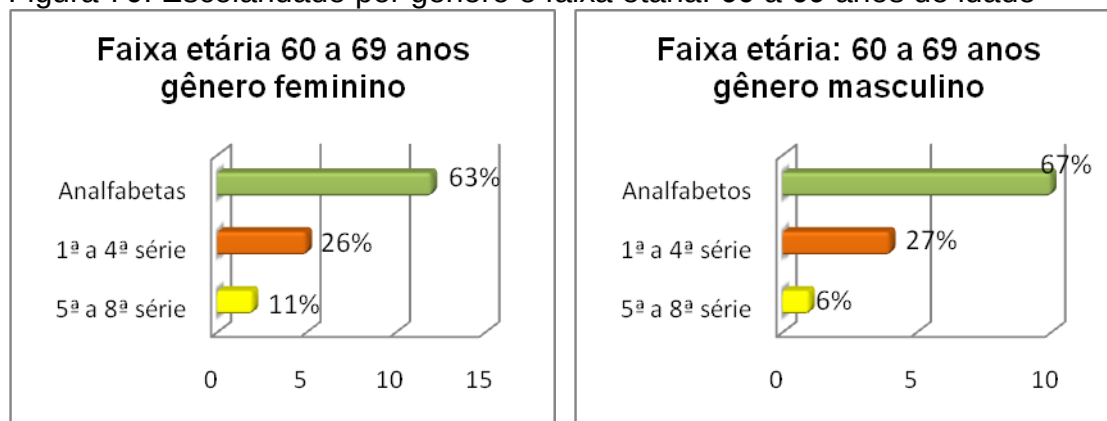
Total	Analf.	1ª a 4ª	5ª a 8ª
22	13	06	03

Total	Analf.	1ª a 4ª	5ª a 8ª
19	13	05	01

Na faixa etária que compreendeu dos 50 aos 59 anos, há a sobreposição do analfabetismo a qualquer outra série escolar, dado relativo tanto às pessoas do gênero feminino quanto às do masculino. Para os demais níveis de ensino, ou seja, 1ª a 8ª série, entre as pessoas do gênero masculino, existe o índice acentuado de pessoas com a 3ª série e, entre o gênero feminino, esta escolaridade está compreendida entre a 1ª e a 5ª; apenas uma pessoa do gênero feminino declarou ter a 7ª série.

A seguir (Fig.70) apresento a escolaridade por gênero e faixa etária entre 60 a 69 anos de idade.

Figura 70: Escolaridade por gênero e faixa etária: 60 a 69 anos de idade



Total	Analf.	1ª a 4ª	5ª a 8ª
19	12	05	02

Total	Analf.	1ª a 4ª	5ª a 8ª
15	10	04	01

Apesar da forte presença do analfabetismo nessa faixa de idade, houve um número maior de (auto)declarações sobre a escolaridade compreendida entre as séries finais do Ensino Fundamental, mais especificamente a 5ª série, pois nenhuma das três pessoas avançaram além desta série.

As faixas etárias que abrangem 70 a 79, 80 a 89 e 100 anos não foram traduzidas em gráficos, visto que 14 moradoras que residiam no Paredão e na Costa do Bica, com idade entre 70 e 79 anos, eram analfabetas; entre os homens, um total de 11, 09 eram analfabetos, 01 possuía Ensino Superior – este, como disse, era morador recente na região – e 01 tinha Ensino Médio, morava na localidade do Paredão há nove anos.

Entre a faixa de idade que compreendeu 80 a 89 anos, houve a (auto)declaração de 08 pessoas como analfabetas, sendo 02 pessoas do gênero

masculino e 06 do gênero feminino. Na Costa do Bica, encontrei uma moradora com 100 anos de idade e também obtive a informação de que era analfabeta.

Na tentativa de dar maior visibilidade aos dados, é importante retornar a informação de que, na faixa etária dos 20 aos 29 anos de idade, obtive a informação de 20 mulheres ao total entre as duas localidades, destas, 03 eram analfabetas. Entre o total de 34 homens, 03 analfabetos. Na faixa dos 30 aos 39 anos, do total de 13 mulheres, 03 eram analfabetas; e, de 27 homens, 02 eram analfabetos. Nessas duas faixas de idade, percebe-se que o analfabetismo entre as mulheres é mais acentuado do que em relação aos homens.

Na faixa dos 40 aos 49 anos, havia 18 mulheres, sendo 6 analfabetas. Entre os 26 homens, 12 analfabetos. Daqueles com a idade compreendida entre 50 e 59 anos de idade, das 22 mulheres, 13 eram analfabetas; e, dos 19 homens, também, 13 eram analfabetos. Já entre os 60 e 69 anos, havia 12 mulheres analfabetas, num total de 19; entre os 15 homens, 10 eram analfabetos. Esses dados indicam que, nas faixas de idade que compreenderam dos 40 aos 69 anos de idade, entre os homens o analfabetismo é maior, se comparado aos dados referentes às mulheres da mesma faixa etária.

Entre as mulheres com a idade compreendida dos 70 aos 79, o número de moradoras era 14, sendo que obtive a (auto)declaração para todas como analfabetas. Já entre os 11 homens desta faixa etária, 09 eram analfabetos, portanto o número de mulheres analfabetas nessa faixa é maior que entre os homens.

Entre a faixa etária que compreendeu dos 80 aos 89 anos, havia o total de 2 mulheres e 6 homens, onde todos foram (auto)declarados como sendo analfabetos.

Analisando o número de analfabetos e comparando com a faixa etária dos moradores do Paredão e da Costa do Bica, vemos que o analfabetismo entre as mulheres, na faixa etária dos 20 aos 29, 30 aos 39 e 70 aos 79 anos de idade, portanto nascidas nas décadas de 1930, 70 e 80, é mais elevado se comparado à mesma faixa de idade entre homens. Já entre os homens, o índice de analfabetismo é mais significativo se comparado ao das mulheres, entre as faixas dos 40 aos 49, 50 aos 59 e 60 aos 69 anos de idade, nascidos em 1940, 50 e 60.

Ainda no que concerne à discussão sobre a (não)escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica, percebemos que, conforme a idade aumenta, diminuem os níveis de escolaridade e aumenta o índice de analfabetismo.

A partir dos dados apresentados sobre a (não)escolaridade desses moradores, vimos a forte presença do analfabetismo, tanto entre homens quanto entre as mulheres. Na tentativa de problematizar melhor esses dados, busco apresentar aspectos da realidade nacional com relação ao analfabetismo.

Pensar sobre os processos de exclusão, remete-nos a refletir sobre a abrangência bem como a complexidade que tal conceito abarca. Segundo Ferraro (1999, p.23), “o recurso ao termo exclusão não se deve ao seu aspecto novidade”. Ainda no que concerne à discussão apresentada, complementa o autor:

Penso que a novidade não está no termo, nem mesmo no conceito em si de exclusão, mas no fato – este, sim, recente – de ele se haver tornado categoria-chave em praticamente todas as ciências humanas, e na densidade e ao mesmo tempo ambiguidade do seu conteúdo (FERRARO, 1999, p.23).

Ferraro, ao analisar a evolução da taxa de analfabetismo e do número de analfabetos/as entre a população de 15 anos ou mais, utiliza os censos demográficos a partir do recenseamento de 1920, considerando que “duas dinâmicas por longo tempo seguiram direções opostas: a queda secular da taxa percentual de analfabetismo e o aumento simultâneo do número absoluto de analfabetos” (FERRARO, 2004, p.198), como apresentado na tabela abaixo:

Tabela 01- Evolução da taxa de analfabetismo e do número de analfabetos/as entre a população de 15 anos ou mais, segundo os censos demográficos. Brasil, 1920 a 2000.

Ano do censo	Total	População de 15 anos ou mais	
		Nº	%
1920	17.557.282	11.401.715	64,9
1940	23.709.769	13.242.172	55,9
1950	30.249.423	15.272.632	50,5
1960	40.278.602	15.964.852	39,6
1970	54.008.604	18.146.977	33,6
1980	73.542.003	18.716.847	25,5
1991	95.810.615	18.587.446	19,4
2000	119.533.048	16.294.889	13,6

Fontes: BRASIL. Recenseamento Geral do Brasil 1920, v. IV, 4ª parte; IBGE, Censos Demográficos 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000. Organizado por Ferraro (2004, p.200)

Nessa tabela, como podemos observar, há uma queda na taxa de analfabetismo no Brasil, entre os anos de 1920 a 2000, sendo de 64,9% para o primeiro e de 13,6% para o último ano analisado pelo autor. Ferraro expõe a trajetória da taxa de analfabetismo no Brasil: “partindo de cerca de 65%, em 1920,

levou trinta anos para cair para cerca de 50%, em 1950, mais trinta anos para ficar reduzida a 25%, em 1980, e mais vinte anos para baixar para 13,6%, no ano 2000” (FERRARO, 2004, p.198-199). A partir da constatação do autor, Rosemberg e Piza afirmam que “esta tendência evidenciaria que a nação não estava sendo capaz de alfabetizar cada nova geração, ou seja, que o ritmo de desenvolvimento da escolaridade é inferior ao ritmo de crescimento da população” (1995/1996, p.117).

Entre os anos de 1920 e 2000, houve um aumento considerável da população brasileira: em 1920 o número era de 17.557.282, passando para 119.294.889, no ano 2000 – um aumento de aproximadamente cem milhões de habitantes. Seguindo as observações de Pinto et al. (2000), há duas vertentes a ponderar:

Como dado positivo, temos o fato de que, finalmente, na década de 80, conseguimos reverter o crescimento constante até então verificado no número de analfabetos e, como dado negativo, o de que, em 2000, havia um número maior de analfabetos do que aquele existente em 1960 e quase duas vezes e meia o que havia no início do século 20 (PINTO et al. 2000, p.512).

Para o dado negativo, apresentado pelo autor (PINTO et al. 2000), é necessário analisar que, mesmo com o crescimento da população brasileira, da riqueza social e econômica, além, é claro, da ampliação do atendimento escolar, produzida no Brasil nas últimas décadas, o dado que se apresenta hoje é de que há no país mais de 16 milhões de analfabetos/as. Portanto, conforme Ferraro (2004, p.2000), “o Brasil entrou no século XXI com o desafio de alfabetizar nada menos do que 16,3 milhões de jovens e adultos analfabetos de quinze anos ou mais”.

Segundo o autor (2004, p.199), “o analfabetismo, forma extrema de exclusão em relação ao bem que denominamos educação, é apenas uma dentre as múltiplas formas de exclusão social que costumam andar juntas e que não se pode vencer isoladamente”. Galvão e Di Pierro (2007) dizem que,

[...] contextos de pobreza extrema existem também nas periferias das metrópoles brasileiras; são, porém, mais frequentes nas zonas rurais, o que repercute na distribuição desigual do analfabetismo entre o campo e a cidade. Em 2004, quando a taxa de analfabetismo na média das zonas urbanas do país era de 8,7%, esse índice se elevava a 25,8% nas zonas rurais. Isso significa que um em cada quatro brasileiros com 15 anos ou mais que vive no campo não sabe ler ou escrever um simples bilhete (GALVÃO; DI PIERRO, 2007, p.63).

Em relação aos moradores das localidades do Paredão e da Costa do Bica, das 282 pessoas com 15 anos ou mais, temos um índice de 40% de analfabetismo, ou seja, houve a (auto)declaração de 110 sujeitos – sendo 55 pessoas do gênero feminino e 55 do gênero masculino – de que não sabiam ler nem escrever.

No caso do Brasil, a desagregação dos dados por gênero só é possível a partir dos Censos de 1940. Utilizando os dados censitários do ano de 2000, Galvão e Di Pierro (2007) organizaram a seguinte tabela:

Tabela 02 - Brasil: Pessoas de 15 anos ou mais, não-alfabetizadas, por sexo, segundo os grupos de idade – 2000

Grupos de idade	Total	Homens	%	Mulheres	%
Total	15.467.262	7.526.250	48,66%	7.941.012	51,34%
15 a 17 anos	432.005	287.005	66,44%	145.000	33,56%
18 a 24 anos	1.330.327	837.329	62,94%	492.998	37,06%
25 a 29 anos	1.040.647	618.652	59,45%	421.994	40,55%
30 a 34 anos	1.197.781	670.639	55,99%	527.142	44,01%
35 a 39 anos	1.252.178	668.772	53,41%	583.406	46,59%
Mais de 39 anos	10.214.324	4.443.853	43,51%	5.770.472	56,49%

Fontes: IBGE, Censo Demográfico 2000. Organizado por Galvão e Di Pierro (2007, p.62)

A partir da tabela, vimos que no país o analfabetismo entre os homens aparece com maior visibilidade entre a faixa dos 15 aos 39 anos de idade, sendo que, a partir dos 39 anos, a porcentagem de analfabetismo entre as mulheres é mais significativa. Conforme Rosemberg e Piza (1995/1996, p.116), “a pequena diferença entre os índices de analfabetismo masculino e feminino persiste nas faixas etárias mais idosas, podendo ser considerada uma herança do passado”.

Segundo Pinto et al. (2000, p.519), “o analfabetismo atinge praticamente todas as faixas etárias, obviamente com intensidades diferentes [...]. São populações com perfis e expectativas diferentes”. Contudo, para Galvão e Di Pierro (2007):

A ampla maioria dos analfabetos é constituída por pessoas oriundas do campo, de municípios de pequeno porte, nascidas em famílias numerosas e muito pobres, cuja subsistência necessitou de mão-de-obra de todos os membros desde cedo. O trabalho precoce na lavoura, as dificuldades de acesso ou a ausência de escolas na zona rural impediram ou limitaram os estudos dessas pessoas na infância e adolescência (GALVÃO; DI PIERRO, 2007, p.16).

As ideias de Galvão e Di Pierro (2007) remetem a aspectos da entrevista realizada com Dona Ana, na época com 54 anos de idade, uma senhora casada, mãe de 03 filhos, residente da localidade Costa do Bica. Além do marido, Senhor Fileno, moravam com ela 02 filhos. Para chegar à residência de Dona Ana, uma casa de tijolos, com seis cômodos, sem energia elétrica, caminhei vinte minutos por uma estrada bastante íngreme e fui recepcionada por cachorros que portavam no pescoço um instrumento chamado *cangalha* – triângulo de madeira colocado geralmente no pescoço de porcos para não devastarem as hortas. Entendi, então, que o uso daquele instrumento nos cachorros servia para que não atravessassem a cerca de arame, melhor dizendo: eram bravos. Seu Fileno, ao escutar o alarde dos cachorros, aproximou-se sorridente e logo me convidou para entrar.

Dona Ana, o marido e o filho, este com Necessidades Educativas Especiais, são analfabetos. Pergunto a ela se teve oportunidade de estudar e ela afirma veementemente: “*Não. Eu? Eu, não. Naquele tempo nem existia colégio. É coisa muito triste*” (ANA, Costa do Bica, 26/05/2007). Os outros 02 filhos do casal estudaram apenas até a 3ª série, pois o trabalho na lavoura foi o principal impedimento para prosseguirem nos estudos. Em relação ao filho mais velho, desde cedo foi o responsável pelo sustento da família, como afirma sua mãe “*Ele trabalha no cercado³⁷ de meio hectare, é ele que faz tudo aqui em casa, que produz alimento pra todos da casa [...] e também, só meu filho que sabe lê*” (ANA, Costa do Bica, 26/05/2007).

Esta senhora está na condição de “analfabeta próxima”, definida por Stromquist (2001, p.307) “como uma pessoa que não sabe ler, mas vive com alguém que sabe”. Esse alguém que sabe é o filho, que aprendeu a ler e a escrever e é o responsável pelas informações que exigem o domínio do código escrito. Além disso, pessoas pouco escolarizadas ou analfabetas constroem estratégias para solucionar tarefas que exijam a utilização da leitura e da escrita em seu dia a dia, como afirma Galvão e Di Pierro (2007):

[...] jovens e adultos pouco escolarizados desenvolvem estratégias bem-sucedidas de sobrevivência [...], mediante a utilização de capacidades como a observação, a oralidade, a memória, o cálculo mental e, sobretudo, acionando as redes de sociabilidade e apoio de familiares, amigos e

³⁷ Segundo o Novo Aurélio Século XXI: o dicionário de Língua Portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999, p.445), a palavra *cercado* significa “trato de terra com lavoura, defendido da invasão de animais por cercas ou tapumes”.

colegas para a resolução dos problemas cotidianos (GALVÃO; DI PIERRO, 2007, p.26).

Ao situar os fatores que impossibilitam as pessoas de estudarem no interior, Scott (2004) ressalta que:

As referências sobre a impossibilidade existente de se estudar no interior, está subjacente à ideia de que estudar não é para pobre. Trabalho é trabalho e estudo atrapalha o trabalho. Para sobreviver é preciso se dedicar à labuta que é incessante (SCOTT, 2004, p.9).

Além disso, “o analfabetismo não é percebido como expressão de processos de exclusão social ou como violação de direitos coletivos, e sim como uma experiência individual de desvio ou fracasso” (GALVÃO; DI PIERRO, 2007, p.15).

Além desses relatos, Dona Ana comenta o quanto é raro sair de sua casa, até mesmo para um passeio:

É muito difícil, eu custo, barbaridade! Só quando é preciso, mesmo. Agora mesmo em Santana [da Boa Vista] faz muito que eu fui lá, eu fui quando a minha fia ganhou o gurizinho, que o gurizinho era de sete mês, né? E ela ficou lá em Santana por uns tempo, aí eu fui. Ele já tá com dois anos, a senhora já imagine? Em Piratini o Fileno vai, ele vai mais, eu não, eu custo muito pra í. Nem pra passeá. Aqui não sai nada, quando tem tempo vai no vizinho, é um horror, nós passemos mais em casa (ANA, Costa do Bica, 26/05/2007).

Depois de algumas horas de conversa, Dona Ana concluiu o diálogo dizendo: *“é boa a casinha, né? Prá pobre como eu, prá mim é boa. Só o que tá fartando é a luz prá nós, se dessem uma força na luz melhorava muito, por demais. De mais, a gente vai vivendo”* (ANA, Costa do Bica, 26/05/2007).

Ainda pensando nas questões de analfabetismo, é possível considerar a história de outra mulher, chamada Abrilina. Em maio de 2007, antes de chegar à casa dessa senhora, visualizei-a de longe, vindo por uma estrada. Percebi, no momento em que a vi, que era uma senhora idosa, mas muito forte, pois puxava com uma das mãos uma corda que estava presa a galhos de árvores e, na outra mão, portava um facão. Ao se aproximar, fiquei um pouco receosa, pois, mesmo ao me ver, continuava olhando para o chão, como se eu não estivesse ali. Cumprimentei-a e a barreira se quebrou. A senhora soltou o que trazia nas mãos e abraçou-me. Convidou-me para entrar e, carinhosamente, sentou-se ao meu lado.

Liguei o gravador com sua permissão e demos início a uma conversa descontraída, até o momento em que faço a pergunta: “Qual o seu nome?”.

A partir dessa pergunta a expressão facial da senhora muda significativamente, silenciando-se por alguns minutos, mas, logo após, responde: “*Não sei sim senhora, eu me esqueci senhora. Eu disse que não ia dá mais meu nome [pausa] a senhora pode escutá [pausa] eu não ia dá mais meu nome porque eu dô meu nome e a gente não recebe nada sinhô*” (ABRILINA, Paredão, 26/05/2007).

Essa senhora traduziu no silêncio e na recusa em dar o seu nome a insatisfação por algo. Sobre esse silêncio, Frago (1993, p.84) diz “o ser humano é um ser que fala. Que fala ou cala, que ouve ou escuta. Onde há seres humanos pode haver ou não escrita, mas sempre há linguagem”.

Calar-se e não dizer o nome é um refúgio pela condição de ainda não ser aposentada e ter que pedir alimentos para sua sobrevivência, como vemos nos excertos de sua fala:

Tudo recebe as coisa e a gente não recebe [pausa] tem que andá pur as casa descubindo bóia pa cumê, sê. Eu tenho que andá pur ali e pur aqui sê [pausa] e prá cá não dão pá gente. É sê, a senhora pode botá sentido que é mesmo. Prá cá, prá cá [pausa] aqui eles são pobi, nós semu pobi, pobi, pobi, pobizinho. Eu sô pobi, a minha casa tá aí aberta, aí sô, esperando a minha aposentadoria e nada de aparecê (ABRILINA, Paredão, 26/05/2007).

No instante em que Dona Abrilina afirmava seu descontentamento, o filho e a neta que moravam próximo chegaram. O filho interrompeu o diálogo e disse que o nome de sua mãe era Abrilina. A entrevistada de 79 anos de idade, analfabeta, indígena, mãe solteira, residente na localidade Paredão, mora em uma casa de dois cômodos de barro e santa-fé, sem água encanada e energia elétrica e sem banheiro. Além disso, ela ainda não conquistou a aposentadoria.

Dona Abrilina, ao dizer que a “*casa tá aí aberta, esperando a minha aposentadoria*”, demonstra que não fará nenhum investimento na sua residência antes de ter em mãos o salário de aposentada rural. Um exemplo desse não investimento é a falta de energia elétrica, pois sem um salário fixo, não teria condições de custear essas despesas, como narra a moradora: “*Não deu pra butá ainda sem arrumá a casa e sem dinheiro*” (ABRILINA, Paredão, 26/05/2007).

Diante de tais declarações, questiono: Como faz para se sustentar? A senhora trabalha? Ela diz: *“mais i não sê. Eu tenho que andá pur as casa seu. Podi olha minhas coisa ali, qui tá ali [um machado]”* (ABRILINA, Paredão, 26/05/2007). A sobrevivência de dona Abrilina resulta de pequenos trabalhos: capinar hortas, plantar, cortar lenha, etc.

Dona Abrilina tem a necessidade de trabalhar para sua sobrevivência e o exerce arduamente. Demonstra, também, que não gosta de morar sozinha, principalmente em dias de chuva: *“eu moro sozinha, sozinha, durmu lá naquela cama, solitinha, solitinha. Podi tá trujejando e eu tô solita”* (ABRILINA, Paredão, 26/05/2007). Quando pergunto sobre o motivo pelo qual não estudou, responde que na época não havia escola próximo a sua residência e ainda que somente tomou conhecimento do que era uma escola, depois de adulta. A imagem que segue (Fig.71) é da Dona Abrilina.

Figura 71: Dona Abrilina



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, maio/2007)

A partir dos excertos extraídos da entrevista realizada com Dona Abrilina e dos dados já apresentados sobre (não)escolaridade, podemos inferir que o analfabetismo tem relação direta com a renda da família. Rosemberg e Piza (1995/1996) afirmam que:

O analfabetismo que persiste no Brasil é, pois, fundamentalmente produto da exclusão de populações empobrecidas dos bens sociais, em especial da educação. Assim, o primeiro traço forte do analfabetismo brasileiro é sua alta relação com o nível de renda da família, relação que se mantém nas diversas regiões e nos diversos grupos etários. Residir no Nordeste ou Sudeste não afeta as oportunidades de ser alfabetizado se o rendimento da pessoa for superior a dois salários mínimos; ter 39 anos ou mais também pouco afeta – entre sulinos e nordestinos – as oportunidades de aprender a ler e a escrever, se os níveis de rendimento forem superiores. Nesse sentido, não é a região fisiográfica ou a localização urbana ou rural que determinariam, em si, os diferenciais nos índices de analfabetismo, mas a maior ou menor concentração de pobres nesses locais; o que vale dizer a maior ou menor concentração de renda em tais espaços geográficos (ROSEMBERG e PIZA, 1995/1996, p.115-116).

Pinto et al. (2000, p.521) contribuem, afirmando que: “para o país como um todo, enquanto a taxa de analfabetismo nos domicílios cujo rendimento é superior a dez salários mínimos é de apenas 1,4%, naqueles cujo rendimento é inferior a um salário mínimo é de quase 29%”.

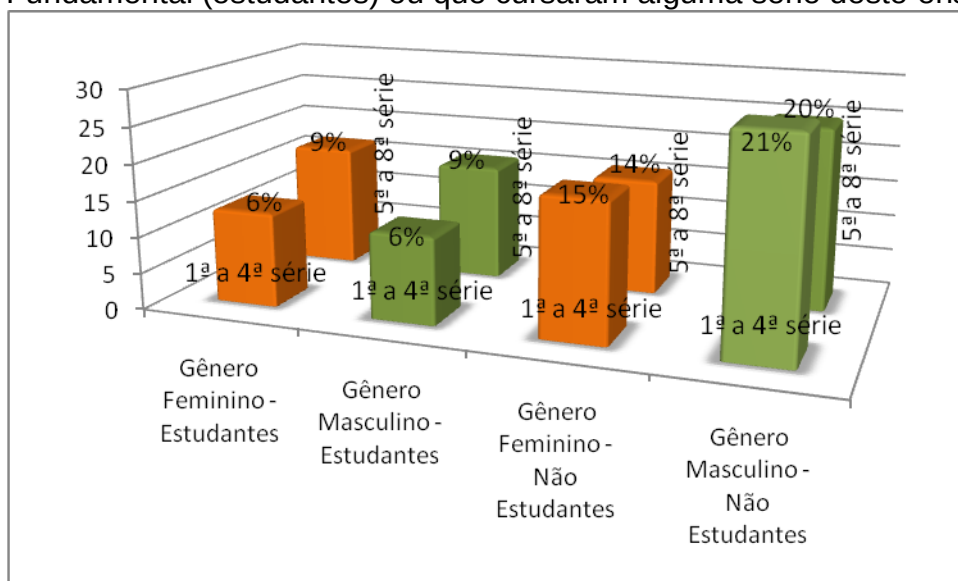
Dialogando com a afirmação desenvolvida por Rosemberg e Piza (1995/1996) e Pinto et al. (2000), saliento que, a partir dos resultados apresentados através da entrevista estruturada e especialmente revelados pelas histórias de Ana Lúcia Borges, Abrilina Nunes, Beloni Nunes Porto e Roseno Domingues, a condição socioeconômica contribuiu para o não acesso à escola para as pessoas do grupo mais idoso, especialmente, a partir dos 40 anos de idade.

Feitas as considerações em torno do analfabetismo nas duas localidades, destaco outro aspecto que merece análise, que é em relação aos moradores do Paredão e da Costa do Bica que frequentaram ou frequentavam a escola, na época da pesquisa de campo. Portanto, passo agora a apresentar os dados relativos aos estudantes matriculados na Rede Municipal ou Estadual de Ensino, 65 pessoas, bem como aqueles relativos às pessoas que frequentaram alguma série do Ensino Fundamental e Médio, mas que no momento da pesquisa não estavam mais estudando. Em um primeiro momento, serão apresentados os dados referentes ao Ensino Fundamental.

4.2.2 Ensino Fundamental

Diferentemente do movimento empreendido na seção anterior, no qual busquei apresentar os dados referentes ao analfabetismo com ênfase no total de moradores do Paredão e da Costa do Bica com 15 anos ou mais, busco agora elucidar os resultados com base na (auto)declaração no que diz respeito a ter como escolaridade alguma série do Ensino Fundamental, sendo considerados tanto aqueles que eram estudantes no momento da pesquisa de campo como aqueles que não mais frequentavam a escola. Para isso, apresento o gráfico (Fig.72) com os dados dos moradores do gênero feminino e masculino que (auto)declararam estar matriculados no ensino regular – séries iniciais e finais do Ensino Fundamental – bem como os dos que não estavam matriculados, mas que cursaram alguma série desse nível:

Figura 72: Pessoas do gênero feminino e masculino matriculados no Ensino Fundamental (estudantes) ou que cursaram alguma série deste ensino



Como podemos perceber neste gráfico, há o índice de 6% de estudantes (13 estudantes) do gênero feminino com a escolaridade abrangendo da 1ª à 4ª série, tendo a faixa etária compreendida entre 06 e 11 anos de idade. Ainda em relação aos estudantes do gênero feminino, temos um total de 16 pessoas, ou seja, 9% com escolaridade entre 5ª e 8ª série e idade compreendida entre 10 a 27 anos.

Já os estudantes do gênero masculino estão representados por 6%, ou seja, 12 pessoas (auto)declararam escolaridade entre 1ª e 4ª série e estavam com a faixa

etária entre 07 e 11 anos de idade. Em relação aos que (auto)declararam estarem matriculados em alguma série dos anos finais do Ensino Fundamental, tem-se 9%, portanto 16 pessoas, com idade compreendida entre 10 e 18 anos de idade.

Frente a esses números, emerge a necessidade de apresentar os dados dos estudantes que estavam com a idade escolar obrigatória analisando a retenção e defasagem na relação série/idade no processo de escolarização básica. Os dados a esse respeito estão apresentados na Tabela 03, a qual apresenta a proporção de estudantes sem atraso idade/série; atraso de uma série e os que estão até duas séries em atraso.

Apurar esses dados através da entrevista estruturada não foi tarefa fácil, em especial, por estar acontecendo a transição do Ensino Fundamental de oito para nove anos. Por isso, o atraso foi calculado tomando como base a idade e a série frequentada, levando em consideração essas duas dinâmicas do Ensino Fundamental, ou seja, supôs-se que as crianças de 07 anos de idade deveriam estar cursando a 1ª série ou o 2º ano; as de 08 anos, a 2ª série ou o 3º ano; e assim sucessivamente até atingir os 14 anos, quando o aluno deveria estar cursando a 8ª série ou 9º ano do Ensino Fundamental. Portanto, observando a escolaridade do grupo dos 06 aos 14 anos de idade, que se encontra na faixa etária de escolaridade básica obrigatória, temos o seguinte:

Tabela 03: Distribuição percentual das pessoas de 6 a 14 anos que frequentavam a escola, por idade escolar

Atraso na escolaridade	IDADE								
	10	7	8	9	10	11	12	13	14
Sem atraso	08%	7%	7%	8%	9%	15%	5%	12%	5%
1 série	2%	2%	2%	-	2%	2%	2%	5%	4%
2 séries	-	-	-	2%	-	-	-	-	2%

Tomando como base os dados levantados através da entrevista estruturada, se entendermos que estes alunos ingressaram no Ensino Fundamental com seis/sete anos de idade, do total de 47 crianças em que houve a (auto)declaração

estudantes, 08 estavam com a escolaridade defasada em um ano e 02 apresentaram dissonância idade/série de duas séries de defasagem.

Portanto, analisando a idade e a série (auto)declarada pelos sujeitos, foi constatado que 37 estudantes não possuíam defasagem idade/série; 10 estudantes estavam com idade superior a 14 anos, sendo 07 mulheres e 03 homens.

Em relação aos homens, houve a (auto)declaração para estes, sendo que: um estava com 16 anos de idade na 8ª série; outro com 16 anos, na 7ª; e ainda um com 18 anos, na 5ª. Entre as 07 mulheres, a situação era a seguinte: uma com 15 anos de idade estava na 7ª série; outra com 15 anos, na 8ª série; uma com 16 anos, na 5ª; uma com 16 anos, na 6ª; uma com 16 anos na 8ª; uma com 17 anos na 7ª e, a última, com 27 anos de idade na 8ª série.

Não há como precisar as causas da defasagem idade/série desses 10 estudantes, inúmeros fatores podem ter levado a essa defasagem, dentre eles o ingresso tardio na escola, a repetência, a evasão, o retorno à escola depois de adulto.

Apresentadas as informações sobre os estudantes do Ensino Fundamental, passo a expor os dados dos sujeitos que declararam não estarem estudando na época da pesquisa de campo, mas cursaram alguma série desse nível de ensino. Temos um índice de 15% das pessoas do gênero feminino que (auto)declararam ter como escolaridade as séries iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, 29 moradores, com idade compreendida entre 25 e 67 anos de idade e 14% (27 pessoas) que declaram ter as séries finais, com idade entre 16 e 60 anos de idade. No gênero masculino, 21% (39 pessoas), com a faixa etária que vai dos 22 aos 69, (auto)declararam terem cursado alguma série compreendida entre 1ª a 4ª série, e 20% (37 pessoas), com idades entre 17 e 63 anos de idade, declaram ter entre a 5ª e a 8ª série,.

Na década de 90, o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) passou a divulgar os índices quanto ao analfabetismo funcional do país, tomando como referência o número de séries escolares concluídas. Portanto, é analfabeto funcional o indivíduo com menos de quatro séries concluídas, ou seja, “apesar de ter tido acesso à escola, não conseguiu completar a educação básica, seja pela precariedade do ensino oferecido, seja pela precariedade das condições socioeconômicas a que se encontrava submetido (RIBEIRO, 1997, p.148). A autora ainda diz:

O termo analfabetismo funcional foi utilizado para designar um meio termo entre o analfabetismo absoluto e o domínio pleno e versátil da leitura e da escrita, ou um nível de habilidades restrito às tarefas mais rudimentares referentes à 'sobrevivência' nas sociedades industriais (RIBEIRO, 1997, p.145).

Se levarmos em conta o conceito de analfabeto funcional, além dos 40% de analfabetos absolutos na região, teríamos mais 36% de analfabetos funcionais, considerando aqueles com até quatro anos de escolaridade.

O índice de 36% de analfabetismo funcional no Paredão e na Costa do Bica – 15% entre mulheres e 21% entre os homens – é maior do que o índice da população brasileira, apresentado pelo IBGE (Censo 2000), como podemos analisar através da afirmação de Ribeiro (2006):

[...] o índice de analfabetismo funcional no Brasil chega perto dos 27%, segundo o Censo 2000. Mas ter sido aprovado na 4ª série garante o alfabetismo funcional? A pergunta não tem resposta categórica, pois o conceito é relativo, depende das demandas de leitura e escrita existentes nos contextos e das expectativas que a sociedade coloca às competências mínimas que todos deveriam ter (RIBEIRO, 2006, s/p).

É necessário assegurar escola de qualidade para todos na idade correta, uma vez que, como afirma Pinto et al. (2000, p.515), “se esta escola não for de qualidade, continuaremos a produzir o analfabeto funcional, que, apesar de ficar oito anos na escola, não consegue avançar além das séries iniciais”. Essa afirmação leva-nos a crer que as escolas no contexto rural das localidades pesquisadas produzem analfabetos funcionais, pois 36% dos sujeitos que residem no Paredão e na Costa do Bica são analfabetos funcionais, se tomarmos como referência os parâmetros apresentados pelo IBGE.

No momento da pesquisa de campo, realizei uma entrevista que nos faz refletir sobre o analfabetismo funcional.

No dia 10 de janeiro de 2008, cheguei à casa de Dona Eva e do Senhor Francisco; ela com 43 anos de idade e o esposo com 39 anos. Sentada à sombra de uma grande árvore, comecei as indagações referentes à entrevista estruturada. Havia três homens construindo uma casa próxima a nós. Quando indaguei sobre a escolaridade, Dona Eva disse que tanto ela quanto seu marido eram analfabetos. Nesse momento, o Senhor Francisco para o que está fazendo e se dirige a nós. Ali começamos um diálogo, contou-me que já havia estudado, mas que hoje não sabe

nem ao menos escrever o nome. Diz ele que, certa vez, há anos, houve um grupo de alfabetização de jovens e adultos no qual ele matriculou-se: *“Eu fui, aprendi um monte de coisa, mas tive que saí na época da safra”* (FRANCISCO, Paredão, 10/01/2008). Seu Francisco ingressou neste grupo de alfabetização, mas o trabalho o obrigou a abandonar os estudos por um período. Meses depois, após o término da safra, este senhor retornou para sua casa e também à escola:

Ah! mais eu voltei, só que daí as pessoas que já tavam mais adiantada riam de mim [...] daí eu fui pra casa e treinei bastante. Quando voltei pra escola já sabia o mesmo que eles, mas seguida terminô e eu não pude me formá, e depois, sem o treino, me esqueci (FRANCISCO, Paredão, 10/01/2008).

Através dos relatos do Senhor Francisco, podemos inferir que ele, depois de alfabetizado, voltou à condição de analfabeto. A esse respeito, Galvão e Di Pierro (2007) salientam que:

Alguns foram à escola por períodos curtos e descontínuos, onde realizaram aprendizagens pouco significativas, e vivenciaram experiências de fracasso, castigo e humilhação. A interrupção dos estudos e o reduzido uso social das habilidades adquiridas na escola levaram posteriormente à regressão à condição de analfabetos (GALVÃO e DI PIERRO, 2007, p.16).

Seu Francisco, pai de cinco filhos, morava em uma casa de barro e sustentava sua família com a agricultura, deslocando-se a outras cidades para trabalhar na colheita, em época de safras. Abaixo, as imagens da cena descrita, quando realizei a entrevista:

Figura 73: Realizando a entrevista



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, janeiro/2008)

Figura 74: Residência do entrevistado



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, janeiro/2008)

Refletindo sobre a trajetória escolar do Senhor Francisco, recorro às palavras de Pinto et al. (2000) quando tratam sobre este tema:

É doloroso constatar que, no Brasil, 35% dos analfabetos já freqüentaram a escola. As razões para o fracasso do País na alfabetização de seus jovens e adultos são várias: escola de baixa qualidade, em especial nas regiões mais pobres do País e nos bairros mais pobres das grandes cidades, trabalho precoce, baixa escolarização dos pais, despreparo da rede de ensino para lidar com essa população (PINTO et al, 2000, p.519).

Após uma descrição da escolaridade dos sujeitos que frequentaram ou frequentavam o Ensino Fundamental, na época da pesquisa, passo a descrever a trajetória daqueles/as que cursaram alguma série do Ensino Médio, compreendendo que a conclusão da Educação Básica é o desejável para toda a população brasileira.

4.2.3 Dados sobre a frequência ao Ensino Médio dos moradores do Paredão e da Costa do Bica

Como já dito anteriormente, no ano de 2006, na localidade denominada Passo do Bêbado, na BR 392, a 20 km de distância da localidade do Paredão, foi criada uma instituição de Ensino Médio. Nos anos anteriores, os alunos tinham que se deslocar a cidades próximas para cursar essa etapa da escolarização.

Ao apresentar aspectos sobre esse nível de escolaridade, uma questão ganhou destaque: Havendo a possibilidade de cursar o Ensino Médio em uma escola da região, qual era a trajetória escolar daqueles que concluíram a 8ª série do Ensino Fundamental e (auto)declararam estar estudando ou ter estudado alguma série do Ensino Médio ou mesmo concluído este nível de ensino?

Na tentativa de responder essa questão, busquei a trajetória dos alunos que (auto)declararam ter cursado ou estar cursando alguma série do Ensino Médio. Então, no mês de dezembro de 2009, coletei as matrículas de 2006, 2007, 2008 e 2009 da escola supracitada, referentes ao 1º, 2º e 3º anos. Essas informações foram disponibilizadas pelo Diretor da escola.

Antes de analisar o material, localizei nos dados coletados na pesquisa de campo todos aqueles/as de quem obtive a (auto)declaração de terem como escolaridade alguma série do Ensino Médio – estudantes ou não no momento da

pesquisa. Nessa condição, havia na época 23 sujeitos – 08 que eram ainda estudantes e 15 que não frequentavam mais a escola. Busquei os nomes desses 23 sujeitos no levantamento realizado diretamente nos registros da escola, sendo que 07 pessoas não foram localizadas nas fichas de matrícula da escola anteriormente citada, tendo, portanto, frequentado alguma série do Ensino Médio em outra instituição escolar, provavelmente antes da abertura dessa escola, ou seja, 2006. Contudo, foi possível averiguar a trajetória de 16 sujeitos (08 ex-estudantes e 08 estudantes) que dão indícios da realidade escolar dos moradores do Paredão e da Costa do Bica, em relação ao Ensino Médio.

A seguir, apresento a característica e a trajetória escolar desses 16 sujeitos.

Característica e trajetória escolar da ex-aluna Maria

Maria, na época da pesquisa, tinha 17 anos de idade e era casada. Como profissão declarou cuidar do lar e trabalhar na agricultura. Residia com o esposo em uma casa de barro e santa-fé. Em janeiro de 2008, afirmou não estar estudando e ter como escolaridade o 1º ano do Ensino Médio.

No registro escolar de Maria no Ensino Médio referente ao ano de 2006, consta **Abandono**. Em 2007, é registrado **Evasão** e em 2009 novamente **Abandono**³⁸.

Característica e trajetória escolar da ex-aluna Raquel

Raquel é filha de pais analfabetos, ambos trabalhavam na lavoura. O pai tinha 61 e a mãe 38 anos de idade. Moravam em casa de tábuas. Além dessa adolescente, o casal tinha mais três filhos, dentre eles uma menina que era estudante do Ensino Fundamental.

Com 17 anos de idade, na época da pesquisa, Raquel havia concluído o Ensino Médio, sendo que a trajetória escolar só foi possível a partir do ano de 2006, estando no 2º ano do Ensino Médio. Portanto, nos anos de 2006 e 2007 há a indicação nos registros escolares de **Matrícula** e a **Conclusão** desta etapa do ensino.

³⁸ Saliento que o uso dos termos: evadiu, abandonou e matriculado estão assim escritos nas matrículas dos alunos, portanto, não posso afirmar que evadiu e abandonou são usados como termos distintos, uma vez que não houve contato com o responsável da escola para saber se há ou não diferença entre estes.

Característica e trajetória escolar do ex-aluno Maique

O pai do adolescente era agricultor, analfabeto e tinha, na época da pesquisa, 58 anos de idade. A mãe, com 54 anos, declarou ter como escolaridade a 1ª série do Ensino Fundamental. Trabalhava na agricultura, e era a responsável pelo lar. A família, composta por três pessoas, morava em casa de tijolos. Maique, que estava com 17 anos de idade e era agricultor, informou não estar estudando na época da pesquisa de campo. Sua trajetória no Ensino Médio começou no ano de 2006, havendo o registro de **Abandono** em sua ficha de matrícula. No ano de 2007, fez nova tentativa no 1º ano, mas há a informação de que **Evadiu**. Por fim, há o registro no ano de 2009, de **Abandono**, ainda no 1º ano.

Característica e trajetória escolar do ex-aluno Geliar

Geliar era agricultor, tinha 20 anos de idade; sua mãe, 54, era agricultora e responsável pelo lar; o pai, 57, agricultor e analfabeto. Obtive a (auto)declaração sobre a escolaridade de Geliar, o 1º ano do Ensino Médio, porém em sua trajetória escolar consta que, no ano de 2006 **Evadiu**, e em 2007 **Evadiu**, novamente, no 1ª ano do Ensino Médio. Em 2008 há a informação de **Matrícula** no 1º ano e, em 2009, consta nos registros também a Matrícula, ainda, no 1ª ano desse nível de ensino.

Característica e trajetória escolar do ex-aluno Gilberto

Além do filho Geliar, cuja trajetória acaba de ser apresentada, o casal tinha mais cinco filhos/as, sendo que três não moravam na região, e sim em cidades da Zona Sul do Estado. Residiam na mesma casa dos pais, um filho de 16 anos de idade, estudante do Ensino Fundamental, e o outro, agricultor, com 17 anos de idade, cujo nome é Gilberto. A trajetória deste último é a seguinte: no Ensino Médio teve uma única matrícula, no ano de 2009, quando consta a informação de **Abandono** no 1º ano.

Característica e trajetória escolar do ex-aluno Carlos Eduardo

Carlos Eduardo é filho de mãe analfabeta, agricultora e responsável pelo lar, 52 anos, e pai agricultor, 47 anos de idade, este tendo como escolaridade a 2ª série. O casal tinha seis filhos, cinco moravam na casa dos pais, que é construída de tijolos, e um na cidade de Pelotas. Para compor a característica e a trajetória escolar, levantei dados de dois filhos desse casal, gêmeos, e com 17 anos de idade.

Carlos era agricultor, informou ter o 1º ano do Ensino Médio, porém, na época da pesquisa, disse não estar estudando. A partir dos registros escolares, percebemos a **Matrícula** no 1º ano do Ensino Médio, no ano de 2007; em 2008, segundo as informações, aconteceu a **Evasão** da escola, indicando, portanto, que Carlos tinha como escolaridade concluída a 8ª série do Ensino Fundamental.

Característica e trajetória escolar do ex-aluno Eliandro

Eliandro, irmão de Carlos, também era agricultor, não estava estudando e disse ter como escolaridade o 1º ano do Ensino Médio. Conforme o registro de sua escolaridade no Ensino Médio, fez uma única tentativa no ano de 2007, no 1º ano, porém, a informação é de que **Abandonou**.

Característica e trajetória escolar da ex-aluna Marizete

Marizete, 19 anos de idade, morava com os pais agricultores. O pai, 61 anos, analfabeto, e a mãe, 50 anos, declarou ter a 1ª série do Ensino Fundamental. Marizete tinha cinco irmãos, sendo que três residiam na mesma casa, que é construída de tijolos, e duas irmãs residiam na zona urbana do mesmo município. Nenhum dos irmãos encontrava-se estudando.

Em relação à trajetória de Marizete no Ensino Médio, os registros indicam que no ano de 2006 houve a **Matrícula** no 1º ano desse ensino; o qual, porém, não foi concluído.

Característica e trajetória escolar da aluna Antonielli

Antoniela, com 15 anos de idade, na época da pesquisa estava no 2º ano do Ensino Médio. Em 2007, segundo os registros escolares, houve a **Matrícula** no 1º ano do Ensino Médio, em 2008 no 2º ano e, em 2009 no 3º ano, ou seja, essa estudante concluiu o Ensino Médio. Filha única, morava com os pais e a avó, analfabeta. A mãe era responsável pelo lar, tinha 42 anos e como escolaridade a 4ª série. O pai, 46 anos e com Ensino Médio concluído, era professor. Esse era o único morador da localidade da Costa do Bica que exercia emprego remunerado.

Característica e trajetória escolar do aluno Jonas

O estudante de 14 anos de idade era filho único de pai agricultor, com a 3ª série, 30 anos de idade. A mãe, com 33 anos e a 5ª série, era responsável pelo lar,

além do trabalho na agricultura. A família residia em casa de barro e santa-fé. Em 2008, Jonas ingressou no Ensino Médio, mas logo **Abandonou**, em 2009 fez nova tentativa ainda no 1º ano, mas também, **Abandonou**.

Característica e trajetória escolar da aluna Glaubiane

Glaubiane era filha única. Com 14 anos de idade, estudante, era casada com um agricultor de 20 anos, o qual tinha como escolaridade a 8º série. O casal residia em casa de tijolos. A trajetória de Glaubiane foi a seguinte: em 2008 ingressou no Ensino Médio, já que aparece nos registros da escola sua **Matrícula** e, em 2009, há a informação de **Matrícula** no 2º ano desse ensino, indicando, portanto, que não houve retenção no 1º ano do Ensino Médio.

Característica e trajetória escolar do aluno Válber

O adolescente tinha 14 anos de idade e era estudante, filho de mãe agricultora e responsável pelo lar, analfabeta, com 42 anos de idade, e pai, 50 anos, também agricultor, tendo cursado a 4ª série. Na casa construída de tijolos, além do adolescente acima referido, também residia o outro filho do casal, estudante do Ensino Fundamental.

Para o caso que estamos estudando, em 2009 há o registro de **Matrícula** no 1º ano do Ensino Médio.

Característica e trajetória escolar do aluno Igor

O estudante referido, com 15 anos de idade, era filho de pais agricultores, tendo a mãe, que além da agricultura era a responsável pelo lar, 30 anos e cursado a 6ª série. O pai, 44 anos, era analfabeto. Além de Igor, morava com o casal em casa de tijolos com cobertura de santa-fé, a irmã mais nova, também estudante, mas do Ensino Fundamental.

Em relação à trajetória escolar de Igor, no Ensino Médio, os registros apontaram o seguinte: no ano de 2008, há indícios de que houve a **Matrícula** no Ensino Médio e, em 2009, houve o **Abandono** ainda no 1º ano desse ensino.

Característica e trajetória escolar do aluno Elielso

Os pais de Elielso moravam em casa de tábuas. O pai, 47 anos de idade, agricultor, era analfabeto; a mãe, 36 anos, possuía até a 4ª série, era responsável

pelo lar e também agricultura. O casal tinha quatro filhos, sendo que apenas um não residia mais com o casal.

Elielso, com 16 anos de idade, era estudante. Em 2007, há o registro de que houve sua **Matrícula** no 1º ano Ensino Médio, em 2008 houve a **Matrícula** no 2º ano e, em 2009 no 3º ano, portanto, esse estudante concluiu o Ensino Médio.

Característica e trajetória escolar da aluna Isabela

Isabela, de 17 anos de idade, na época, era estudante, casada com agricultor de 28 anos, o qual declarou ter a 5ª série do Ensino Fundamental. O casal morava com os pais de Isabela, os quais eram agricultores, analfabetos e, ambos, tinham 48 anos de idade. Na casa de tábuas, ainda residiam seis irmãos de Isabela.

Em relação à trajetória escolar de Isabela no Ensino Médio, consta o seguinte: em 2006 aparece a **Matrícula** no 1º ano, em 2007 a informação foi de **Matrícula**, mas agora no 2º ano. Os registros de 2008 apontam que Isabela reprovou no 2º ano, já que consta que a mesma **Evadiu**, ainda no 2ª ano, em 2008.

Característica e trajetória do aluno Arizoli

Arizoli residia com os pais em uma casa de tábuas com cobertura de santa-fé. A profissão da mãe, de 54 anos de idade, era cuidar do lar e trabalhar na agricultura, e do pai, 51 anos, agricultor. Além de Arizoli, o casal tem outra filha, Maria, sendo que esta também teve a trajetória escolar no Ensino Médio apresentada. Houve a (auto)declaração para o casal como sendo analfabetos. Arizoli, com 19 anos de idade, estudante, cursava o 1º ano do Ensino Médio, tendo a seguinte trajetória: no ano de 2006 há o registro de que o estudante foi **Matriculado** no 1º ano do Ensino Médio; no ano de 2007 novamente houve a **Matrícula** nesse mesmo ano de escolarização, o que permite inferir que repetiu o ano; em 2008 há a informação de **Abandono** dos estudos e, em 2009, o registro é também, de **Abandono**, ainda no 1º ano. Foram quatro anos entre matrícula e abandono e, no entanto, não conseguiu avançar para o 2º ano do Ensino Médio. A seguir, a imagem captada na casa dessa família, a Bandeira do Brasil:

Figura 75: Bandeira do Brasil fixada na casa da família de Arizoli



(Foto: SILVA, Darlene, Paredão, maio/2007)

Em uma região onde o índice de analfabetismo é maior do que qualquer outro nível de escolaridade, vimos também o insucesso escolar entre os estudantes e ex-estudantes de Ensino Médio, seja pela reprovação/retenção/repetência ou abandono/evasão, caracterizado pela exclusão da escola.

O conceito de exclusão está aqui representado com o objetivo de “denunciar a intolerância para com a diferença, a perda dos direitos conquistados pela instituição do Estado de Bem-Estar Social e, no limite, a perda do direito a ter direito” (DEL PINO et al., 2008, p.5).

As trajetórias revelaram que, dos 08 ex-estudantes, apenas Raquel, de 17 anos de idade, concluiu o Ensino Médio. Portanto, os outros 07, não conseguiram vencer os obstáculos do 1º ano – abandono/evasão e reprovação, haja vista que apenas ingressaram em 2006, 2007, 2008 e 2009, mas não avançaram para além do 1º ano do Ensino Médio.

Quanto àqueles que estavam estudando na época da pesquisa, totalizando 08 pessoas, Antonieta e Elielso concluíram o Ensino Médio, e Glaubiane, o 2º ano desse nível de ensino, sem retenção no 1º ano. Contudo, as trajetórias de 04

estudantes revelaram o fracasso escolar, sendo que o termo fracasso escolar está aqui definido como “presença de pelo menos um episódio de reprovação e/ou evasão” (DAMIANI, 2006, p.459). As trajetórias permeadas por reprovações, abandonos e evasões mostraram uma realidade de fracasso escolar, visto que, mesmo com duas, três ou quatro tentativas, muitos não conseguiram aprovação para o 2º ano do Ensino Médio. Fazendo referência à reprovação, Del Pino et al. (2008) afirma que:

O sistema escolar inventou e instaurou a repetência como mecanismo regular para lidar com os complexos fatores internos e externos à escola, que inibem o ensino e a aprendizagem eficazes no meio escolar [...] os agentes escolares tendem a ver a repetência como um problema externo à escola, gerado na família e alimentado pelo próprio estudante e, como tal, carente de soluções externas. Por outro lado, os pais tendem a internalizar o ponto de vista escolar e a aceitar os prognósticos e as predições dos professores a respeito da capacidade de aprendizagem de seus filhos (DEL PINO, 2008, p.8).

Ao tratar sobre o estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar, Angelucci et ali. (2004) refere que a pesquisa vem percorrendo reveladores caminhos, os quais apontam o fracasso escolar como fenômeno estritamente individual, ou melhor, um problema psíquico, havendo a culpabilização das crianças e de seus pais; o fracasso enquanto um problema técnico, recaindo a responsabilidade ora para o aluno, ora para o professor e ainda uma questão institucional e política.

Porém, analisando as trajetórias dos ex-estudantes e estudantes, na época da pesquisa de campo, que apresentaram insucesso escolar, uma questão ganha forma: Que escola é essa que não acolhe? O que e como ensina? Não tenho a pretensão de responder tais questões, pois fogem dos limites deste estudo, porém, há indícios de que a escola desconhece as reais necessidades de seus alunos, suas necessidades e aspirações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal apresentar as condições socioeconômicas e de (não)escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica e como objetivos específicos a identificação da realidade de homens, mulheres e crianças dessas localidades bem como, o levantamento do nível de escolaridade dos habitantes inseridos nesse universo.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na aplicação de uma entrevista estruturada, cujo objetivo, inicialmente, era fazer uma investigação exploratória do espaço no qual o estudo seria desenvolvido posteriormente, ou seja, recolher informações acerca da realidade dos moradores das localidades pesquisadas. Os resultados obtidos nessa etapa não seriam utilizados na dissertação. Porém, pela importância e volume dos dados coletados na pesquisa de campo, as análises apresentadas nesta dissertação configuraram-se com base em dados quantitativos provenientes dessa pesquisa inicial. Além disso, na tentativa de dar maior visibilidade aos resultados, foram apresentados fragmentos da realidade investigada através de imagens, relatos escritos no Diário de Campo e entrevistas semiestruturadas.

Nas localidades do Paredão e da Costa do Bica foram analisados os dados sobre as condições socioeconômicas e de (não)escolaridade - obtidos através de entrevista estruturada - de 344 moradores, sendo que os responsáveis pela (auto)declaração das informações desse número total de moradores foram as 114 pessoas entrevistadas.

Os dados apresentados foram organizados em quatro eixos básicos sobre a (não)escolaridade do moradores do Paredão e da Costa do Bica: os que não estavam matriculados; os que estavam matriculados na rede Municipal ou Estadual de ensino; os que não frequentavam mais a escola; os que nunca frequentaram a escola.

Do universo de 344 moradores das duas localidades pesquisadas, 59 eram crianças, entre as quais havia 20 com idades entre zero e 06 anos, portanto fora da idade escolar obrigatória, que não frequentavam escola no momento da investigação. Esse fato aponta para a inexistência de Educação Infantil na região. A Constituição Brasileira estabelece que o dever do estado com a educação será efetivo mediante garantia de atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a 06 anos. No entanto, dados do IBGE em 2006, mostraram que mais de três milhões de crianças, nesta faixa etária, moram no meio rural, sendo que destas, apenas 5% estavam estudando, reforçando o quanto as crianças que residem na zona rural estão excluídas nesta faixa etária.

Ainda considerando esse universo de pessoas, obtive a (auto)declaração de 65 estudantes, sendo 57 matriculados no Ensino Fundamental. Relativamente aos alunos do Ensino Fundamental, os dados evidenciaram que 10 estavam com idade superior a 14 anos e 47 estavam com idades entre 6 e 14 anos, ou seja, condizente com a faixa etária da escolaridade obrigatória. Considerando que esses 47 alunos ingressaram na escola com seis/sete anos de idade, constata-se que 37 não estavam com a escolaridade defasada e 10 estavam com idade/série de até dois anos de defasagem. Um número pequeno, portanto, de defasagem idade/série, um dos problemas mais sérios do sistema educacional brasileiro.

No que diz respeito aos alunos do Ensino Médio, há dados relativos às trajetórias escolares de 16 estudantes e ex-estudantes, trajetórias essas apresentadas no corpo desta dissertação. Desses 16 jovens, 08 estavam matriculados no Ensino Médio no ano em que foi realizada a pesquisa, número relativamente baixo de estudantes, haja vista que existiam 31 moradores com a faixa etária entre os 15 e 19 anos, idade desejável para a conclusão dessa etapa do ensino. Cabe destacar que dos jovens que tiveram suas trajetórias no Ensino Médio analisadas (estudantes ou não) 03 concluíram esse nível de Ensino Médio.

Considerando o total de jovens que tiveram matrícula no Ensino Médio (16) e o número daqueles que concluíram essa etapa do ensino (03) entendo que o fracasso escolar aparece como uma forte presença em suas trajetórias, já que, de acordo com as fichas de matrículas obtidas na escola em que estudavam/estudaram, há apontamentos de abandono/evasão ou reprovação no registro de 13 estudantes, marcas essas características do processo denominado exclusão escolar, o que podemos inferir a partir dos dados apresentados, a grande

maioria da população dessas localidades não terá o Ensino Médio completo e possivelmente não chegarão ao Ensino Superior, mesmo em um momento de expansão desses níveis de ensino no Brasil, realidade esta que ainda não se aplica as duas localidades pesquisadas.

Outra categoria analisada refere-se àqueles que, na época da pesquisa, não frequentavam mais a escola, totalizando 155 pessoas. Destes, 68 moradores cursaram alguma série dos anos iniciais do Ensino Fundamental; 64, as séries finais desse nível de ensino; 15 moradores cursaram alguma série do Ensino Médio; e 02, o Ensino Superior. Além desses, houve a (auto)declaração de 06 pessoas que cursaram alguma série do Ensino Fundamental, mas declararam-se analfabetas.

Para os casos em que obtive a (auto)declaração como nunca tendo frequentado uma instituição escolar, o dado é de 104 pessoas, declaradas como analfabetas.

Tomando como referência o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), podemos perceber a expansão do sistema educacional no país, uma vez que, de 1920 até 2000, o índice de analfabetismo no Brasil reduziu de 64,9% para 13,6%. Essa expansão, no entanto, absolutamente necessária é ainda bastante modesta, considerando o aumento significativo do número de analfabetos entre a população brasileira com 15 anos ou mais. Há de se observar, também, no que concerne à questão, que o número total da população do país cresceu no transcorrer dos anos, de 17.557.282 habitantes, em 1920, para 119.533.048, em 2000.

Nas localidades do Paredão e da Costa do Bica, o índice de analfabetismo entre as pessoas de 15 anos ou mais era de 40%, ou seja, 110 pessoas em um universo de 282 moradores – sendo 58 do gênero feminino, com idade compreendida entre 19 e 100 anos, e 52 do gênero masculino, com a idade entre 20 e 88 anos.

Os dados coletados trazem indícios de que o analfabetismo entre os moradores do Paredão e da Costa do Bica está relacionado a fatores sociais, históricos e educacionais.

No que contempla tal análise, o analfabetismo entre os moradores residentes nas localidades investigadas é visivelmente acentuado entre a população mais velha e a causa está relacionada à dificuldade de acesso dessas pessoas à escola, no período em que as mesmas estavam em idade para tal fim (de 1910 a 1970), bem

como à necessidade de trabalharem, juntamente com seus pais, nas atividades agrícolas. Fato que reforça a ideia de que as condições sócio-histórico-educacionais não propiciaram o estudo a esses homens e a essas mulheres. Os dados revelaram que a idade desses moradores foi decisiva para viverem na condição de analfabetos ou com baixa escolaridade. Atualmente, os jovens ingressam na escola, porém não permanecem nas instituições formais, especialmente no de Ensino Médio (fora da escolaridade obrigatória, ou seja, maiores de 14 anos), como foi constatado nesta investigação. Ainda que haja acesso à educação, as escolas não oferecem condições para que os alunos permaneçam na sala de aula. Frente ao exposto, há nos achados desta investigação a constituição de um paradoxo: antes não havia acesso à escola, hoje esse está garantido, entretanto faltam propostas político-pedagógicas que possibilitem a permanência dos estudantes da zona rural nas instituições públicas de ensino.

Isso indica que a tão propalada democratização do ensino ainda não é uma realidade para toda a população brasileira. Há, ainda, necessidade de políticas educacionais específicas para certos grupos sociais e comunidades. No caso das duas localidades de Piratini muito ainda há para ser feito, em especial na garantia da Educação Infantil, do Ensino Médio e da possibilidade dos moradores de frequentarem cursos superiores. Contudo, o estudo mostra, também, que políticas educacionais não podem vir descoladas de políticas sociais, culturais e econômicas. Alternativas de geração de renda, em especial, devem estar na pauta dessas políticas.

Por fim, saliento que, ao realizar a pesquisa de campo, entendi o porquê de minha inquietude ao querer desenvolver uma investigação no Paredão e na Costa do Bica. As lembranças da minha infância, originadas dos meus tempos de menina na zona rural, e a experiência como educadora em uma escola situada próxima às localidades do Paredão e da Costa Bica, a partir da qual pude perceber a realidade lá existente, realidade marcada pelo estigma da pobreza e do analfabetismo, possibilitaram-me perceber que, para além das questões propriamente de investigação, há laços emocionais e éticos que me unem àqueles lugares e àquelas pessoas. Sentir o cheiro da terra molhada após uma chuva de verão, acordar com o canto do galo, conversar com os velhos do lugar, indignar-me com o descaso histórico-social-educacional que se estende no transcorrer dos tempos naqueles locais, fizeram-me, enfim, viver... reviver... comprometer-me com aquelas pessoas,

as quais prefiro chamar de parceiros, amigos, sujeitos autores desta investigação. Com suas falas, seus silêncios e seus olhares, eles (re)significaram a minha história como mulher, educadora, pesquisadora e, principalmente, como ser humano.

Referências:

ABREU, Márcia. Os números da cultura. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. – 2. ed. - São Paulo: Global, 2004.

AINDA Estamos Aqui. **Exposição Museu Histórico Farroupilha**. Piratini, 2000.

ALMEIDA, Davi. **História do município de Piratini**: roteiro histórico e sentimental. 2.ed. Piratini: Gráfica C.E.A.J., 1997.

ANGELUCCI, Carla Biancha et al. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n. 01, p.51-72, jan./abr. 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Diário de campo**: a antropologia como alegoria. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **A pergunta a várias mãos**: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. – 2. ed. - São Paulo: Global, 2004.

COSTA, Antônia Francisca Silva et al. As relações étnico-racial e de gênero nos processos educacionais. In: SILVA, Jailson de Souza e; BARBOSA, Jorge Luiz; SOUSA, Inês (orgs.). **Desigualdade e diferença na universidade**: Gênero, etnia e grupos sociais populares. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

DAMIANI, Magda Floriana. Discurso pedagógico e fracasso escolar. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, vol.14. n.53, p.457-478, out./dez. 2006.

DEL PINO, Mauro Augusto Burkert et al. A escola pública e a construção de um dispositivo pedagógico de exclusão escolar. **31ª Reunião anual da ANPEd**, Caxambu: outubro, 2008.

FERRARO, Alceu Ravanello. **Diagnóstico da escolarização do Brasil**. XVII Reunião anual da AMPEd. Caxambu: setembro, 1999.

_____. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

_____. História quantitativa da alfabetização no Brasil. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. 2.ed. São Paulo: global, 2004.

FRAGO, Antonio Viñao. **Alfabetização na sociedade e na história**: vozes, palavras e textos. Porto alegre: artes médicas, 1993.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007.

GAMBOA, Silvio Sánchez. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez (Orgs.). **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GAMBOA, Silvio Sánchez. Tendências epistemológicas: dos tecnicismos e outros “ismos” aos paradigmas científicos. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez (Orgs.). **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GHIGGI, Gomercindo. Biografando experiências com a escola rural: refletindo com a prática. In: HENZ, Celso Ilgo; GHIGGI, Gomercindo. **Memórias, diálogos e sonhos do educador**: homenagem a Balduino Antônio Andreola. Santa Maria: Pallotti, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, Vanise dos Santos. **Ensaio para além da representação**: palavras e rostos de sujeitos analfabetos. 2007. 235 f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GONÇALVES, Bruno Silva et. al. Gênero como configuração da desigualdade: o gênero desvelado. In: SILVA, Jailson de Souza e; BARBOSA, Jorge Luiz; SOUSA, Inês (orgs.). **Desigualdade e diferença na universidade**: Gênero, etnia e grupos sociais populares. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar: Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000** - Documentação dos Arquivos de Dados: situação em 2000. Rio de Janeiro: IBGE, Julho/ 2002. Disquete.

LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Nº 9.394/96.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PERES, Eliane (org.). **Memórias de Alfabetização**. Pelotas: Seiva, 2007.

PERROT, Michele. **Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINTO, José Marcelino de et al. Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, vol. 81, n. 199, p. 511-524, set./dez. 2000.

QUEVEDO, Gisele Dutra. **Levantamento histórico cultural da cidade de Piratini (RS)**. 2007. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)- Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodologias para a pesquisa. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XVIII, n. 60, p.144-158, dez. 97.

_____. Por mais e melhores leitores: uma introdução. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. – 2. ed. - São Paulo: Global, 2004.

_____. Analfabetismo e analfabetismo funcional no Brasil. **Reescrevendo a Educação**, 2006. Disponível em: http://www.ipm.org.br/ipm_pagina.php?mpg=4.07.01.01.00&num=24&ver Acesso em: 07 fev. 2010, às 15h32min.

ROSEMBERG, Fúlvia; PIZA, Edith. Analfabetismo, gênero e raça no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, p. 110-121, dez./fev. 1995/1996.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. Pesquisa quantitativa *versus* pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez (Orgs.). **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHAFFNER, Fábio. Mundo esquecido no coração do Rio Grande “Comunidade de descendentes de índios tupis-guaranis e tapes vivem longe da civilização e tentam manter suas propriedades, resistindo aos apelos da vida urbana” Antropologia, p. 42-43. **Zero Hora**, Porto Alegre, 20 ago. 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Vol.20 n.2, p.71-99, jul./dez.1995.

SCOTT, Russel Perry. Monoparentalidade, analfabetismo e políticas de gênero e geração. **XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP. Caxambu: setembro, 2004.

SERRA, Elizabeth D' Angelo. Políticas de promoção da leitura. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. – 2. ed. - São Paulo: Global, 2004.

SILVA, Darlene Rosa da. **Diário de campo**. Jan./fev. 2008.

SMECD. Secretaria Municipal de Educação Cultura e Desporto. **Memória de Piratini**, 2005.

SOARES, Magda. **Metamemória-Memórias**: travessia de uma educadora. São Paulo, Cortez, 1991.

STROMQUIST, Nelly. Convergência e divergência na conexão entre gênero e letramento: novos avanços. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n. 02, p.301-320, jul./dez. 2001.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VERGARA, Miguel Arturo Chamorro. **Cotidiano e memória na cidade histórica de Piratini-RS**. 1997. 191 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Apêndices

APÊNDICE A – Entrevista estruturada

CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA E DE (NÃO)ESCOLARIDADE

Data: ----/-----/-----

Entrevistada(o):

Localidade:

Idade:

Descendência étnica/origem:

Profissão:

Escolaridade:

Houve reprovação:
da localidade em que reside?

Estado civil:

Já exerceu emprego remunerado fora

Onde:

Residem na casa	Grau parent.	Idade	Descendência	Profissão	Escolaridade

Filhos que não residem com os pais	Idade	Mora na localidade pesq.?	Exerce emprego remunerado? Onde?	Escolaridade

Quantos anos moram no local/localidade:
da casa:

Material da construção da casa:

Cômodos

Banheiro no interior da casa:

Televisão:

Rádio:

Telefone celular:

Automóvel:

Geladeira:

Energia elétrica:

Água encanada:

Horta/plantações:

APÊNDICE B – Entrevista semiestruturada

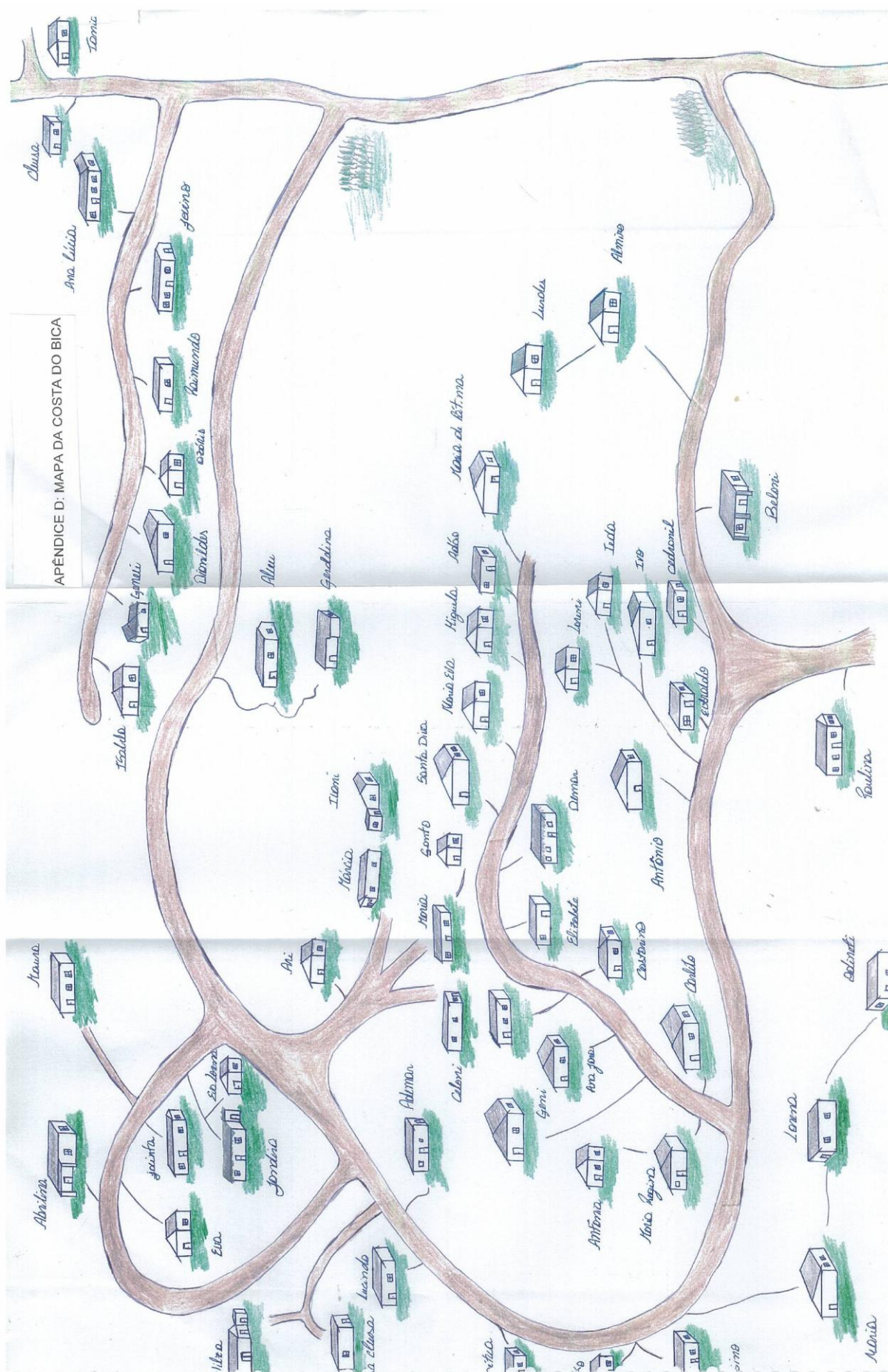
- 1) Nome:
- 2) Escolaridade?
- 3) Por qual motivo não prosseguiu nos estudos?
- 4) Tens o hábito da leitura? O que lê?
- 5) Qual foi a última vez que leu algo?
- 6) Que livros têm em casa?
- 7) Qual a importância de ter aprendido a ler e escrever?
- 8) Com que frequência à família vai à cidade mais próxima?
- 9) Lazer?

APÊNDICE C**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO****AUTORIZAÇÃO:**

Eu _____ autorizo o uso de minha entrevista e a divulgação de meu nome, bem como, o nome das pessoas de minha família, as quais forneci informações, para fins de pesquisa, podendo divulgá-lo em eventos científicos, artigos, trabalhos e outras publicações acadêmicas. Estou ciente que esta autorização abrange, também, o uso de fotografias.

Local e Data: _____

Assinatura: _____



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Maria Fernanda Monte Borges – CRB-10/1011

S586a Silva, Darlene Rosa da
Aspectos socioeconômicos e de (não) escolaridade dos
moradores do Paredão e da Costa Bica (Piratini, RS). /
Darlene Rosa da Silva. ; orientadora : Eliane Teresinha
Peres . – Pelotas, 2010.
150 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
Universidade Federal de Pelotas.

1. Analfabetismo. 2. Condição socioeconômica. 3.
(Não)Escolaridade. I. Peres, Eliane Teresinha, orient. II.
Título.

CDD 370